

*Revista do*  
**ENSINO**

*Eduardo Gómez Pereira*



Publicação da Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul

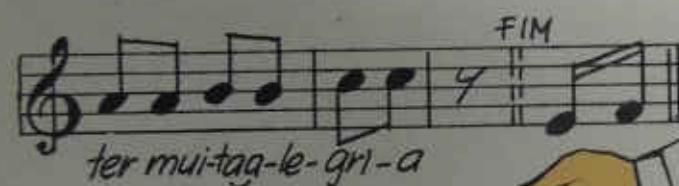
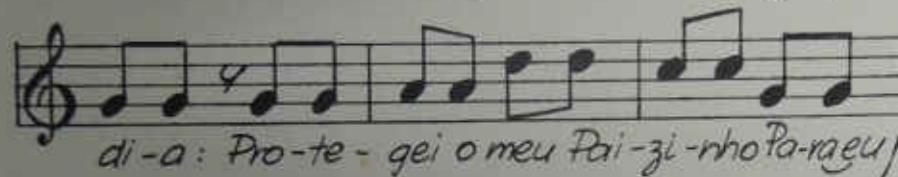
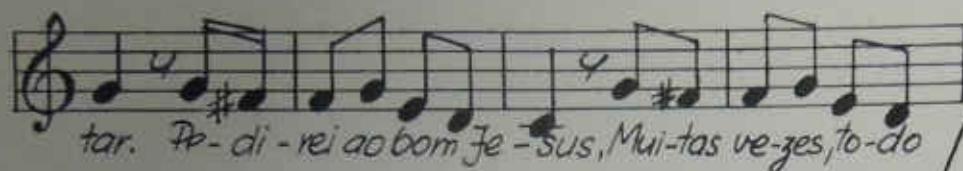
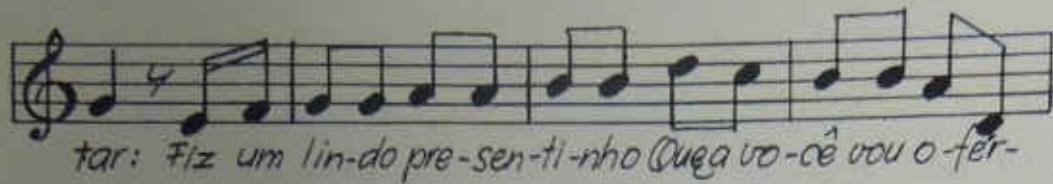
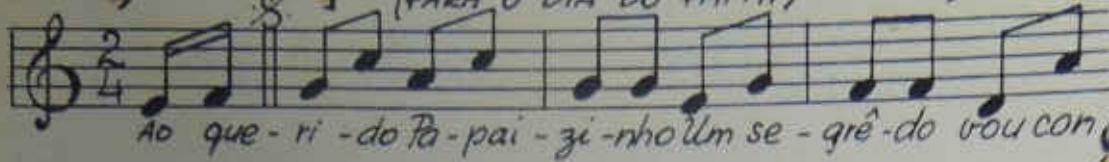


**SECRETARIA DA S.E.C.**

# Filho querido Papaizinho

(PARA O DIA DO PAPAI)

Letra e música de  
VERA BRAGA  
NUNES  
D.F.



# Revista do ENSINO

ANO VII

JUNHO DE 1958

N.º 53

## ÍNDICE

### INSTRUÇÕES E COMUNICADOS DO C.P.O.E.

	Pág.
Instrução n.º 1	
Comemorações nas Classes Pré-Primárias	2
Instituições Complementares da Escola — Prof. Olga Bragança Maciel	10
Linguagem	35

### FALAM OS EDUCADORES

Luiz Alves de Mattos	7
----------------------	---

### TRABALHOS MANUAIS

Aplicações decorativas do arroz — Profs. Ruth Ivoty Torres da Silva e Maria Alba Torres	22
---	----

### OBSERVAÇÕES E EXPERIÊNCIAS

Sobre o Calor — Prof. Luiz Macedo	11
-----------------------------------	----

### FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO

Subsídios aos Educadores	26
A Criança Problema — Trad. pela Prof. Consuelo Pinheiro	40

### METOLOGIA

Metodologia do Ensino Religioso Prof. Madre Tereza de Cristo Lezíer O. S. U.	23
Sistema Legal de Unidades de Medida — Prof. Roberto Peixoto	27
A Leitura da Matemática (Tradução) — Uma Experiência — Prof. Irmã Natalina	33
Dez Nãos no Ensino de Aritmética — Prof. Irene de Albuquerque	42
	32

### PRÁTICA DE ENSINO

Escrita e Leitura de Quantias — Prof. Jayza Vieira Pinheiro	34
Exercícios e Divertimentos — Prof. Gilda Garcia Bastos	36
Jogos de Leitura	38

### EDUCAÇÃO FÍSICA

Recreação Física da Criança — Prof. Ten. Cel. Jacintho F. Targa	12
---	----

### PSICOLOGIA

	Pág.
Apresente seu Problema — Dr. Gonçalves Fernandes	46
Caminho Vitorioso — Prof. José Maria Gaspar	47
A Importância do Teste Binet	53
Introdução ao Estudo da Psicologia das Relações Humanas — Prof. Riva Bauzer	54

### EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA

Festas Juninas — Festas Folclóricas — Prof. Helena da Silva Pinto Vieira	15
Vem Cá, Sinhá (música) — Profs. Helena da Silva P. Vieira e Odila Macedo Lima	16
Festa no Arraial — Sortes de S. João — Menina da Roça — Prof. Helena da Silva P. Vieira	17
Da Jardineira para a Jardineira	17
Enxadinho — Faria Netto	17
Recorte e Dobradura	18
Os Brinquedos — Profs. Altair Rêgo Vieira e Maria do Carmo Maia	21

### EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

Foi o que a Brisa Viu — Prof. Madre Maria José	19
--	----

### EDUCAÇÃO RURAL

Requeijão — Prof. Inálida Xavier da Silva	25
Importância das Indústrias Rurais Caseiras	25

### SEÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Como Educar Pais e Filhos — Prof. Genérice A. Vieira	59
Matemática para Escola Primária	61
Livros para a Jardineira	62

### ASSUNTOS DIVERSOS

As 8 Regras Aureas da Vida em Comum	39
Os Cargos de Direção — Prof. Mário Pires	43
E Preciso Olhar a Vida Inteira com — Trad. por Regina Helena Tavares	45
Ordenação do Ensino Primário — J. Roberto Moreira	48
O Contador de Histórias — Prof. Malba Tahan	57

Desejamos estabelecer permuta com revistas similares.  
On désire établir l'échange revues similaires.

We wish to establish exchange with similar publications.

Impresso nas Officinas Gráficas da Imprensa Oficial.

# Comunicado do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais da Secr. de Educação e Cultura do R. G. do Sul

## Instrução n.º 1

As comemorações das classes pré-primárias es-taduais, atentos os objetivos da educação e as condições biopsíquicas do escolar desse nível, dever-se-ão processar de acordo com as diretrizes pedagógicas constantes do Comunicado n.º 2 de 30 de abril de 1958.

Ass. Dir. Alda Cardozo Kremer

## Comunicado n.º 2

### COMEMORAÇÕES NAS CLASSES PRÉ-PRIMÁRIAS

Além das atividades de caráter geral, que são comuns a todas as instituições que se destinam à educação do pré-escolar, há uma delas que é muito empregada sob dois aspectos: o primeiro, para motivar a criança à realização de uma série de atividades informais, mas que visam dar-lhe uma oportunidade de desenvolver suas habilidades, como colorir, recortar, e outras; o segundo, é apresentar aos pais e membros da comunidade as habilidades que a criança desenvolveu durante um certo período de freqüência ao Jardim de Infância.

Não seria necessário salientar, aqui, que estas atividades a que nos referimos e que são tão empregadas no Jardim de Infância, são as Festas Escolares.

Poderíamos, para uma melhor apreciação das mesmas, subdividi-las de acordo com a marcha do trabalho no Jardim de Infância e teremos, então, a primeira festa escolar de que a jardineira lança mão: A Páscoa.

Esta festa, pela época em que se realiza, logo após o inicio das atividades letivas, muito contribui para ambientar a criança no Jardim de Infância. Deve, por isso mesmo, levar o nome de festa, apenas para a criança, visto que para ela basta um ambiente alegre, um pouco de música, uma ornamentação interessante, para que seja uma festa.

A festa da Páscoa deve ser, para a criança, uma festa para os olhos e para o coração.

Realizada num ambiente que proporcione o maior e mais íntimo convívio social entre as crianças, ela não deve exigir números especiais, nem apresentar-se em cenários que não sejam o da pró-

pria sala de aula, pois a criança, com vinte ou trinta dias de freqüência ao Jardim de Infância, não está suficientemente preparada para enfrentar auditórios de crianças maiores ou adultos, embora algumas delas possuam desenvolvimento e desembaraço tais que nos levam a pensar que dispensam esses cuidados. Portanto, a festa da Páscoa poderá se resumir, por exemplo, numa reunião das crianças do Jardim, onde uma delas, representando o coelhinho, acompanha os coleguinhas na procura dos ninhos.

As cantigas favorecerão e embelezarão o momento festivo e, nessa ocasião, poderá a Jardineira, quer com cantigas relativas à Páscoa, quer com a ginástica imitativa ou outras atividades, salientar a data comemorativa.

Em síntese, a festa da Páscoa consiste mais numa preparação para ela, com as atividades que a criança realiza de pintura, desenho, ornamentação da sala e durante as quais vai trocando e recebendo impressões e colaboração dos colegas, isto é, desenvolvendo mais a convivência entre as crianças do que propriamente constituindo preocupação com a apresentação da festa.

Segundo o calendário de comemorações do Jardim de Infância, surge, no mês de maio, uma festa que é muito grata à criança e que deve ser precedida de uma preparação especial: o Dia das Mães.

Com palestras e outras atividades, destinadas a ressaltar a função materna, é a festa do Dia das Mães uma comemoração simpática, que entusiasma a criança que deseja oferecer algo à sua mãe ou àquela que a representa.

Esse algo, embora muito imperfeito, deve ser trabalho da própria criança e não da Jardineira ou de pessoas que possuam conhecimentos especializados no assunto.

Qualquer objeto, até mesmo um desenho que a criança faça, representando o retrato da mãe é muito valioso para ela que o fêz e para a própria mãe, que verifica o carinho de seu filhinho para homenageá-la no "seu" dia.

Muitas vezes, fazendo coisas perfeitas para que a criança as ofereça, na festa, como trabalho seu, está a professora, implicitamente, inibindo a criança que, por falta de maturidade, é incapaz de

realizá-las perfeitas e, ao mesmo tempo, ensinando-a a enganar aqueles que não conhecem a realidade.

É evidente que, sendo a festa em comemoração ao Dia das Mães, estas devam dela participar como assistentes ao auditório. Nesse caso, dada a maior ambientação da criança no Jardim e ao entusiasmo que a mesma demonstra em homenagear sua mamãe, poderá o Jardim de Infância abrir suas portas às mães convidadas.

Essa festa, tendo em vista seu alto grau de significação, não deve exigir esforço exagerado nem artificialismo da parte da criança, basta, portanto, para a mamãe que vai lá receber homenagem do seu filhinho, uma cantiga que lembre o acalento com que se embala o nenê e que, cantada pelas vozinhas infantis, tocam muito mais profundamente o coração da mãe do que as dramatizações luxuosas e os cenários teatrais.

Um bater de palmas, já que a palma para a criança significa festa, uma singela flor amarrada àquela lembrança que representa o esforço da criança para homenagear a mãe estreitarão muito mais, para o Jardim de Infância, os laços de união lar e escola.

Com o decorrer do período de escolaridade da criança no Jardim de Infância, outra data surge, no calendário escolar, que não deve ser deixada de parte, pois com ela podemos levar a criança a sentir mais intimamente um dos sentimentos que nos é mais caro: as tradições da nossa região.

É na preparação para as Festas Juninas que a criança vai recebendo, informalmente, as noções relativas à vida de nossa gente do campo, os meios de transporte por eles usados, suas vestimentas, usos e costumes, alimentação, condições climatéricas, danças e canções folclóricas e a maneira de festejar popularmente a data comemorativa do Santo Padroeiro do nosso Estado, ao mesmo tempo que liga esta data ao encerramento do primeiro período escolar.

A criança, por espírito de imitação, adora vestir-se como adulto e ter atitudes correspondentes ao mesmo. Nessa ocasião é que poderá a Jardineira levar o pré-escolar a realizar seu desejo de vestir-se como o gaúcho ou como a prenda, sempre, porém, evitando os disfarces grosseiros que ridicularizam e deprimem o homem do campo, quando, na realidade, ele deveria ser valorizado e admirado.

Não é necessário que a criança, para uma festinha junina, saiba sapatear corretamente todos os passos do "balaião" ou da "chimarrita"; é suficiente que ela saiba se movimentar com graça e ritmo, conheça alguns versos das nossas mais conhecidas músicas folclóricas e que, no ambiente festivo das bandeirolas de papel e de balões coloridos, se possível, permita-se que experimente alguns dos ali-

mentos tradicionalmente usados nessas comemorações. Desta forma, a criança despertará para o sentimento de amor ao nosso território.

Essa festa, dado seu aspecto característico, muitas vezes não permite que se realize na sala do Jardim, pois a criança necessita um espaço mais amplo para movimentar-se com graça e desenvoltura. Entretanto, o muro que cerca a escola deve limitar o ambiente em que a criança vai divertir-se, e muito interessante é, sempre que o tempo permitir, que as festas juninas se realizem ao ar livre, podendo ter como assistentes do auditório os alunos das classes primárias da escola. Se a escola for muito numerosa, é interessante que se reunam, apenas, os alunos das primeiras classes, as mais aproximadas do Jardim pela idade, (1º e 2º anos) ou comissões representativas de cada classe da escola.

Isso, porque a criança, já bem adaptada no ambiente escolar, receberá, no aplauso dos seus coleguinhas maiores, um estímulo para prosseguir no ritmo do seu desenvolvimento normal.

Continuando as atividades do Jardim de Infância, vai surgir, nos primeiros dias de setembro, a festa que maior vibração desperta no espírito infantil: a Semana da Pátria.

As celebrações patrióticas no Jardim de Infância requerem um clima de espontaneidade que, geralmente, não falta à criança que, influenciada pelo movimento da escola que se prepara para as festas pátrias e pelos sons das bandas que ela ouve na rua, deseja também participar das festividades da Semana da Pátria.

Mais do que a explicação verbal, quase sempre difícil a compreensão infantil, deve-se procurar que a criança alcance o sentido de profundo respeito aos símbolos e datas patrióticas e aos atos e comemorações simples, em homenagem àqueles que lutaram pela grandeza de nossa Pátria.

As vezes, uma simples ornamentação de bandeirinhas ou uma pequena história, que ilustra a vida infantil do vulto que se comemora, servirá como meio de fixar e despertar a admiração da criança.

Principalmente, devemos afastar do Jardim de Infância as explicações dolorosas sobre a morte ou sofrimento dos heróis, bem como os fatos que lembram guerra, luta de homens contra homens, pois isto, muitas vezes, impressiona mal a criança, ate-morizando-a, levando-a a criar uma atitude desfavorável para com o homenageado ou, o que é pior, despertando sentimentos belicosos de nacionalismo exagerado, que impedem a fraternidade universal.

As atividades do Jardim de Infância podem, durante um certo tempo, orientar-se no sentido das

comemorações patrióticas, procurando que a criança, seja com cantigas, seja com histórias ou atividades decorativas para ornamentação das salas, desperte e desenvolva seu sentimento patriótico. Para isto é necessário que essas atividades se desenrolem num ambiente de entusiasmo e alegre colaboração.

Podemos explicar às crianças que assim como ela festeja sua data natalícia, o Brasil também tem sua data de aniversário e que nós devemos comemorá-la festivamente, porque somos seus filhos.

Quando o Jardim de Infância participa das sessões de auditório coletivas da escola, deve ser com números simples, breves, incluindo, se possível, cantos, marchas ou recitativos de caráter geral.

Também pode a homenagem do Jardim constar apenas de uma oferta de flores que se fará juntando as flores que cada criança traz de casa ou fazendo com que cada uma deposite sua oferta floral, no local onde se encontra o objeto da homenagem (Bandeira, retrato de D. Pedro I, Pira da Pátria, etc.).

Não se aconselha que as crianças de Jardim tomem parte em desfiles, pois apesar do entusiasmo com que elas se prestam para estas atividades, devemos considerar que são muito pequenas para ficarem às vezes, durante muito tempo, em atitude de espera ou, então, realizarem marchas prolongadas em passos muitas vezes acelerados, para alcançarem o ritmo de marcha dos maiores.

Outra data aparece logo após a Semana da Pátria e que não pode ser esquecida no calendário de festividades do Jardim, é aquela pela qual a criança é levada a sentir, de perto, as belezas da natureza e admirar as obras da Criação. É a festa da Primavera, a festa da alegria, do colorido, a festa em que o jardim humano homenageia o jardim da natureza.

Não é necessário que a festa da Primavera seja realizada com dramatizações ou festas especiais, o que também poderia caber, mas a primavera exige outra comemoração: espontânea, livre, que é a saída das crianças aos jardins, parques e mesmo ao campo para observar, comparar, ouvir os pássaros, admirar as plantas, observar o sol e o colorido azul do céu e, deste, chegar até Deus.

É a época em que a criança, se ainda não realizou, deverá realizar seguidamente pequenas excursões que poderão durar apenas uma hora, mas das quais ela recolherá uma imensa riqueza de experiências e observações que nenhuma sala de Jardim, por mais provida de material que seja, poderá oferecer.

Também a ornamentação da sala do Jardim com flores naturais ou confeccionadas, com plantas, gravuras de pássaros e flores, lembrarão à criança uma das estações mais lindas do ano.

Com o decorrer do mês de outubro aparece uma data que tem grande significação para o pré-escolar

e na qual ele comemora sua própria festa: a Semana da Criança.

Como se trata de uma comemoração mais ou menos longa, — uma semana —, devemos, em primeiro lugar, situar a posição do Jardim de Infância em face dessa comemoração.

Falar em Semana da Criança não quer dizer festas diárias no Jardim, pois isto seria apenas uma redundância já que cada dia do Jardim de Infância deve ser um dia de festa para a criança, entendendo-se como festa a alegria espontânea que brota da alma infantil, quando se sente ambientada e realiza atividades que a interessam. Assim, a Semana da Criança, embora podendo ter um dia destinado à festa na acepção exata do termo, ou seja uma apresentação mais ou menos solene do Jardim, deverá, no decorrer dos outros dias da semana, realizar as atividades no sentido que elas devem ter num bom Jardim de Infância, podendo ainda dedicar alguns minutos do seu tempo a outras atividades especiais que visem despertar, na criança, o sentimento de solidariedade a outros pequeninos menos favorecidos ou enfermos.

Com esse fim poderão os educandos preparar, como atividade de aula, pequenos brinquedos de papel, ou mesmo bonitos desenhos para que sejam oferecidos às criancinhas de creches ou hospitais.

Também poderão ser feitos em aula, docinhos simples ou bolos que terão essa finalidade de solidariedade social do qual o pré-escolar compartilhará. Não se aconselha, entretanto, que se leve crianças pequenas a hospitais, pois o sofrimento e a dor as impressionam mal; podemos fazê-las compreender que naquele local há uma criança doente que gostaria de ser por ela lembrada.

A excursão é também outra maneira de comemorar, com muito agrado da criança, a semana que lhe é dedicada. O teatrinho de fantoches, o teatro de sombras, os números de banda, os filmes adequados, a organização de um novo recanto na sala de Jardim, são também, ótimas atividades de que se pode lançar mão para apresentar à criança uma situação interessante durante a sua semana. Se a jardineira tiver preparado com os alunos uma sessão de auditório, ela poderá ser apresentada desde que se realize dentro do ambiente escolar e não preveja grandes aglomerações de assistência.

Interessante é lembrar, quanto à assistência aos auditórios de Jardim de Infância, que esta deve ser quase que exclusivamente dos pais e alunos da escola, preferentemente crianças dos primeiros anos.

Quase encerrando o ano escolar, aparece o Dia da Bandeira, que não deve ser esquecido ou apenas citado nas atividades do Jardim.

É interessante que a criança, desde pequena, se familiarize e reconheça o símbolo de nossa Pátria. Para tal, deve haver na sala do Jardim, em local destacado, uma pequena Bandeira brasileira.

levando-se a criança a prestar uma homenagem diária a ela, seja com uma rápida saudação, uma quadrinha ou um simples viva.

Se é interessante lembrar à criança a data do dia da Bandeira, não é entretanto necessário que se faça desse dia uma comemoração especial. As vezes, apenas uma simples atividade em homenagem à Bandeira tem mais valor que uma festa comemorativa, porque levamos a criança a compreender que se pode homenagear a Pátria com trabalho honrado e eficiente. Convém, entretanto, ressaltar que as celebrações patrióticas no Jardim de Infância devem ter um caráter objetivo já que a criança não é nada subjetiva. Assim, a homenagem à Bandeira ou a vultos de nossa Pátria, deve ser sempre acompanhada de atividades interessantes e que delas participem todas as crianças num ambiente de cordialidade e alegria.

Muito mais representará para o educando recortar e colorir uma bandeira ou realizar uma marcha, pelo pátio da escola, empunhando bandeirinhas do que ouvir uma série de recitativos, muitas vezes em termos que ele não comprehende, sobre a bandeira.

Trabalhando com alegria, podemos levar a criança a sentir muito profundamente o respeito às causas da pátria, despertando nela um sentimento de amor pelo Brasil.

Acabando o ano letivo, não pode o Jardim de Infância fechar suas portas sem que haja uma comemoração que tenha, para a criança, o significado de uma coroação de seus esforços e, por isso mesmo, o merecimento de um descanso mais ou menos prolongado.

Apresenta-se, então, a festa de encerramento que, por sua proximidade do Natal, pode apoiar-se neste motivo central para o seu desenvolvimento. Falar-se em festa de encerramento não significa solenidades paratosas e muito menos de formatura. A festa de encerramento, sendo como já dissemos, um coroamento do esforço da criança, deve desenvolver-se dentro daquelas atividades que ela realizou durante o ano letivo e, para tal, é preciso que ela tenha um cunho de realidade e não vá com as últimas pinceladas que aperfeiçoam o trabalho educativo que o Jardim de Infância procurou desenvolver, desmoronar essa bela obra, fruto de um longo período de trabalho construtivo.

Se refletirmos bem, veremos que é difícil estabelecer a medida do quanto a criança desenvolveu num período de Jardim de Infância. Assim sendo, como poderemos considerar que a criança concluiu um curso de educação pré-primária quando ela apenas venceu algumas dificuldades e foi encaminhada à formação de bons hábitos, atitudes e a desenvolver algumas habilidades? Encaminhamento esse que não cessa no terceiro período de Jardim de Infância, mas que deve ser sempre desenvolvido através da escola primária visto a educação não ser obra de um momento ou de um período, mas tarefa de toda a vida.

Essa é a razão por que contrariamos as solenidades de formatura no Jardim de Infância, porque realmente a criança não está formada, apenas poderíamos dizer que está em período de formação.

O Jardim de Infância pertence à escola primária e, fazer festa de formatura no Jardim de Infância implicaria em fazê-la para o primeiro, segundo, terceiro anos primários, etc.

Jardim de Infância, é preciso que se esclareça, não forma a criança, apenas serve de alicerç para que melhor se levante a estrutura do curso primário.

A festa de encerramento do Jardim de Infância não deve fugir à seqüência das outras festas realizadas no decorrer do ano letivo, portanto ela deverá se realizar em ambiente escolar podendo ter como ornamentação os tradicionais enfeites de Natal.

Também pode abranger uma exposição dos trabalhos feitos durante o ano letivo por todos os alunos, indistintamente, para que os pais verifiquem e avaliem o progresso de seus filhos no Jardim.

Se forem incluídas dramatizações ou números de canto e ballados, dêles devem participar todos os alunos e devem constar de números simples, dentro das possibilidades e compreensão da criança.

A festa de encerramento do Jardim deve ser festa para a criança e não para platéias de adultos. Portanto, é mais interessante que se faça o encerramento das atividades do Jardim de Infância num ambiente sereno e de alegria como uma excursão ou até mesmo uma pequena mesa de doces e refrigerios para os alunos, do que uma festa dispendiosa para os pais e de pouco proveito para na crianças.

Algumas escolas costumam fazer a festa de encerramento, tendo como motivo central o Natal e, consequentemente, aparece a figura indispensável do Papai Noel. Aceitamos que nesta festa apareça a figura do velhinho amigo das crianças que reparte presentes e carinho, mas para tal é preciso que os pequenos estejam preparados para recebê-lo e que vejam nele, realmente, um amigo e não um juiz que os vai julgar por suas teimosias ou por suas travessuras.

A criança amedrontada pode ficar traumatizada com a presença inesperada do Papai Noel e, além do prejuizo que lhe traga este choque, devemos lembrar que sua reação pode causar uma quebra do harmonioso e sereno equilíbrio que deve haver numa festa de encerramento ou, nesse caso, numa festa de preparação ao Natal.

Além das festas que, poderíamos dizer, são quase que indispensáveis durante o ano letivo do Jardim de Infância, há outras que chamariam de ocasionais, mas que não podem, por isso mesmo, passar despercebidas.

São as comemorações de datas especiais, de acordo com a região ou localidade onde se comemora um determinado evento. Assim, na zona colonial, a festa da colheita de uma plantação que caracteriza a região, deve ser lembrada no Jardim de Infância.

A festa do padroeiro da localidade e também poderíamos aqui lembrar o aniversário de cada alu-

no do Jardim de Infância. Pode esta comemoração ser feita mensalmente, incluindo todas as crianças que aniversariam naquele mês, mas como o pré-escolar ainda é bastante egocêntrico ele se sentirá muito mais valorizado se, no dia do seu natalício, fôr lembrado e a festinha lhe fôr dedicada especialmente.

Basta apenas uma simples canção de aniversário, uma salva de palmas e um lugar de destaque para o aniversariante, e isto representará uma grande festa para a criança.

Lembramos, ainda, que todo e qualquer acontecimento que venha a se destacar por motivo elevado nas atividades da comunidade deve ser salientado e lembrado à criança como motivo de orgulho ou exemplo.

Falamos, aqui, de comemoração, de festa apenas na intenção de fazer a criança sentir, com alegria e orgulho, os acontecimentos que se salientam como valores positivos na marcha progressiva do mundo, e que devem ser mostrados ao educando para que ele, desde pequenino, vá aprendendo a amar e respeitar as coisas e pessoas que colaboraram para o engrandecimento de sua Pátria.

Não poderíamos finalizar este trabalho sem falarmos nas tão infelizmente propagadas festas quer-messes ou apresentações públicas do Jardim de Infância, em ambientes teatrais ou em salões associativos e que visam angariar fundos para a escola, e, inconscientemente, envalidecer pais, mostrar superioridade de escolas mais bem dotadas economicamente sobre outras menos favorecidas, prejudicando o desenvolvimento emocional da criança, fazendo dela a escala pela qual subirão à conquista de falsos valores e esquecendo a verdadeira finalidade do Jardim de Infância que é proteger, cuidar, valorizar, e respeitar a personalidade infantil, tendo sempre presente que uma escola é aquilo que seus alunos são.

Não são as fantasias luxosas, os atos bem ensaiados, os locais mais bem escolhidos da cidade, que permitirão que a criança se desenvolva sadiamente e alegre. Pelo contrário, essas situações muitas vezes deprimem os menos dotados, envalidecem aquêles mais favorecidos, inibem a criança que psicologicamente teme o desconhecido e as aglomerações e, além disso, traz ainda um outro fator deseducativo que é dar à criança uma noção irreal da situação financeira de certos pais que, movidos pela humana validade de verem seus filhos desempenharem papéis de destaque, ao lado de crianças de condições econômicas abastadas, exorbitam de suas possibilidades financeiras a fim de que seus filhos apareçam tão ou melhor paramentados do que aquêles que realmente podem fazê-lo sem sacrifício.

A criança vai, por desconhecer a realidade da situação econômica familiar, tornando-se cada vez mais exigente e menos zelosa de seus pertences o que irá influir na sua vida futura, tornando-se, algumas vezes, esbanjado ou revoltado com a situação social a que está condicionado.

Se considerarmos, ainda, o prejuízo que eventualmente tráz à criança a situação teatral de uma multidão que a observa em penumbra, de aplausos mais ou menos ruidosos e prolongados, veremos que se para nós, adultos, é difícil enfrentarmos uma plateia, ainda que pequena, de adultos como nós, embora sabendo-a constituída de elementos simples e modestos e, por isso mesmo, pouco aptos a nos julgarem, que dizermos do equilíbrio emocional que sofre uma criança que enfrenta uma plateia adulta e desconhecida, pois que a distância e a multidão não lhe permitem reconhecer os rostos familiares que por ali estejam espalhados. Por outro lado, não é nada educativa a situação de pedir aos pais colaboração no sentido de prepararem as crianças com vestimentas às vezes bastante dispendiosas e depois constrangê-los a adquirirem, muitas vezes por preços elevados, entradas para assistirem a apresentação de seus filhos.

Se o Jardim espera colaboração dos pais, deve também colaborar com eles na boa marcha da vida familiar, não procurando causar-lhes desequilíbrios econômicos, pois é da boa correlação lar-escola que vai frutificar a tarefa de educar a criança.

Não deve, principalmente, esquecer a Jardineira que a criança para se desenvolver harmoniosamente precisa um ambiente sereno, tranquillo, alegre e familiar que ela absolutamente não poderá encontrar nos bastidores de um palco, nem nas aglomerações populares.

São as próprias leis existentes no país que, visando proteger o desenvolvimento da personalidade do homem futuro, proibem que se leve crianças pequenas a grandes aglomerações em ambientes fechados ou locais destinados, exclusivamente, a adultos, como sejam teatros, sociedades, etc.

Poderão pensar algumas professoras, que desejamos, com isto, isolar completamente a criança, oferecendo-lhes poucas oportunidades para que ela se desenvolva socialmente. Mas, se essas oportunidades forem bem aproveitadas, muito terá lucrado a criança e também temos a considerar que a escola, como agência formal de educação, não pode oferecer à criança situações que não sejam permanentemente educativas, e, portanto, permitir que ela seja explorada, ainda que se pense que com isso se procura valorizar o pré-escolar e auxiliá-lo no seu desenvolvimento social.

Sobretudo, não se deve esquecer a finalidade precípua que deve ter o Jardim de Infância que é procurar desenvolver harmoniosamente a personalidade infantil, harmonia essa que só será conseguida se a professora tiver realmente os olhos voltados para a criança, protegendo-a, guiando-a, procurando que ela tenha uma infância feliz, pois o homem só amadurece física e emocionalmente quando teve sua infância livre de traumas e choques que inibem e recalcam, despersonalizando o ser humano.

# LUIZ ALVES DE MATTOS

Por **Genérico A. VIEIRA**



Ao justificar seu entusiasmo pela REVISTA DO ENSINO, nosso entrevistado focalizou o sentido vital e experiencial de ação, de dinamismo, de renovação, esse calor humano e cívico que envolve o leitor. Considera essa característica ímpar da REVISTA DO ENSINO como uma consequência natural do carinho e esforço de quem a elabora. Acredita que o seu aparecimento pode ser interpretado como resposta a um apelo profundamente sentido por aqueles que, direta ou pessoalmente, orientam a criança. Crê que o cunho prático, realista, solidário, resulta de um fato evidente: são as professoras primárias em exercício que, na verdade, fazem a revista, a "sua", a revista que sabem mais útil e coerente com o seu trabalho cotidiano, dentro da realidade objetiva, e não utópica, da escola brasileira. É esse seu grande mérito! É por essa razão que seu horizonte é largo e substancioso seu conteúdo. Não se restringe a publicar apenas traduções, resumos, adaptações de princípios, normas e técnicas da literatura nacional ou estrangeira. Vai bem mais longe, mais fundo, atinge inesperadamente altitudes, ao pesquisar e divulgar o fruto humilde, mas laborioso da experiência pessoal do professor com sua turma; dá, assim, novas ou renovadas contribuições pedagógicas; oferece o resultado de idéias e tentativas já filtradas pela aplicação, isto é, libertadas da prisão, fantasia ou rigidez do teoricismo acadêmico.

## Quem é LUIZ ALVES DE MATTOS?

Personalidade marcante, concilia a serenidade e o dinamismo. Em meio às suas inúmeras atividades e solicitações diárias, tem sempre um gesto manso,

um olhar atento, uma palavra oportuna para o aluno, o colega ou o visitante que o procura no intervalo das aulas na Faculdade ou em sua residência.

Sua formação pedagógica obteve-a nos Estados Unidos, onde, durante cinco anos, realizou estudos especializados na Universidade de Fordham em Nova Iorque e na Pontifícia Universidade Católica de Washington, diplomando-se em Pedagogia por esta última em 1931. Ainda nos Estados Unidos, lecionou, por três anos, nos cursos de aperfeiçoamento para professores do ensino secundário do "Athenaeum of Ohio" de Cincinnati.

Voltando ao Brasil, exerceu o magistério superior, como catedrático de Psicologia Educacional e Didática Geral na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Sedes Sapientiae" e na Faculdade de Filosofia de São Bento, de São Paulo, da qual foi Diretor de 1935 a 1939. Em 1935 foi o organizador e secretário geral do I Congresso Católico Brasileiro de Educação, realizado no Rio de Janeiro, e um dos diretores regionais da Confederação Católica Brasileira de Educação.

Em 1938, foi chamado ao Rio pelo Prefeito do Distrito Federal para estudar e planejar a reforma da Universidade do Distrito Federal, na qualidade de assistente técnico do Secretário Geral de Educação e Cultura da Prefeitura do Distrito Federal. Realizada essa reforma, foi nomeado catedrático de Filosofia e História da Educação e Diretor da Faculdade de Educação da referida Universidade, exercendo esses cargos até julho de 1939.

Nessa data, foi nomeado catedrático de Didática Geral e Especial da Faculdade Nacional de Filo-

sofia da Universidade do Brasil, cargo que exerce até a presente data.

Em 1944 e 1945 foi examinador nos concursos de Técnico de Educação do DASP e, nos anos de 1947 e 1948, lecionou História da Educação e Metodologia nos cursos de aperfeiçoamento para professores bolsistas do I.N.E.P. De 1946 a 1949 foi Diretor e professor dos Cursos de Férias para Professores Secundários da Faculdade Nacional de Filosofia.

Em 1947, foi contratado como técnico da Fundação Getúlio Vargas, exercendo a função de Director do Departamento de Ensino dessa entidade, que passou a ministrar cursos a cerca de 3.000 adultos em nível técnico e superior. Organizou e criou também a Escola Técnica de Comércio dessa entidade, com cursos anexos de Desenho Técnico.

Em 1948 planejou e criou o Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia, o primeiro do gênero no país, sendo seu Director até a presente data. O Colégio de Aplicação da F. N. F. é considerado um dos melhores educandários do país quanto à qualidade do ensino nele ministrado e quanto ao espírito educativo que o preside.

Em 1949 foi distinguido pela Organização das Nações Unidas com uma das 60 bolsas internacionais para viagem de estudos especializados nos Estados Unidos; utilizando essa bolsa, estagiou durante seis meses em Lake Success e em vinte das principais universidades norte-americanas, observando a organização e os modernos métodos do ensino de Administração.

Ao voltar de sua viagem de estudos em 1950 planejou e inaugurou o Colégio Nova Friburgo, da Fundação Getúlio Vargas, estabelecimento pioneiro de caráter experimental, destinado a servir de laboratório e campo de demonstração de novas técnicas de organização e de ensino moderno.

Em 1952, organizou na Fundação Getúlio Vargas o Instituto Brasileiro de Administração, órgão técnico de treinamento, pesquisa e divulgação das modernas técnicas de racionalização administrativa. Como Director desse Instituto, o Prof. Luiz Alves de Mattos, promoveu a realização, no Rio, do I Seminário Internacional de Administração Pública, do qual participaram 30 especialistas de 12 países enviados pela ONU. Ainda na qualidade de Director desse Instituto, planejou e fundou a Escola Brasileira de Administração Pública (do Rio), da qual foi o primeiro Director, e a Escola Superior de Administração de Empresas de São Paulo; ambas estas instituições modelares estão atuando como grandes centros de treinamento de especialistas em racionalização administrativa, a elas acorrendo candidatos de todos os Estados do Brasil e mesmo das repúblicas latino-americanas.

O Prof. Luiz Alves de Mattos é também membro da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação e Cultura, redator-chefe da nova revista "Escola Secundária" da CADES — (M. E. C.).

Apesar de seus múltiplos encargos, o Prof. Luiz Alves de Mattos ainda encontra tempo para lecionar, desde 1950, Didática Geral no Curso de Técnico de Ensino, mantido pela Diretoria do Ensino do Estado Maior do Exército para oficiais graduados, bem como, para uma série de palestras sobre Didática Geral na Universidade do Ar, nos sábados, pelas ondas curtas e médias da Rádio Ministério da Educação.

Entre as obras publicadas, de autoria do Prof. Luiz Alves de Mattos, contam-se "Sumário de Didática Geral", "A Linguagem Didática no Ensino Moderno", "O Quadro-Negro e Sua Utilização no Ensino", "Os Objetivos e o Planejamento do Ensino", além de numerosos artigos na "REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS" (do INEP), "EDUCAÇÃO" (da ABE) "REVISTA DE PEDAGOGIA" (da Faculdade de Filosofia da USP), "BOLETIM DO INSTITUTO DE PSICOLOGIA" (da Universidade do Brasil) e em outros periódicos e jornais.

O Prof. Luiz Alves de Mattos tem também ministrado cursos intensivos de Didática Geral no Distrito Federal, Pelotas, Curitiba, São Salvador, Niterói e outras localidades, bem como conferências em quase todas as capitais dos Estados brasileiros.

Eis sua mensagem ao professor primário do país:

#### 1 — O que pensa da "Revista do Ensino"?

— A meu ver, a "Revista do Ensino" é das melhores que temos no Brasil para o professorado primário. Sempre rica de inspiração e de idealismo, ela oferece em cada número, ao professorado de nossa terra, valiosas sugestões, planos concretos e exemplos práticos de atuação educativa. O que mais aprecio em suas páginas é o sabor ao mesmo tempo idealista e realista, sonhador e prático de suas contribuições, auxiliando as professoras a viver integralmente a sua grande arte e nobilitante missão de educar a infância brasileira.

#### 2 — Que sugestões o Sr. oferece para tornar a "Revista do Ensino" um instrumento sempre mais útil ao professor primário?

— É bastante difícil responder a essa pergunta. É bem verdade que nesta vida nada é absolutamente perfeito; mas, a "Revista do Ensino" atingiu tal grau de adaptação às necessidades reais do professorado e tal grau de excelência, que apenas podemos desejar-lhe que se mantenha sempre nesse nível, não decaindo na sua qualidade. Se insiste numa sugestão, ousaria propor que mantivesse, também, uma seção especial, cujo título seria: "Consultório Didático", para atender a consultas de professoras que estão lutando com problemas e dificuldades especiais e gostariam de receber uma orientação mais abalizada para superá-los com acerto. Todo o educador consciente tem sempre seus problemas e suas perplexidades face ao complexo problema de oferecer a seus educandos a melhor orientação possível.

tanto nas idéias da instrução propriamente dita, como nas da educação em seu campo social e moral. Uma tal ideia, como a que aqui sugerimos, muito poderia auxiliá-las na resolução desses problemas educativos.

3 — A que atribui o Sr. a inquietação generalizada em torno dos problemas educacionais entre nós?

— Vivemos uma época difícil de transição; os velhos ideais tradicionais estão caindo por terra no impacto das suntuosas transformações econômicas, políticas e sociais que vemos ocorrendo. Por seu lado, a escola brasileira, em todos os seus níveis, está se deslocando à margem da vida, envolta em incertezas da academicismo da cultura formal, sem tomar conhecimento das transformações que estão se operando no seu redor, e sem tomar a liberdade que são sempre na orientação dessas transformações, muitas mudanças, a instabilidade é geral. Urgem entretenentes e urgentes novas realidades, para melhor orientação, refundir a nossa filosofia de ensino e fazer da nossa escola um poderoso agente de melhoria social pela educação — digo educação, e não apenas instrução — das massas brasileiras.

4 — Que扮演者 são mais responsáveis pelo baixo rendimento escolar, observado de modo geral nos cursos primário e secundário do País?

— De fato, o baixo rendimento com os elevados índices de reprovação da nossa escola primária e secundária — essas duas rãs de nosso sistema escolar estão reproduzindo anualmente mais de 60% da nossa população escolar — são sintomas gritantes do drástico desajustamento existente entre a escola brasileira e as nossas realidades sociais; também isto não pode ser contabilizado para esta situação crítica, longo tempo antecedendo a falta de uma filosofia de ensino mais moderna e atualizada, uma legislação de ensino antiquada e inflexível, currículos rigidos, restringindo a liberdade e a abertura em projeto da compreensão prática das realidades sociais e sociais, carência de recursos econômicos e meios auxiliares indispensáveis para um ensino eficaz, falta de prédios escolares para abrigar a crescente população infantil que provoca as greves e a consequente multiplicação de turnos, redução do horário escolar de cada turno e superlotação de alunos em cada classe, impossibilitando aos professores uma atuação educativa eficaz. Por fim, a falta de um pensamento correto e de uma orientação mais adequada do nosso professorado. Os estudos que de formação nas Faculdades Normais e Faculdades de Filosofia não são seguidos de um acompanhamento de orientação e auxílio dentro da prática de ensino, não devem ser só, para consolidar a formação profissional iniciada nessas instituições.

5 — Além do critério seletivo, exclusivamente intelectual, adotado para a admissão ao curso de formação de professores primários, que outras condições ou exigências considera necessárias?

— De fato, é perfeitamente justificada a praxe de selecionar os talentos intelectuais para o magistério. Nossa profissão exige inteligência e cultura, num e compreenderia um professorado que não desse provas desses predicados. Mas, inteligência e cultura não é tudo, nem mesmo o mais essencial no magistério; temperamento, vocação, capacidade de compreender e sintetizar com a infância, capacidade de fazer-se compreender, amar e respeitar pelas crianças, são qualidades não menos indispensáveis; e estas não se evidenciam através dos testes ou provas de mero conhecimento intelectual. Será necessário aplicarem-se também testes de personalidade, de temperamento, de virtudes e de sociabilidade, para selecionar o nosso futuro professorado brasileiro. Após essa seleção ampla e compreensiva, seria necessário termos em cada escola normal e faculdades de Filosofia um Serviço de Orientação Educacional para a orientação e aconselhamento, tanto pessoal como grupal, dos futuros professores da nação. Isto é, em parte, o que a "Revista do Ensino" já vem procurando fazer e o está fazendo grandemente; mas, será necessário oferecer uma orientação orientadora mais persistente e contínua, que somente órgãos especializados poderiam fazer para assegurar o aperfeiçoamento profissional do nosso heróico magistério brasileiro.

### MEU PAI

Com mais de noventa anos bem contados,  
meu pai, semanalmente, círculo me escreve,  
e eu posso ver, na sua letra leve,  
os suas flâncos e os seus cuidados.

Sus pensamentos são concretizados  
em poucos linhos de um sentido breve.  
Sus cabelos, mais brancos do que o neve,  
só rolos, desiguais, mais bem tratados.

Meu pai é professor de anatomia,  
e sei da cosa, à fax de cada dia,  
porque ensinar é o seu maior prazer.

Apartam-no com o dedo quando passo.  
— Aquela, dissem, que supõem gregal  
tal como um sábio, soube envelhecer.

Ossório Dutra

# MERENDA ESCOLAR

Olga B. Maciel, do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais da S.E.C. — R. G. do Sul.

1. — A merenda escolar é de caráter econômico-assistencial.

Deve ela obedecer a determinados princípios e orientações, tais como: exequibilidade; economia e racionalização.

2. — A merenda destina-se a crianças que estão em época em que é geral o desenvolvimento dos tecidos e que vivem um período em que é muito grande o dispêndio de energias, decorrendo disso a necessidade de uma alimentação racional, pois a criança mal alimentada apresenta, ademais de mau aspecto físico (magreza, palidez, olheiras, etc.) más condições escolares, mostrando-se desatenta, preguiçosa, por vezes, com distúrbios de memória, etc.

Compete, portanto, aos professores, observar essa evidência relativa à necessidade de correspondência entre o esforço do aluno e sua alimentação. Ao mestre cabe fazer dita verificação, suprindo, com a merenda, os desniveis ou inadequações porventura existentes.

3. — Os cardápios escolares devem estar integrados por substâncias de alto teor nutritivo, e não apenas por sopas, café com pão e alimentos similares.

### Objetivos da merenda escolar:

1º — Formar na criança hábitos saudáveis de alimentação.

Sendo a alimentação um hábito, como qualquer outro, deve o professor criar esse hábito, em termos racionais, ou corrigi-lo, quando mal orientado. Deflui essa necessidade do fato de que, de um lado, necessita a criança estar bem alimentada para poder produzir em condições mais favoráveis, e, de outro, não é raro que traga, do lar, péssimos ou maus hábitos alimentares, tanto no que diz respeito ao horário, como, particularmente, à qualidade dos alimentos e seu teor nutritivo.

2º — Formar hábitos sociais higiênicos e desejáveis.

O ato de ministrar, na escola, uma merenda, contribui para a formação de sólidos e duradouros hábitos higiênicos, na criança, de par com outros tantos, relativos a boas maneiras, ordem, disciplina e organização.

Mesmo com a disponibilidade de poucos recursos, que não permitem apresentação luxuosa,

aliás contra-indicada, por artificial, pode e deve a escola sugerir, através da apresentação da merenda aos alunos, hábitos que envolvam dignidade, ordem e higiene.

A presença da professora assegurará a reação dos hábitos sociais: apresentação à mesa, maneira de apanhar os talheres, e tantos outros aspectos e particularidades que, em conjunto, constituem o que chamamos vulgarmente de boa educação ou boas maneiras.

A orientação que a merenda imprime à formação de hábitos é, a um só tempo, fecunda e imperceptível fecunda, porque enraiza solidamente atitudes permanentes, sôbrias e manifestamente úteis; imperceptível, porque constitui uma das formas mais sutis e imponderáveis de educar, dificilmente perceptível pelo próprio educando, que sofre seu benéfico influxo, sem aperceber-se disso.

Serve a merenda quando bem orientada, para corrigir, ainda, carências notórias de índole alimentar ou nutritiva, sendo mister, para a boa consecução de tal objetivo, uma observação criteriosa da situação física dos alunos e um exame detido de seus hábitos alimentares no lar, defluindo disso a conveniência, sempre reiterada, de um amplo e permanente contato entre a escola e o lar, mesmo neste limitado setor.

Esse intercâmbio torna-se muito necessário, de outra parte, se levarmos em conta que é possível que a conduta dos pais, no lar, pode, muitas vezes, destruir ou neutralizar, em grande parte, a ação dos educadores, sendo conveniente que professores e pais articulem uma ação conjunta, evitando essa concorrência de atitudes antagônicas, sempre tão nefastas à educação.

### VALOR ALIMENTAR E CALORIAS

Alimento:	Vitaminas:	Calorias:
Pão .....	A, B e C	162,5
Leite .....	A, B, C, D	680,0
Carne .....	B1, B2	107,0
Queijo .....	A, B, C, D	38,0
Açúcar .....		200,0
Manteiga .....	A, B, C, D	77,0

(Continua na pág. 14)



# OBSERVAÇÕES EXPERIÊNCIAS

## Sobre Calor

Prof. Luiz MACEDO

Catedrático de Metodologia das Ciências Naturais  
no Curso Normal.  
Distrito Federal

1) Tome um tubo de vidro (de ensaio) e coloque dentro um pouco de água, (passando da metade do tubo); segure o tubo com o auxílio de uma pinça (pela parte superior do tubo) e aqueça a água (com uma simples vela). Verá depois que não poderá segurar o tubo com as mãos, pela parte superior, pois ele está quente nesta parte.

Tome outro tubo de vidro semelhante ao anterior, com água e aqueça novamente; desta vez porém, faça o aquecimento do líquido pela parte superior do tubo, segurando-o pela parte inferior com a pinça; espere até haver fervura da água; verifique a seguir se pode ou não segurar o tubo pela parte inferior (onde estava a pinça); ficará talvez admirado de observar que na parte inferior o tubo continua frio; (teria sido possível até ter segurado o tubo com a mão em vez da pinça, ao fervor a água, mas só neste último caso).

Conclusão — A água quente sobe, dirige-se para cima, e por isto, toda a parte do tubo acima do lugar em que se deu o aquecimento ficou quente; por outro lado a parte inferior do tubo continuou fria porque a água que se aqueceu foi apenas para cima.

\* \* \*

2) Tome dois copos de vidro e, em cada um deles coloque seis colheres de água corrente.

Tome a seguir dois recipientes com água e aqueça-os até fervura, iniciando porém o aquecimento de um deles, dez minutos após o do outro; terá assim em um vaso, água fervendo há algum tempo (10 minutos) e, no outro, haverá água que começa a fervor.

Tome duas colheres de sopa de cada uma das duas amostras de água fervendo (a que ferve há algum tempo e a que começou a ferver) e coloque cada uma delas em um dos copos iniciais (que continham seis colheres de sopa cheias d'água). Agite bem ambas com o auxílio da mesma colher e coloque os dedos numa e noutra das duas misturas d'água.

Verificará que a temperatura é a mesma; uma não está mais quente que a outra; logo a temperatura d'água que ferve é a mesma, comece ela a ferver ou esteja ela fervendo há algum tempo.

Conclusão — Durante a fervura (ebulição é o nome científico) a temperatura se conserva a mesma, desde que comece até terminar a fervura.

\* \* \*

3) Tome uma chaleira com água e aqueça-a até à fervura da água; o vapor começa a escapar pelo bico da chaleira. Coloque diante do bico da chaleira um pires de porcelana; observe o que acontece no fim de pouco tempo; começa a gotejar um líquido no pires.

Conclusão — Pelo aquecimento a água passou do estado líquido para o estado gasoso; ao encontrar o pires (uma superfície fria) o vapor d'água voltou ao estado líquido, logo, aquecendo-se uma substância ela sendo líquida vai para o estado gasoso e resfriando-se um vapor, ele volta ao estado líquido; portanto o calor pode fazer um corpo mudar de estado.

\* \* \*

4) Tome uma vela e acenda o pavio; ela se queima (o nome científico dado para a queima é combustão). Observe que à medida que a vela vai queimando um pouco da matéria branca de que a vela é feita passa para o estado líquido e começa a escorrer pelos lados da vela; chegando mais para baixo pingos da vela que escorrem voltam de novo para o estado sólido.

Conclusão — Pelo aquecimento a estearina da vela passa para o estado líquido; quando os pingos descem afastando-se da parte quente encontram as porções inferiores da vela, frias, (não quentes) e por isto voltam ao estado sólido. Logo aquecendo um corpo sólido ele passará para o estado líquido, e quando ele se resfria voltará ao estado sólido.

# Recreação Física da Criança

Prof. Ten. Cel. Jacintho F. Targa

Da Escola Superior de Educação Física do R. G. do Sul.

Assim como por Educação Física entendemos educar por meio de exercícios físicos, por **Recreação Física** queremos significar também recrear por meios físicos, isto é, utilizando-se das atividades físicas. Isto quer significar que o trabalho físico não tem ação somente sobre o aspecto somático, mas que ele pode influir também sobre os aspectos psíquico, social e moral, dependendo da ação e cuidado do professor, isto é, do professor que tenha espírito de verdadeiro educador. Queremos também distinguir a **Recreação Física** da recreação passiva de quem assiste um espetáculo teatral, cinematográfico, futebolístico, circense, de fantoches ou dos que se entretêm com jogos de azar ou jogos intelectuais como palavras cruzadas, damas, xadrez ou dos que se deliciam com leituras amenas, música, pintura, desenho, rádio, televisão, pois que todos estes meios constituem formas de recreação mental ou espiritual, sem dispêndio grande de energia física, não chegando portanto a constituir um trabalho físico propriamente dito.

Portanto por **Recreação Física** entendemos a prática de exercícios que solicitam ativamente as grandes funções, executados espontaneamente e não por obrigação, com objetivo de distração, divertimento ou "hobby". Essas atividades poderão ser executadas num "play-ground", em aparelhos como escorregadores, balanços, gangorras, onda giratória, carrossel, passo do gigante, etc.; ou em locais cobertos como o ping-pong, bolão, bocha, "ballet", dança moderna, danças folclóricas, harterofilismo, patinação; ou em piscinas, rios, lagos ou mar como o intismo, pesca, "ballet" aquático, esqui-aquático, canotagem, caça submarina e a grande variedade de jogos aquáticos, com mergulhos, etc.; ou ar livre, em plena natureza, como campismo, excursionismo, escotismo, pugilismo, bandeirantismo, arqueirismo, hipismo e o variado e imenso número de outros esportes como o atletismo, tênis, golfe, basquetebol, voleibol, futebol, polo, esgrima, lutas, etc.

A Psicologia nos ensina que a criança tem necessidade de brincar, de se divertir, de se recrear durante três ou quatro horas diariamente. Nós, educadores, recomendamos que se não todos, ao menos grande parte das mesmas deva ser ocupada, de preferência, com atividades físicas. É evidente que não se poderá pretender fazer isso nas três ou quatro horas em que a criança fica na Escola. Enquanto não tivermos escolas primárias com dois turnos e professores com tempo integral, não poderemos pretender educar integralmente. Duas horas semanais de Educação Física não são suficientes

para atender ao desenvolvimento físico da criança. Dever-se-ia poder consagrar uma hora diariamente à Educação Física. Como isso é impossível, devemos aproveitar as poucas horas disponíveis para ensinar ou iniciar a criança em atividades físicas que depois ela possa usar nas suas horas de lazer, fora da Escola. Lá ela só terá oportunidade de brincar durante o recreio que, geralmente, não se prolonga além de vinte minutos diárias. Acontece que esse período nas escolas públicas é aproveitado para a merenda escolar, de modo que sobra muito pouco tempo para a criança jogar. Insistimos portanto na necessidade de que nesse curto espaço de tempo, sejam dadas atividades físicas como pequenos jogos, rodas cantadas, grandes jogos e iniciação em alguns desportos, pois a criança tem necessidade de movimento, para favorecer o crescimento, para desentorpecer os músculos e as articulações, ativar a circulação e a respiração, congestionadas pela reduzida mobilidade dentro da sala de aula, além de contribuir para dar expansão à sua fantasia, à ansia de aventura etc.; dando-lhe, portanto, oportunidade para fazer desabrochar as qualidades, em potência, de sua personalidade.

Sabemos que a Pedagogia condena a imobilidade dos alunos na classe e que ao aluno é permitida uma relativa movimentação dentro da mesma, entretanto, a prática tem demonstrado que isso nem sempre é possível, por fatores diversos que não vêm ao caso analisar aqui. O fato incontestável é que a criança sente necessidade de movimento e é preciso que a escola venha ao encontro dessa necessidade natural e proporcione aos alunos meios e oportunidades para se exercitarem. Os pátios escolares limitados, pequenos e desprovidos de aparelhos — pois é rara a escola primária que possui um "play-ground" ou parque infantil — constituem sérios entraves para as atividades físicas durante o recreio. Mas essas dificuldades podem ser removidas ou compensadas pela iniciativa e o engenho dos professores. É preciso que os mesmos, durante a hora do recreio não fiquem sentados, em grupos, limitando-se a dar algumas olhadelas, de vez em quando, às crianças que estão brincando. Torna-se necessário que todo o professor participe ativamente da recreação, sugerindo jogos ou atividades, incentivando os timidos e arredios, refreando o ardor exagerado dos impulsivos, reprimindo os abusos, aproveitando todas as oportunidades para lhes inculcar no espírito os valores morais positivos, mostrando-lhes o que é certo e o que é errado, o que é o bom e o que é mau, o que é justo e o que é injusto. O jogo constituirá assim um verdadeiro laboratório

de pesquisas de ordem psicológica, pois os alunos reagem diferentemente, conforme as situações. Na sala de aula eles têm, geralmente reações diversas das de quando estão ao ar livre dedicando-se a um jogo também, livre, isto é, em que eles mesmos escolhem e o dirigem, sem o professor. E durante o jogo organizado que o professor terá oportunidade de melhor conhecer os seus alunos, de penetrar-lhes no seu caráter, de auscultar-lhe os seus ânseos, de sentir-lhos as suas reações, de combater os seus recalques, orientando-os de forma que os sentimentos egoísticos cedam lugar aos sentimentos altruísticos, contribuindo assim para formar, de fato, personalidades saudáveis e equilibradas.

HERBART assim se expressa: "Há de conceder-se à criança toda a liberdade que as circunstâncias permitem para que se manifeste sinceramente e para que se possa estudar a sua individualidade".

"Só assim estará de fato a escola educando, estará criando novos hábitos e não se limitará, a instruir e transmitir conhecimentos. É incontestável que os hábitos, as atitudes, a linguagem adquiridos nos jogos, transferem-se para outras atividades". Não se pode pretender que todas as crianças de uma escola durante o recreio fiquem a cargo do professor de Educação Física, pois uma ou duas pessoas não podem tomar conta de 200 a 500 crianças ao mesmo tempo. Todos os professores primários da Escola devem colaborar nessa hora. Ao professor de Educação Física cabe organizar o recreio, distribuir os locais e orientar os demais professores e alunos nas atividades programadas. Quando houver diversos professores de Educação Física e diversos pátios, pode-se atribuir uma área a cada um, para que o mesmo organize e anime o recreio no seu recanto.

Quando houver balanços, escorregadores, galochas e outros aparelhos de recreação, é preciso que haja um professor junto aos mesmos para vigiar na crianças, a fim de evitar acidentes e de habituá-los a utilizá-los com ordem, fazendo fila, sem empurrar, sem brigas etc.

Se a Escola não tiver material suficiente, pode-se, se for preciso, permitir aos alunos que tragam suas bolas, uma corda de saltar, um arco etc. É evidente que quando a Escola não tem professor especializado em Educação Física, a atribuição da organização do recreio deve ser dada a um professor que tenha revelado pendor para essas atividades e que seja dinâmico. Caberá à direção da Escola escolher esse coordenador. Além disso, cabe também à Direção da Escola fiscalizar o recreio. A sua presença no local do mesmo será sempre um estímulo para os professores e uma satisfação para os alunos. Já disse certo pedagogo que basta observar o recreio de uma Escola para se ter idéia da organização e administração da mesma.

A recreação da criança fora da escola deveria ser um complemento do trabalho da mesma, já que

ela não pode atender integralmente a criança durante todo o dia, por questão de horário, excesso de turnos, grande número de alunos etc. Na presença do educador a criança toma uma atitude conforme as exigências da escola, portanto, podemos dizer uma atitude um tanto artificial. Pode-se notar durante o jogo livre, isto é, quando executado sem a presença do professor, que a criança muitas vezes reage de maneira diversa, revelando suas tendências, dando expansão à sua personalidade real.

Os pais devem contribuir para a recreação dos filhos não só lhes proporcionando a oportunidade de brincar durante algumas horas, como também selecionando os companheiros e o ambiente. É preciso que os pais prestem atenção aos componentes de bandos de meninos que são procurados pelos seus filhos, ou melhor, são mal orientados. Seria sempre mais recomendável que as crianças fossem encaminhadas para as praças de desportos organizadas, quando são assistidas por professores ou recreacionistas com espírito de educadores.

Realmente, são poucas as nossas cidades que possuem praças com "play-ground" devidamente assistidos. De fato, cabe ao poder público, às comunas ou municípios o papel de proporcionar às crianças, adolescentes e adultos, oportunidades para uma recreação saudável, a fim de desviá-los do vício e dos antros de perdição. A falta desses locais é uma das grandes responsáveis pelo aumento cada vez maior da delinquência infantil em nossas cidades.

Onde houver esses locais convenientemente assistidos por recreacionistas capazes e imbuidos de espírito de educadores, os pais deverão orientar os grupos de jogo de seus filhos e as diversões para os mesmos. Deverão auscultar-lhes os seus desejos e encaminhá-los para os locais mais adequados.

Compreendemos as dificuldades de certos países de poderem encaminhar seus filhos, quando o poder público não oferece praças ou parques com recreação dirigida. Os programas de cinema, o rádio, as leituras, devem merecer uma cuidadosa seleção por parte de todos os agentes da educação, para proporcionar ao educando uma recreação mental, mas não recomendamos que a recreação se limite sómente a essas atividades mentais. A criança e o adolescente têm necessidade de uma recreação física também, em que possa consumir o excesso de energia. Por outro lado é indiscutível a função catártica do jogo e do esporte como derivativo ou válvula de escape para os instintos de luta e sexual. O problema da recreação do adolescente ainda é mais complexo; entretanto, se ele for encaminhado convenientemente na infância, torna-se sempre mais fácil resolvê-lo. Após os dez anos recomendamos o lobismo (iniciação ao escotismo) para os meninos e o banderantismo para as meninas. O escotismo e o banderantismo oferecerão oportunidades educativas interessantíssimas, experiências diferentes das que estão acostumados a passar, proporcionando um vasto cam-

po de ação para a expansão da personalidade da criança e do jovem.

Os nossos clubes por exemplo, quase nenhum possui recreacionistas ou professores para orientar a recreação das crianças. Eles limitam-se a ter zeladores que se preocupam com a boa conservação das instalações, não tendo qualquer noção pedagógica. Ao clube, as crianças geralmente vão acompanhadas de seus pais ou pessoas que os representam. Chamamos, porém, a atenção dos pais que é recomendável deixar brincar, somente, após o cumprimento dos seus deveres escolares ou familiares. A criança deverá receber isso como prêmio, uma compensação ao cumprimento de suas obrigações, de suas responsabilidades. E é preciso que os pais explorem convenientemente esses meios, principalmente com as crianças que apresentam problemas em relação às atividades escolares, mas sempre pacificamente, para que não provoque resultados negativos. Não esquecemos que o Jogo é para o espírito da criança o que é o alimento para o corpo. Não podemos prescindir nem de um nem de outro. Toda criança normal tem necessidade imprescindível de brincar, diariamente, durante 3, 4 horas, não continuas, mas sim de tempo em tempo, assim como precisa alimentar-se adequadamente 3 ou 4 vezes por dia. Para aqueles que são católicos nós lembramos que o côn. 1113 do Código Canônico estabelece que:

"Os pais têm a gravíssima obrigação de zelar, segundo as suas possibilidades, pela educação religiosa, moral, ou física e cívica de seus filhos, bem como providenciar para o seu sustento temporal".

Salientamos, portanto, a recomendação da Igreja de que os pais devem se preocupar também com a formação física dos seus filhos. Esta prescrição não é nova, pois existe desde o Papa BENTO XV. Foi de muitos conhecido o ponto de vista de S. Santidade o Papa PIO XII com relação ao desporto, pois que ele mesmo foi um grande desportista e, antes de adoecer, fazia a sua ginástica diariamente, numa sala mandada aperfeiçoiar especialmente para isso, junto aos seus aposentos particulares no Vaticano. Diversos dos seus discursos com relação ao desporto estão reunidos no livro recentemente aparecido: "O desporto no pensamento e na palavra de PIO XII", de autoria do P. A. Alves de Campos, Assistente Nacional da Moedilade Portuguesa.

Recomendamos portanto que os pais colaborem com a Escola procurando proporcionar aos seus filhos a par de uma alimentação equilibrada, uma recreação saudável, nas suas horas de lazer, e assim contribuirmos para dar à criança e ao jovem uma infância e uma juventude mais felizes, a fim de que tenham uma vida adulta isenta de complexos e recalques, atingindo a felicidade terrena e merecendo uma maior no outro mundo.

## MERENDA ESCOLAR (Continuação da pág. 10)

### CARDÁPIO SEMANAL

Segunda-feira — Sanduíche de carne; um copo de leite.

Leite ..... 200 gr.  
Pão ..... 250 gr.  
Carne ..... 60 gr.

Térco-feira — Sanduíche de queijo; um copo com laranjada.

Pão ..... 250 gr.  
Queijo ..... 10 gr.  
Laranjada ..... 200 gr.

Quarta-feira — Duas bananas com açúcar; um copo com leite.

Açúcar ..... 50 gr.  
Leite ..... 200 gr.

Quinta-feira — Sanduíche com legumes; e verduras, um copo com suco de tomates; canoras, laranjas e açúcar.

Pão ..... 250 gr.  
Legumes e verduras ..... 200 gr.  
Suco ..... 200 gr.

Sexta-feira — Pão integral recheado com manteiga e mel. Um copo de leite.

Pão integral ..... 250 gr.  
Manteiga ..... 10 gr.  
Mel ..... 50 gr.  
Leite ..... 250 gr.

Sábado — Frutas (escolhidas de acordo com a estação).

### QUANDO ERA AINDA CRIANÇA

Baltazar de Godoi Moreira  
(poeta paulista)

Quando era ainda criança  
O meu Brasil bem amado,  
Quem foi que a Deus o guiou,  
Com persistência e cuidado?

Quem foi que, a mão lhe tomado,  
Para a escola o conduziu?  
E em seu coração inculto  
A lei de Cristo incutiu?

Foste tú, glorioso Anchieta,  
Que ao meu querido torrão,  
Em pequenino, ensinaste  
Sua primeira oração!

# EDUCAÇÃO PRÉ-PRIMÁRIA



## Festas Juninas - Festas Folclóricas

Prof. Helena da Silva Pinto Vieira.

Do J. de Infância do Instituto de Educação da Prefeitura do D. Federal.

Os festejos juninos são uma tradição deixada pelos português, e que vem desde a época colonial. Remontam ao século XVII. Como data mais remota e averiguada de sua prática, é citada pelos estudiosos do assunto — 1603 — quando os historiadores da época já se referiam ao grande interesse dos índios pelos festas dos português, no mês de junho.

Outrora, quando a vida em nosso país se desenvolvia essencialmente no campo, inúmeras eram as festas, em torno das quais se congregava todo a comunidade rural; entretanto, embora muitas e de vários motivos, os juninos foram as que maior força de tradição mantiveram, tendo chegado até nós, sempre mais enriquecidas e sendo realizadas quase que em todo o território do País.

Esta tradição, que todos os anos, em junho, nos transporta ao passado, tem um valor especial para nós, que vivemos nas grandes cidades — ela nos dá a ilusão de que nossos pequenos quintais, enfeitados de bandeirinhas são ainda aqueles terreiros das fazendas, onde, pela mesma época, dançaram e vibraram de alegria nossos antepassados. Realizamos nossas festinhas, metade no quintal (quando ele não é a área exigua de um apartamento), metade na sala, onde a gente dança, ao som da várola, as mesmas músicas de outrora, que agora rodam em discos, com todo o acompanhamento de uma orquestra. Mas que importa? Assim mesmo é S. Antônio, S. João e S. Pedro que estamos festejando. O importante é que mantenhamos a tradição. Isto, parece imbordeado, porque é um legado de arte e fé, que se vem modificando através dos tempos, mas que, em essência, ainda permanece a mesma.

No mês de junho, aqui nos escolas primárias e jardins de infância do Distrito Federal, todos nós trabalhamos em torno destes festejos. Preparamos a ornamentação dos pátios, ensinamos danças e canções e marcamos o dia da festa. Sabemos que, graças a Deus, ainda a maioria das crianças têm o seu quintal, donde possam fazer uma fogueira e queimar uns fogos em louvor aos três santos, mas, para aqueles que não o têm, já está feita a festa, a escola resolve o problema. O essencial é manter a tradição.

Tratando ainda dos festejos de junho, quero aqui lembrar a origem das fogueiras, que são elementos imprescindíveis numa festa junina. Todos a fazem e muitos, às vezes, não sabem o que longínquas épocas elas remontam.

Vejamos então: Conto a história que, estando Sta. Isabel prestes a dar a luz ao menino, que seria depois S. João, e residindo muito distante de Nossa Senhora, seu primo, não sabia como dar-lhe a boa nova o mais depressa possível. Lembrou-se então, de fazer, no alto de um morro a meio caminho da casa de seu primo (Mae de Jesus), uma grande fogueira. Este, combinaram os duas, seria o aviso do grande evento. Assim foi feito há tantos centenos de anos passados; assim o fazemos hoje, como uma reminiscência de tal fato.

Este é uma história que podemos contar a nossos alunos, sempre neste época do ano.

Temos enriquecido também o repertório de versos e músicas juninas com algumas criações nossas, das quais transcrevo aqui algumas, para que nossos crianças contem e recitem nos festinhos escolares do mês de junho.

# Vem cá, Sinhá

LETRA HELENADA SILVA PINTO VIEIRA

MÚSICA ODILA MACEDO LIMA

The musical score consists of five staves of music for voice and piano. The key signature is G major (one sharp), and the time signature is common time (indicated by '2'). The lyrics are written below each staff.

**Staff 1:**

Coi-ta vi-vão di-nho san-to de-pa-dra- Si-nhá ei-ro O-pé das-  
ta vi-vão di-nho san-to de-pa-dra- Si-nhá ei-ro O-pé das-

**Staff 2:**

xi-nho res-va-fes-ta tó-bo lou-ni-ta Quando foi ti-nho-a sor-te na fo-  
ta vi-vão di-nho san-to de-pa-dra- Si-nhá ei-ro O-pé das-

**Staff 3:**

quei-ra se quei-car-dei-xa de fi-ta Si-nhá Si-nhá vem caí Vem co-  
ta vi-vão di-nho san-to de-pa-dra- Si-nhá Si-nhá vem caí Vem co-

**Staff 4:**

mir-go, sor-te vem dan-da fo-guei-ja Si-nhá Si-nhá vem  
da fo-guei-ja Si-nhá Si-nhá vem

**Staff 5:**

ca- Que a dor já vai sar. E-  
ca- Que a dor já vai sar. E-

## I VEM CÁ, SINHÁ

Música de Odila Macedo Lima.  
Letra de Helena da Silva Pinto Vieira.

Coitadinho de Sinhá  
O pezinho resvalou  
Quando foi tirar a sorte  
Naogueira se queimou.

Sinhá, Sinhá, vem cá,  
Vem comigo, vem dançar,  
Sinhá, Sinhá, Sinhá vem cá  
Que a dor já vai passar.

Viva o santo padroeiro  
Desta festa tão bonita  
Vem dançar a noite toda  
Vem dançar, deixa de "fita".

Sinhá, Sinhá vem cá  
Que a sorte daogueira  
Sinhá, Sinhá, Sinhá vem cá...  
Ja te fui bem traiçoeira.

## II FESTA NO ARRAIAL

Viva, viva! S. João!  
E a Terra brasileira...  
Vamos todos pro arraial,  
Começar a brincadeira.

Barroquinhas, grande baile!  
Teatrinho e bom leilão.  
Vem, seu Juca... Mariquinha!  
Quanta gente... que festão!

## III SORTE DE S. JOÃO

Meu querido S. João  
Vem depressa me ajudar  
A sorte quero saber,  
Mas não sei qual vou tirar.

Aquela dos papéizinhos?  
Há também a do feljão...  
E a do óvo dentro dágua?  
Que fazer, meu S. João?

Felizmente, eu sei dizer,  
Que assim desta maneira,  
Fingimos acreditar,  
Mas é só de brincadeira...

## IV MENINA DA ROÇA

A mamãe hoje me fez  
Esta roupa tão bonita  
Para a testa no arraial  
Lá vou eu, assim catita.

Com meu vestido de chita  
Dançarei a noite inteira  
Escoiherei um bom par,  
Que pule também noqueira.

## DA JARDINEIRA PARA A JARDINEIRA

Lembre-se que...

- ...tôdas as oportunidades são meios educativos para enriquecer e corrigir a linguagem do pré-escolar.
- ...deve estar sempre atenta para observar a linguagem das crianças, procurando apertear-a sempre que necessário.
- ...deve usar sempre uma linguagem simples, clara e na ordem direta, evitando a linguagem grosseira ou vulgar.
- ...a reprodução de história é um ótimo meio utilizado para enriquecimento do vocabulário e correção de defeitos da linguagem.
- ...conversando sobre a vida da criança, formulando perguntas, fazendo observar gravuras, dramatizando histórias, etc. são ótimos meios e estará enriquecendo o vocabulário infantil.
- ...as histórias cooperam para a formação do caráter e para o desenvolvimento da inteligência infantil.
- ...deve selecionar as histórias a serem contadas para as crianças, de acordo com os interesses e a idade das mesmas.

## ENXADINHA

Faria Netto

MINHA ENXADINHA  
TRABALHA BEM:  
CORTA MATINHO  
NUM VAIVEM.

MINHA ENXADINHA  
VAI DESCANSAR,  
PARA AMANHÃ  
RECOMEÇAR.

ADEUS, ROCINHAS!  
ADEUS, TRABALHO!  
A TI, PLANTINHAS,  
O DOCE ORVALHO!

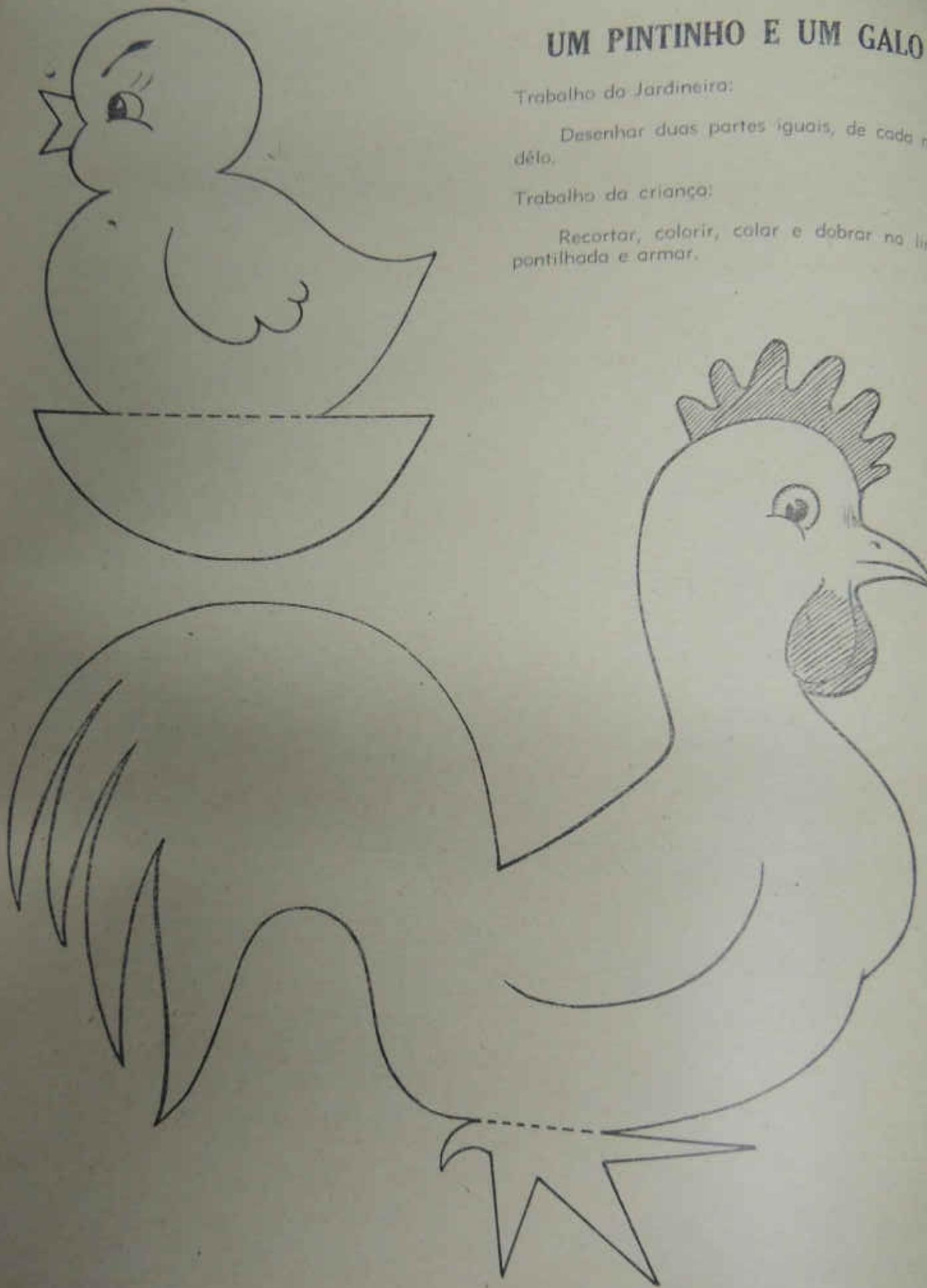
## UM PINTINHO E UM GALO

Trabalho da Jardineira:

Desenhar duas partes iguais, de cada lado.

Trabalho da criança:

Recortar, colorir, colar e dobrar na linha pontilhada e armaz.



# FOI O QUE A BRISA VIU...

Aproveitando as instruções contidas no número 45 desta revista, "Vamos construir" um teatrinho?" apresentaremos o cenário, os personagens e a história "Foi o que a brisa viu..." da autoria da Professora Madre Maria José, do Instituto N. Sra. Medianteiro, P. Alegre.

Mosquito Pernilongo embatucou. Dónde surgiram aquelas flores maravilhosas? Que mistério!...

A Brisa Ligeiro, notando sua admiração, disse-lhe assim:

"Mosquitinho querido, vou contar-te o que vi. Es ignorante, porque andaste toda a noite a percorrer a beira do rio, brincando nos pantaninhos... Mas ouve. Conheces as três pessoas que vieram da Judéia para morar neste casa. Bem sabes como são queridas! Cuidadas! Ainda não se acostumaram no Egito. O calor... o Sol... O areal... as águas do Nilo... os animais mais ferzentes... tudo, enfim... tudo elas estranharam. Ontem à tarde, quando eu andava dando uma voltinha por aqui, gostei de ver o Menino Jesus brincando na areia, ainda morna, desse jardim tão bonito. E — imagina! — vi um Escorpião danado prender-se ao dedinho de Jesus. Pobre Jesuszinho! Sentindo a dor, gritou com muita força e seus pais acorreram para acudi-lo. Mas o Escorpião venenoso fugiu, metendo-se entre as pedras.

Então a maezinha do Menino voltou-se para o espôso dizendo aflita:

"Meu bom José, corre em busca de remédio antes que o veneno tome conta do sangue de nosso amado filhinho! Bem sabes como fica longe daqui aquela cerca de espinhos e como são raras as flores que nela se encontram. Mas vai, meu bom José, vai correndo e que o Senhor abençoe os teus passos!"

E eu — continuou a Brisa — fui seguindo José em sua carreira pela planície afora até que alcançasse a cerca espinhenta do topo da colina.

Duas enormes flores enfeitavam o terrível espinheiro. Eram elas o único contra-veneno para mordidas de escorpião. Mas, meu querido Pernilongo, estavam tão altas, tão altas! somente ao meu alcance.

O bom José, vendo que não podia apanhá-las, caiu de joelhos... e, aflito, levantou os braços ao céu, em oração. Lágrimas corriam-lhe pelas faces. Pobre pai! Podes imaginar, meu Mosquitinho, a minha comarca? Cheguei a chorar também. Voltei-me para as duas flores e acariciei-as dizendo:

"Ó lindas e preciosas flores, véde a dor desse pobre homem! Sofre porque sabe que seu filhinho — o seu maior tesouro — vai morrer envenenado se não vierdes em seu auxílio. Não

queréis fazer o sacrifício de vossas vidas para salvar a vida de um inocente, da mais linda criança que existe no mundo?"

As flores me olharam assustadas. Depois, curvando-se, baixaram as corolas e, devagarinho, devagarinho, desprenderam-se das hastes, indo cair aos pés do santo homem que as apanhou, correndo, depois, encosta abaixo.

E eu, claro fui acompanhando seus passos e acariciando-lhe o rosto para secar-lhe as lágrimas... \* \* \*

Mosquitinho Pernilongo, de olhos arregalados, não perdia um movimento da Brisa Ligeira e era todo ouvidos. Como iria acabar aquela história? Pobre Jesuszinho! Se ele morresse Mosquitinho não acharia mais graça no mundo. O lindo Jesus o encantava! Nunca tivera a audácia de tocar aquela pele branca e linda como um cetim!... Como era mau o Escorpião maldito!...

Ansiado o Pernilongo perguntou à Brisa Ligeira:

E depois... conta depressa o que aconteceu!"

"Depois? Encontramos Jesus sobre os joelhos de sua mãe; estava sem sentidos. Brinquinho como uma magnólia e de longe em longe manchas-roxas e-vermelhas cobriam-lhe o corpo. Era o veneno maldito que fazia o seu trabalho.

Então José, ligeiro amarrou as flores e, arrancando pedaços das pétalas, cobriu com elas as manchas do pequenino corpo. O remédio produziu efeito. Jesus foi salvo."

Mosquitinho soltou um suspiro de alívio! "Ai que peso você me tirou do coração, querida Brisa".

Ela, sorrindo, continuou com suavidade: "O bom José recolheu as flores mutiladas. Olhou-as e, beijando-as chegou-se ao pequenino Jesus:

— "Filho, vê, estes flores deram suas vidas pela tua vida. Que paga receberão?"

Jesuszinho, levantando o braço, apontou-lhe a porta aberta. José, o bondoso, saiu. Anotou. A lua crescente espelhava-se no tanque do jardim onde peixinhos vermelhos dormiam sonhando os mais belos sonhos.

O santo homem curvou-se e deitou na superfície da água as flores sem vida. Depois, en-



# OS BRINQUEDOS

*Curso de Dramatização Educativa, para estagiários do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos.*

**Prof. Maria Isabel Marinho Lutz**  
Colégio Bennett — D. Federal.

Peça em 2 atos para o Jardim do Infância.

Adaptação de "Os livros"

Trabalho dos alunos do Curso:

**Altair Rêgo Vieira**

**Maria da Carmo Maia**

## 1.º ATO

**Personagens** — Joãozinho — O Pincel  
Lucinha — A Baqueta  
A Mãe — O Cubo

\* \* \*

**Cenário** — A sala das crianças.

(Ao iniciar-se a peça, 2 crianças brincam).

**Joãozinho** — Veja, que linda torre eu fiz.

**Lucinha** — Está alta, mas eu faço ainda melhor.

**Joãozinho** — Quero ver!

**Lucinha** — Eu lhe mostro. Ponho este cubo e a torre não vai cair. (Lucinha coloca um cubo sobre a torre que balança).

**Juntos** — Cai, não cai, não cai, caiu...

**Joãozinho** — Vamos brincar de outra coisa?

**Lucinha** — Está bem, mas vamos primeiro guardar os brinquedos.

**Joãozinho** — Eu guardo depois.

**Lucinha** — Eu guardo agora.

**Joãozinho** — Então vamos. (começam a guardar os brinquedos). Joãozinho deixa cair

trou em casa e, sem ruído, fechou a porta atrás de si.

\* \* \*

Hoje, — continuou a Brisa Ligeira — ao nascer do Sol, voltei do oásis onde fôrás descançar. E sabes o que vi, querido Pernilongo? O que agora te causa admiração, em vez das flores de pétalas espicaçadas, estas duas rosas d'água, de pétalas finas e pontudas como o guerreiro das espadas. Uma, rosa; vermelha a outra, a lembrar os manches do corpo do Menino Jesus.

Que maravilha, pois não é? Vai, meu Mosquitinho, vai olhá-las de perto. Vale a pena serem admiradas, pois nasceram do amor de um coração nobre, paternal e grande... do coração de José Ben David".

um cubo no chão e não volta para apanhá-lo. Dá de ombros, dirige-se para o armário donde retira um chapéu de soldado e um tambor. Joãozinho marcha e canta, Lucinha balança-se numa cadeira.

*Marcha soldado*

*Cabeça de papel*

*Se não marchar direito*

*Vai preso para o quartel,*

**Joãozinho** — Não quero mais ser soldado. (rasga o chapéu, atira o tambor dentro da gaveta deixando uma baqueta no chão).

**Lucinha** — Você deixou um dos pouzinhos no chão.

**Joãozinho** — Não me amole, depois eu guardo. (Vai buscar um pincel e começo a pintar. Lucinha embala uma boneca no colo). Pinta um boneco... os olhos, o nariz... e o bôca.

**A Mãe** — (Entra trazendo uma bandeja). Olhem aqui crianças, trouxe laranjada e bôlo para vocês.

(Joãozinho larga o material e corre com Lucinha para junto da mãe. Pisa o cubo que fica todo esmagado).

**A Mãe** — Lavem as suas mãos. (As crianças lavam as mãos e cantam)

*As mãos estão lavadas*

*Com água e sabão*

*Devemos merendar*

*Com muita satisfação*

*Merenda saborosa*

*E muito gostosinha*

*Quem foi que a preparou?*

*Foi a nossa Mornóezinha.*

(As crianças sentam-se à mesa e comem).

**Joãozinho** — (boceja) Que sono, vou dormir.

**Lucinha** — Eu também. (Juntos atravessam o solo, esfregam os olhos, bocejam, dirigem-

(Continua na pág. 63)

# ARROZ

Profs. Ruth Ivoty Torres da Silva

e  
Maria Alba Torres

P. Alegre — R. G. do Sul.

## I NOTÍCIA BOTÂNICA:

Nome vulgar — Arroz.

Nome científico — *Oryza sativa*.

Família — Gramineas.

"Encontra-se em estado selvagem na Ásia, África e América do Sul (pantais do Mato Grosso)."

"A inflorescência do arroz é uma panícula de 20/30 cm de comprimento, composta de espiguetas unifloras. Duas glumas pequenas e duas rudimentares antecedem cada flor. As flores individuais são compostas por duas grandes páleas naviculares, brevi-pedaladas e muito siliques, sendo a superior provida de uma aresta comprida, além de duas lodiculas, 6 estames e um carpelo. Afara os 6 estames, são do tipo normal da família. A casca do fruto (carlopse), concrescido com a casca da semente e a ténue camada de aleurona, constitui uma delgada película prateada, cuja presença evita a temível doença beriberi. Contém vitamina anti-escorbútica (B). Neste sentido é prejudicial o uso do arroz polido. O arroz de maior percentagem em amido e outras substâncias nutritivas é de consistência translúcida".

## II — APLICAÇÕES DECORATIVAS:

Decoração de estojinhos, pregadores, elipes, etc.

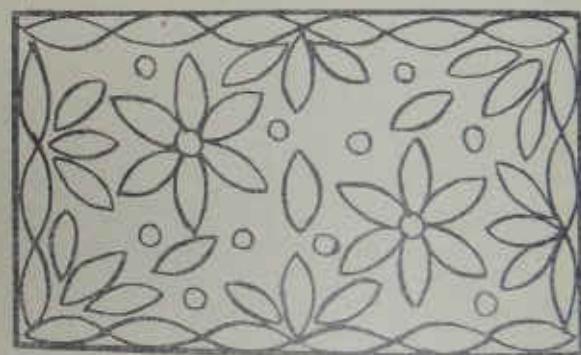
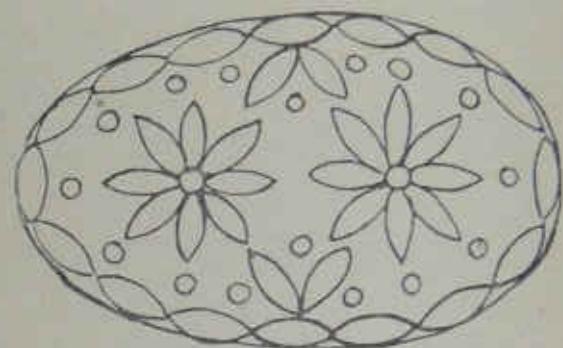
## III — PARTE DA PLANTA EMPREGADA:

Fruto (grãos).

1. Material: arroz comum, descascado; cola (insolúvel na água), caixinhas de madeira ou papelão (de pó de arroz); verniz de cores diferentes ou anilinas (de madeira solúvel no álcool).
2. Técnica de execução: Usam-se os grãos descascados para imitar moçoico italiano, colocados de modo a formarem desenhos em cores diferentes. Deve-se usar cola que seque rapidamente. Os grãos podem ser tintos antes de serem colocados nos lugares definitivos, usando-se tinta líquida. Querendo-se tingir depois de fixados deve-se usar ver-

niz de cores aplicado com pincel fino.

OBS.: Os vãos entre os desenhos podem ser preenchidos com grãos quebrados.



## MEUS DENTES

A. Matias

Sei que a falta de zélo  
Com meus dentinhos queridos  
Irei mais tarde sofrer  
De dor — chorar e gemer  
Se deixá-los esquecidos.

Estudai, caros meninos,  
Sempre alegres e contentes,  
E ao saltardes da cama,  
Quando vossa mamãe chama  
Lembrai-vos de vossos dentes.

Aprendei de mim que  
Tenho perfeita digestão;  
Escovo os meus dentinhos  
À noite — logo cedinho  
E após cada refeição.

# O CATEQUISTA

(INICIAÇÃO NA CATEQUESE)

IV

Madre Teresa de Cristo Lézier, O. S. U.

— Distrito Federal —

— Quem é catequista?

Os primeiros catequistas de uma criança são os pais cristãos.

Sua vocação de catequista, sua missão, adquiriram-no no Batismo, na Crisma e, mais especialmente, no Sacramento do Matrimônio.

Durante os primeiros anos, são eles, principalmente a mãe, os únicos catequistas da criança.

Em nome da Igreja, trazem-lhes os pais, a primeira "presença" de Deus, poderoso e bom.

S. Agostinho lhes diz: "em suas casas, tomem nosso lugar. O Bispo recebe esse nome porque vigia com solicitude, os seus diocesanos. Nos lares, pois, aos chefes, deve caber a função do episcopado" (Sermão 94).

Unirão assim os pais, à sua paternidade física, uma paternidade muito mais gloriosa: a paternidade espiritual.

## A EFICACIA DO SEU CATECISMO É INCOMPARAVEL

- a — Faz-se durante dia e noite, pelo exemplo, pela atmosfera que criam em sua casa. Cada um sabe o poder deste meio de formação sobre as crianças.
- b — Vai ao coração da criança em uma época em que ela é um ser puramente afetivo, todo inteiro à imitação, admiração pelos pais.
- c — é pessoal, individualizado, poder-se-ia dizer: é adaptado a cada criança; pouco a pouco resolvendo os problemas que surgirem e respondendo às perguntas que são feitas pelas crianças.

MAS a experiência mostra que o amor materno, por mais intuitivo e maravilhoso que seja, não dá a competência doutrinal, e os erros nesse sentido são numerosos.

É necessário então, que os pais se formem para seu papel de catequistas. É tão importante e mesmo mais importante, que formar-se para ser boa dona de casa.

## CATEQUÉTICA

A moça deve cuidar dessa formação antes do casamento, instruindo-se sob uma boa direção. O melhor é a prática: ensinando o cate-

cismo, aprenderá a catequizar mais tarde seus filhos.

Todas as instituições secundárias e outras deveriam dar uma formação séria aos seus alunos, nesse sentido.

Essa formação, quando não foi feita antes, pode ainda ser feita durante o noivado e mais tarde, à espera do bebê. Nesse particular, ainda têm os colégios religiosos uma missão a cumprir. Através de reuniões para os pais, cursos de catequistas, apelo às mães para o catecismo em família, etc...

Aliás, o uso das mães de família dãoem catecismo, em suas casas, a seis ou sete crianças de sua vizinhança, está se generalizando.

Este método dá ótimos resultados, principalmente quando ministrado por alguém de sólida formação. As primeiras beneficiadas são as próprias mães e os filhos.

## OS SACERDOTES

O catecismo não pode, em geral, ser ministrado completamente na família. Deve a Igreja, e é seu direito, cuidar disso.

"A pregação da doutrina é o máximo dever dos curas de almas... Não há na paróquia ministério algum que de modo ordinário, se possa sobrepor ao catecismo, que é a mais genuína forma de pregação".

A vocação e a missão de catequista estão incluídas na vocação sacerdotal e a catequese é um capítulo da Teologia Pastoral (conforme a decisão da S. C. dos Seminários, em 28-8-1929). Deve-se ensinar nos Seminários, teórica e práticamente a catequese.

Isso mostra o cuidado da Igreja por este ministério, a qual nos deve incitar a preparar-nos cuidadosamente, uma vez que nossa Mãe, a Igreja, acha necessário uma preparação especial, mesmo para os Sacerdotes.

## CATEQUISTAS LEIGOS

O catecismo é um dever dos sacerdotes, mas é certo também que o clero não é suficiente para o catecismo paroquial e, com maior razão, para essegurá-lo em todos os colégios e escolas. Deve pedir auxílio aos leigos.

Os Papas têm reclamado o pedido aos Ordinários que recrutem catequistas dos dois sexos

para auxiliar os curas: S. Pio X, Pio XI e Pio XII, em particular.

Compete só à Hierarquia defender alguém para ensinar a doutrina, mas os catequistas podem oferecer-se.

Estes catequistas podem ser religiosos ou seculares. É evidente que o clima de alegria, de fervor, de uma vida religiosa, pode favorecer uma esplêndida formação catequética, mas não dispensa essa formação especial. "Seria lastimável se, para corresponder a esta necessidade urgente do catecismo, as congrevações não estivessem em primeiro lugar." (1)

Muitas pessoas, no entanto, têm vocação de catequistas e não vocação religiosa.

**CATEQUISTAS LEIGOS** — São indispensáveis. Eles vivem, mais que os sacerdotes ou os religiosos, perto do povo, conhecem melhor as dificuldades, podem adaptar melhor a catequese, podem mostrar mais eficazmente, pelas palavras e pelo exemplo, como se vive a vida cristã na vida de TODOS OS DIAS, nas situações diárias, e o seu testemunho tem um valor inigualável.

**A SUA VOCACÃO É REAL** — Poderiam os catequistas leigos acreditar que não são sólamente os substitutos do clero, já em tão pouco número para sua tarefa sacerdotal, em que ninguém pode substitui-lo. São mais do que isso.

Certamente, é um dever de caridade urgente responder ao chamado das ovelhas sem pastores, pois, a quem tem fome, temos de dar o pão, mesmo a nosso custo, e nossas crianças estão morrendo de fome da Palavra de Deus.

Então cabe aos leigos cumprir este dever com o qual o clero não pode arcar sózinho.

Mas será que é sólamente por falta de responsáveis sacerdotes que os leigos são chamados?

#### A VERDADE É OUTRA

A Igreja compete difundir a verdade religiosa, mas a Igreja não é sólamente a hierarquia; é o conjunto dos fiéis; é cada um de nós.

Portanto, CADA UM DE NÓS, SOB O CONTROLE DA HIERARQUIA, TEM A MISSÃO, O DEVER, DE CATEQUIZAR.

#### BASES TEOLÓGICAS DA MISSÃO DOS CATEQUISTAS LEIGOS

"Eu sou Jesus que persegues".

At. IX, 5.

"Eu sou a videira e vós, os ramos."

Jo. XV, 5.

"Há entre Cristo e os cristãos, uma relação não sólamente de admiração, afição e dedicação,

mas são os cristãos incorporados a Cristo, participando de tudo que possui." (2)

"De sua plenitude, todos recebemos graças após graças". Jo. I, 16.

O cristão é um outro Cristo.

São Paulo afirma também esta semelhança:

"Deus os predestinou para serem semelhantes à Imagem de seu Filho, para que Ele seja o primogênito entre muitos irmãos". Rom. VIII, 22.

Ora Jesus é o PROFETA por excelência, quer dizer aquél pelo qual Deus anuncia aos homens a Boa Nova, o EVANGELHO.

Jesus é o SACERDOTE, o PONTIFICE por excelência. Foi Ele que, pelo sacrifício da sua vida, restabeleceu as relações, foi a Ponte entre Deus e os homens.

Jesus é o REI por excelência que, pela morte, ressurreição e ascensão, venceu o inimigo, libertou os homens do pecado e da morte.

Se todos somos outro Cristo, devemos reproduzir a semelhança de Cristo, participar de sua tríplice dignidade e da sua tríplice missão.

Nós todos somos "uma roca eleita, um sacerdócio real... um povo que Deus adquiriu para publicar AS GRANDES OBRAS DE DEUS" (3), o que é propriamente a função profética.

No Batismo, todos nós recebemos a unção com o Santo Crisma verdadeira unção profética, real, sacerdotal. A oração que pronuncia o Bispo na Quinta-Feira Santa, consagrando o Crisma, assegura o sentido da unção batismal: "RECEBAM OS BATIZADOS, NESTA UNÇÃO, A DIGNIDADE DE REIS, DE SACERDOTES, DE PROFETAS". Não quer dizer que todos são papas bispos, sacerdotes porque são batizados; é esse o erro de Lutero, mas pode-se dizer que, em graus diferentes, participamos todos desta tríplice dignidade, do Corpo místico, do Cristo total.

Esta simples evocação das bases teológicas de nossa missão de educadores cristãos, deve contribuir para nos tornar mais exigeentes para nos preparar, e tornar-nos mais confiantes em nossos esforços para transmitir a Verdade e a Vida.

(1) Tradução de Pe. Coloma: Pour un catéchisme efficace.

(2) Esta página pode ser reservada para outro uso se o professor julgar que é acima do nível dos alunos. Neste é lembrar brevemente as bases, incutir aos catequistas um sentimento mais vivo, mais intenso, da grandeza e das exigências da sua missão. E se mesmo tempo dar às crianças uma sugestão nas catequistas: que são verdadeiramente enviados por Deus.

(3) 1 Pedro II, 9.

# Requeijão

Prof. Inácio Xavier da Silva  
Da Escola Rural "Alberto Torres"  
Recife — Pernambuco.

Eduardo Penteado

Despejar 20 litros de leite num depósito que tenho sido antes lavado e passado em água fervente.

Esperar 10 ou 12 horas para que a nata fique toda em cima. No caso de ter desnatadeira o leite poderá ser desnatado rapidamente mas na falta desta, pode-se cobrir o vasilhame com um pano e esperar o tempo necessário.

Retirar em seguida a nata e guardar em lugar fresco, tendo-se o cuidado de cobrir a vasilha com pano fino.

Se o leite depois de desnatado não estiver bem ácido pode ser posto sumo de limão, o que apressará a formação da coalhada. Mexer a coalhada no fogo até separar do sôro toda a massa branca. Depois de 15 minutos de aquecimento, escorrer o sôro, passando a coalhada em uma peneira.

A coalhada depois de escorrida, é posta em um saco de algodãozinho e lavada para tirar a acidez.

De 18 litros de leite desnatado, obtém-se mais ou menos 4 quilos e meio de massa úmida. Fõe-se a massa novamente no fogo, mexendo com uma colher de pau. O calor vai cozinhando e a medida faz a massa ir "filando" e ficando cada vez mais macia.

Quando estiver bem quente, depois de 10, ou 15 minutos, despeja-se meio litro de leite

quente, que ficará coalhado depois de algum tempo.

As mexidas com a colher de pau continuam cada vez mais intensas a medida que aumenta o calor. A massa vai se tornando brilhante. Nesta altura despeja-se dentro do tacho um pouco da nata que foi antes retirada, fazendo movimentos em forma de "8" com a colher de pau.

A nata vai sendo aos poucos absorvida. Espalha-se sobre a massa sal refinado bem puro e moido. Avalia-se a quantidade de sal em proporção de uma colher de sopa para cada quilo de requeijão. Junta-se o que resta dos dois quilos de nata. Continua-se mexendo até que a massa não grude mais no tacho.

Despeja-se o requeijão ainda quente em formas que podem ser caixas de madeira torrada com papel impermeável. Para melhor conservação, o papel poderá ser passado no ferro quente e unido com uma espécie de cola-goma com ácido benzóico ou benzoato de sódio, na proporção de 1 gr. por metro quadrado de papel.

Posto nas formas deixa-se o Requeijão esfriar em lugar fresco. Deve-se evitar guardá-lo em lugares úmidos e quentes.

Extraído da E.R.A.T., da Revista "Correio Rural"

## Importância das Indústrias Rurais Caseiras

Amaury H. da Silveira.  
Chefe do Setor de Ind. Rurais da CBAR.  
D. Federal.

As matérias primas alimentares ou alimentos "in natura" podem ser conservados ou transformados em produtos de longa duração. Esta conservação ou transformação chama-se industrialização que, praticada em pequena escala, no lar e no meio rural, constituem as **Indústrias Rurais Caseiras**.

Quando a dona de casa guarda ovos durante 6 meses sem apodrecer ou quando fabrica massa de tomate, em ambos os casos ela está industrializando alimento. Por **conservação** no caso dos ovos e por **transformação** do tomate em massa de tomate.

Eis as principais vantagens das indústrias rurais caseiras:

1 — Resolvem o problema dos **gêneros perecíveis**, de matéria prima alimentar que se estraga dentro de horas ou de poucos dias,

pois elas serão guardados ou transformados, utilizando-se os recursos da industrialização. As jabuticabas, por exemplo, fermentam de um dia para outro, mas elas se prestam admiravelmente ao fabrico de suco, geleia, licor, vinho, jeropiga e vinagre.

2 — Contribuem para dar maior **conforto material** ao lar, pela enorme variedade de produtos alimentícios que elas nos proporcionam. Suco de abacaxi, xarope de maracujá, geleia de morango, goiabada, banana-passa, laranja cristalizada, compota de pêssego, chucrute, molho inglês, linguiça, etc. são indústrias fáceis e que podem aumentar o bem estar de qualquer família.

E note-se que estes são apenas alguns

- exemplos das cento e tantas indústrias que a dona de casa poderá praticar dispondo da matéria prima no meio rural.
- 3 — Apresentam **maior valor nutritivo** que o produto alimentício feito em grande escala industrial. A tecnologia industrial cuida da perfeição técnica, já a tecnologia alimentar exige que o produto alimentício encerre todos os princípios nutritivos do alimento. Assim, o macarrão feito em casa leva ovos, sendo mais sádico, mais puro e de maior valor nutritivo que as massas alimentícias do comércio, artificialmente coloridas... No que tange às vitaminas, segundo tabelas do SAPS, a cajuada (caju amarelo) industrial encerra 27,44 mg. de vitamina C, enquanto a cajuada caseira contém 62,70 mg., isto é, 128% mais!
- 4 — Maiores **lucros** são obtidos com o comércio do produto industrializado do que com a venda em espécie. Uma pequena indústria caseira de doces, por exemplo, pode ser mesmo o único e não pouco rendoso meio de vida de uma família. Haja vista o exemplo das fabriquetas de doces nas estâncias hidro-minerais que os mais aquinhoados costumam frequentar.
- 5 — A indústria aproveita tudo da matéria prima **evitando o desperdício** tão comum entre nós. As cascas de laranja, que normalmente se jogam fora, têm, pelo menos, 10 aplicações na pequena indústria. Os restos gordurosos e as cinzas de fogão a lenha, dois resíduos gratuitos das fazendas, dão-nos o sabão de cinza ou sabão de decoada.
- 6 — As indústrias caseiras constituem um **passatempo agradável e instrutivo**. Belos quadros murais podem ser confeccionados mostrando o milho e seus produtos, os usos da cana de açúcar, etc.
- 7 — As indústrias rurais servem, finalmente, para **fixar o homem ao campo**, sendo portanto um dos meios de evitar o êxodo rural. De fato, sabendo-se aproveitar a abundante matéria prima, conservar os gêneros perecíveis, evitar os desperdícios, ter maior conforto e lucros compensadores pela prática da industrialização, menos atrativos serão as cidades e as capitais.

## FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO

### Subsídios aos Educadores

(Contribuição do "Diário Escolar" do DiARIO DE NOTÍCIAS do Rio de Janeiro)

De Spalding, grande pedagogo católico da América, são as frases que hoje oferecemos à consideração das professoras que não as conhecem, como novo acervo de idéias para o seu cabedal de riquezas educacionais:

"O principal não é o que o professor diga ou dite, mas o que seja em si mesmo. A vida que ele vive, e tudo o que essa vida revela aos seus alunos, até seus atos inconscientes, mas sobretudo o que no fundo de sua alma ele espera, crê e ama, tudo isso exerce uma influência muito mais profunda que suas lições".

"O que nas é mais necessário, ali onde se educa a juventude, não são os grandes edifícios, nem custoso material didático, nem métodos e livros aperfeiçoados, mas um homem entregue deveras a isso, solícito e esclarecido que creia firmemente no poder da educação e que sinta em si um verdadeiro instinto para deixar agir esse poder sobre aqueles que lhe são confiados. E isto se aplica igualmente à escola primária, à escola média e à universidade".

"O professor vale o que vale o homem. Bons professores formam bons escolares. Todo homem verdadeiro é um professor, porque vivendo e agindo como homem de bem, é um exemplo e um estímulo para os demais. Só a presença do homem, no verdadeiro sentido da palavra, mesmo que nada diga nem faça, engendra vida e fortaleza."

Quantos de nós temos sido testemunhas, até nas menores coisas, da influência que exerce sobre os espíritos juvenis um verdadeiro educador? Por vezes numa classe a indisciplina impera. O professor esbraveja, promete chamar o diretor e distribuir castigos a granel. Os alunos se divertem diante dessa atitude de fracasso. Nem a sineta para o final da aula foi ouvida. Mas abre-se a porta e surge o professor da aula seguinte. O efeito é de água fria na fervura. Todos se acalmam. A tranquilidade volta a reinar na turma. Culpa dos alunos? Parece-nos que não. Culpa do professor que não está sendo educador. É preciso que ele se volte sobre si mesmo e verifique o que está errado em seu conduto. Problema de disciplina é muito mais do professor do que do aluno. E ainda aqui é oportuno citar Spalding: "Todo aquele que crê na educação, trabalha, antes de tudo, por educar a si mesmo".

O limite da educação é a morte. Até lá, sobretudo se desejamos educar, devemos educar. A vida hodierna, principalmente nos grandes centros, não é de molde a facilitar-nos a tarefa educativa. Mas, traz-nos grande vantagem: facilita a formação do caráter, quando há boa orientação. Já dizia alguém: "Um talento forma-se na tranquilidade, mas um caráter só na correnteza do mundo".

# SISTEMA LEGAL DE UNIDADES DE MEDIDA

(Palestra realizada pelo Prof. Roberto Peixoto)

O antigo sistema métrico decimal, adotado pelo Brasil, pela Lei n.º 1.157, de 26 de junho de 1862, que determinou o seu uso obrigatório a partir de 1872, foi reformado pelo Decreto 4.257, de 6 de junho de 1939, que atualizou as definições e convenções daquele velho sistema. Procuraremos fixar alguns detalhes do novo sistema.

Lembraremos, inicialmente, que deve ser abandonada a denominação de sistema métrico decimal e adotada a de **sistema legal de unidades de medida** como se lê no título do capítulo I, do decreto, se bem que o regulamento respetivo diga **sistema legal de unidades de medir**.

No que interessa ao nosso trabalho citaremos como **grandezas fundamentais ou elementares** as referentes às medidas de **comprimento**, de **massa** e de **tempo**.

Para **comprimento**: o **metro**;

para **massa**: o **quilograma**;

para **tempo**: o **segundo**.

No antigo sistema métrico o **metro** era definido como a **décima milionésima parte do quadrante do meridiano terrestre**. Além da desigualdade dos meridianos e de sua forma não rigorosamente circular, um erro de cálculo veio comprometer essa definição: o metro padrão de platina, construído como protótipo não era exatamente a décima milionésima parte do quarto do meridiano: havia uma diferença, para menos, de 0,000228 do metro. Não foi porém, modificado o padrão primitivo do metro. Este continuou sendo considerado como legal e, consequentemente, é uma medida puramente convencional.

Em que pese o fato da definição atual apelar para submúltiplos do metro, a definição legal do metro é: a **distância, à temperatura de zero grau centígrado, dos eixos dos traços gravados sobre a barra de platina depositada na Repartição Internacional de Pesos e Medidas e considerada como protótipo do metro pela 1.ª Conferência Geral de Pesos e Medidas, estando submetida à pressão atmosférica normal e suportada por dois rolos com um diâmetro mínimo de 1 centímetro simetricamente, num mesmo plano horizontal e à distância de 571 milímetros um do outro**.

Naturalmente que na Escola Primária não deve ser dada esta definição. Será suficiente lembrar a distância entre os dois traços da barra de platina.

No antigo sistema usavam-se letras maiúsculas nas abreviaturas. No sistema atual a não ser para o **prefixo mega** que significa 1000000 e se representa por **M**, todas as outras abreviaturas são com letras minúsculas. Em face destas novas determinações, o decâmetro, representado antes por **Dm** é agora **dam** (**deca** simbolizado por **da**) e o quilômetro, em outros tempos, **Km** é agora **kg**.

Para a medida das áreas, usamos como unidade o **metro quadrado**: é a área de um quadrado cujo lado tem o comprimento de um metro.

Aliás, de um modo geral, a unidade de área, em matemática, é a área de um quadrado cujo lado tenha de comprimento a unidade de comprimento. Assim, a unidade de área pode ser o centímetro quadrado, que é a área de um quadrado cujo lado tem o comprimento de 1 centímetro, ou a jarda quadrada, que é a área de um quadrado cujo lado tem o comprimento de 1 jarda, etc.

É fácil mostrar, e parece-nos cabível na Escola Primária, que nas medidas de área do sistema legal, as unidades se sucedem de 100 em 100.

Assim, por exemplo, mostremos que 1 metro quadrado tem 100 decímetros quadrados.

Seja um quadrado cujo lado tenha 1 metro de comprimento: a sua área é de 1 metro quadrado.

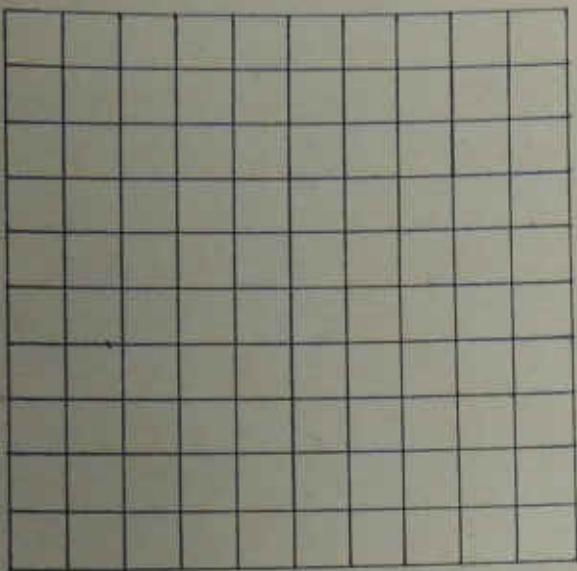
Dividamos cada lado em partes iguais (10); cada parte medirá 1 decímetro.

Quadruplicando a figura ficarão formados 10 x 10 ou 100 quadrados cujo lado medirá 1 decímetro: serão 100 decímetros quadrados.

Logo:

$$1\text{m}^2 = 100\text{ dm}^2$$

Analogamente, mostrariam que 1 decímetro quadrado = 100 cm<sup>2</sup>.



**Maneiras corretas de indicar o área de um retângulo de 8 metros de comprimento e 6 metros de largura:**

$$\begin{aligned} A &= (8 \times 6) \text{ m}^2 = 48 \text{ m}^2 \\ A &= 8\text{m}^2 \times 6 = 48\text{m}^2 \\ A &= 6\text{m}^2 \times 8 = 48\text{m}^2 \\ A &= 8 \times 6 \times 1\text{m}^2 = 48\text{m}^2 \end{aligned}$$

**Maneira incorreta:**

$$A = 8\text{m} \times 6\text{m} = 48\text{m}^2$$

**Observação:** A multiplicação por metro não tem sentido.

Para o decâmetro quadrado pode ser usada a denominação **are** (e não **aro** como também se dizia, no velho sistema), quando utilizando nas medidas agrárias.

Para os medidas de volume fariamos considerações às de áreas, apenas fixando que as unidades se sucedem de 1.000 em 1.000.

As **unidades de peso** passaram a denominar-se **unidades de massa** porque o peso de um corpo varia com a latitude enquanto a massa é constante.

No cálculo da massa de um decímetro cúbico de água a 4 graus centígrados, em 1895, foi verificado um erro de 64 miligramos no cálculo anterior: foi encontrado 999,936 gramas em lugar de 1000 gramas. Por isso, nas medidas de grande precisão, o **litro**, unidade de capacidade é considerado o volume ocupado pela massa de um quilograma de água destilada e isenta de ar, na temperatura de 4 graus centígrados e sob a pressão atmosférica normal.

Para fins legais o litro pode ser considerado equivalente ao decímetro cúbico.

A unidade de massa é o **quilograma**: é a massa do protótipo internacional de platina iridiada sancionado pela 1.<sup>a</sup> Conferência Geral de Pesos e Medidas e que se acha depositado na

**Repartição Internacional de Pesos e Medidas.**  
No sentido de definição, o **grama** é um submúltiplo da unidade principal que é o **quilograma**. O Decreto 4.257 diz, porém, que os múltiplos e submúltiplos das unidades de massa são formados tomando-se como base o **grama** que é 0,001 da massa do protótipo internacional do quilograma.

**Observação** sobre o modo de escrever os números e símbolos:

1. A vírgula ou ponto devem ser usados em um número para separar a parte inteira da decimal. Não se usarão sinais na separação das classes — de três algarismos — mas apenas um pequeno intervalo maior que o usado na distinção das ordens.

2. Não se acrescenta ponto abreviativo ao símbolo da unidade, nem **s** como indicador de plural. Assim, é errado escrever 5 quilômetros da forma 5Ks, como constantemente temos visto.

As três coisas acima representadas estão erradas. O **k** não é maiúsculo, não há **s**, nem ponto. O certo seria 5km

3. Os símbolos representativos das unidades não devem ser escritos em forma de expoente e sim na mesma linha horizontal em que o número está escrito. Exetuam-se os símbolos das unidades de temperatura, de tempo e das unidades sexagesimais de ângulo. Quando o valor numérico de uma grandeza tiver parte fracionária, o símbolo de unidade respectiva não deve ser intercalado entre a parte inteira e a fracionária do número, mas deve ser levado à direita desta parte fracionária.

#### NOTA DIDÁTICA:

Uma vez compreendido pelo aluno como se processa a conversão de uma unidade, por exemplo, metros quadrados em centímetros quadrados, seja multiplicando por 100 e por 1000, ou por 10.000, seja deslocando o vírgula quatro ordens, ou duas mais duas ordens, devemos deixar que o aluno faça, posteriormente, como melhor achar, sem amarrá-lo a uma orientação rígida.

#### BIBLIOGRAFIA:

1. Legislação metroológica — Publicação da Comissão de Metrologia (Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio).
2. Publicação n.º 2. Unidades legais. Recomendações sobre o modo de escrever os números e os símbolos. Publicação da Comissão de Metrologia (M. T. I. C.).
3. Histórico do Sistema Métrico Decimal — José Frazão Milanez.
4. Matemática — Curso Ginasial — 1.<sup>a</sup> série — Nicanor Lengruber e Roberto Peixoto.

**Planejamento e sugestões para desenvolvimento de atividades.****I — OBJETIVOS GERAIS:**

- proporcionar oportunidades para que os alunos possam vencer dificuldades reveladas nas provas de promoção, de acordo com o IPE.
- levar o aluno a resolver, com exatidão e presteza, problemas da vida prática.

**2.ª Série****OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Levar o aluno a:

- conhecer a unidade numa coleção
- decompor centenas em dezenas
- achar o número sendo a metade
- decompor cruzeiros em centavos
- tirar prova real da subtração
- achar o minuendo sendo dados subtraendo e resto.

**DESENVOLVIMENTO:**

É indispensável a utilização de um variadíssimo material de contagem, ao lado de figuras e cartazes. Isto vem servir para dar à criança uma base segura para o conceito de número e, mais tarde, para os cálculos e problemas.

O professor deverá realizar nesta campanha duas coisas: a fundamentação e fixação da noção.

Para isto, ele se valerá de atividades que levam o aluno a calcular, raciocinar, entender e

empregar corretamente a linguagem matemática.

Convém frisar, pois, os 3 pontos que serão vividos com o máximo de variedade dentro desta Campanha:

**Cálculo, raciocínio e vocabulário.****RECURSO MOTIVADOR:**

— Uma caixa de cálculo.

O professor perguntará às crianças se já viram um "pirata" e se sabem onde ele guarda os seus segredos de contas e moedas.

É certo que se lembrarão do **bau**, como uma caixa de surpresas encantadas. Bem parecida com ela, será a que as crianças terão, cheia de moedinhas de brinquedos; pouzinhos dourados, palitos coloridos, caixinhas, vidrinhos e bolinhas que servirão para o estudo de unidade, dezena e centena.

A caixa poderá ser de cartolina, igual para todos, mediante um modelo estudada ou, aproveitada de material que o aluno já possua. Deve ser forrada, enfeitada e o conteúdo colecionado pelo alunos.

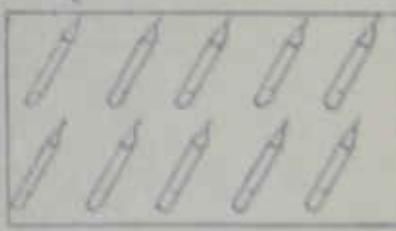
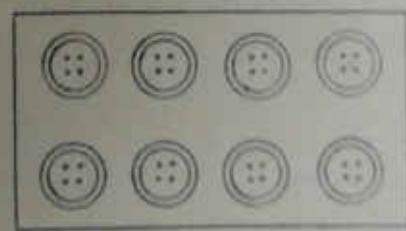
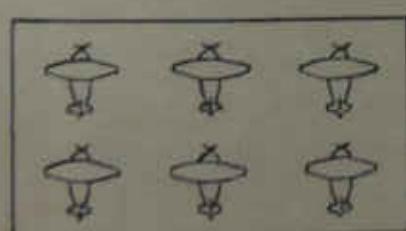
**Exemplo de material para a caixinha:**

botões, cartões com figuras recortadas e coladas, números em cartolina, palitos coloridos (com anilina), caixas de fósforos e fósforos enfeitados com papel de presente, bichinhos, garrafinhas, vidrinhos de remédio cheios de ponta de lápis de cor, moedas, etc.

Ao término da Campanha, as caixinhas estarão bem sortidas mas o trabalho continua até o fim do ano, de acordo com as possibilidades que ainda poderão surgir.

**SUGESTÕES: — Conhecimento da unidade na coleção.**

Escreva o nome da unidade de cada coleção.



Na coleção de botões a unidade é o \_\_\_\_\_

Na coleção de aviões a unidade é o \_\_\_\_\_

Na coleção de selos a unidade é o \_\_\_\_\_

Na coleção de lápis a unidade é o \_\_\_\_\_

## JOGO

15 cartões com as coleções (desenhadas, coladas ou pintadas).

15 cartões com as unidades correspondentes: formam 2 partidos (partido de unidades e partido de coleções).

— Distribuir os cartões (um para cada aluno).

— Chamar uma criança qualquer.

Se estiver com cartão de coleção, dirá: — Onde está minha unidade?

Virá a unidade dizendo logo: — Pronto, coleção!

Caso contrário, a criança perguntará pela sua coleção que virá para dizer: — Pronto, unidade!

— Quem errar no vocabulário ou demorar em se apresentar perderá um ponto para o partido.

Os pontos perdidos serão marcados no quadro-negro. Ganhárá o grupo que tiver menor número de pontos perdidos.

## DECOMPOSIÇÃO DE CENTENA EM DEZENA

Ordens dadas, ordemente:

— Amarre 100 pauzinhos em grupos de uma dezena. Diga agora:

— quantas dezenas achou?  
— quantas dezenas há em 100 unidades?

O professor variará a situação e os exercícios até obter a fixação da noção.

## PROBLEMAS

1. D. Carmem comprou um cento de uvas e as separou em cachinhos de 10 uvas. Quantos cachos ela fez?

2. Tia Júlia arrumou uma centena de doces de leite em pacotinhos de 10. Quantos pacotinhos ela preparou?

3. D. Lia fez um cento de balas de mel para seus alunos e D. Moema fez 8 dezenas. Quem fez mais?

4. Paulo vendeu uma centena de selos e Léo vendeu dez dezenas. Quem vendeu mais?

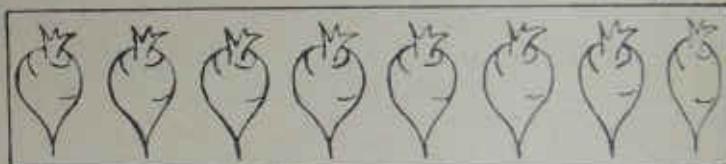
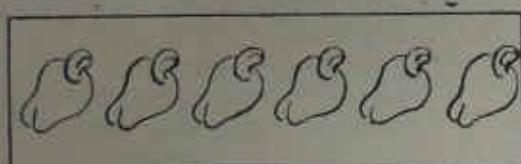
## COMPLETE:

centena ..... unidades

..... dezenas

## METADE DE COLEÇÃO

Separe a metade, com um traço em volta.



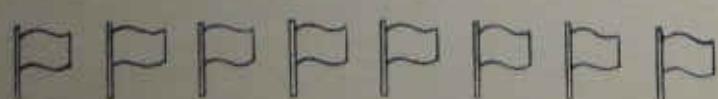
Complete:



a metade de 2 é .....



a metade de 4 é .....



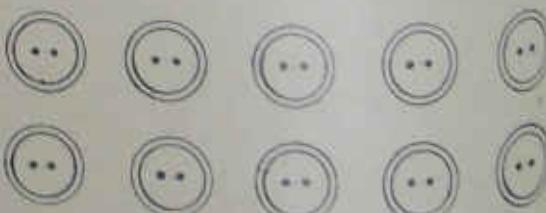
a metade de 8 é .....

Paulo pintou a metade dos vasinhos que possui



Quantos vasinhos Paulo possui ao todo? .....

Geraldo possui uma coleção de botões. Ainda não terminou, mas está desenhada a metade da coleção.



A coleção de Geraldo tem ao todo .....

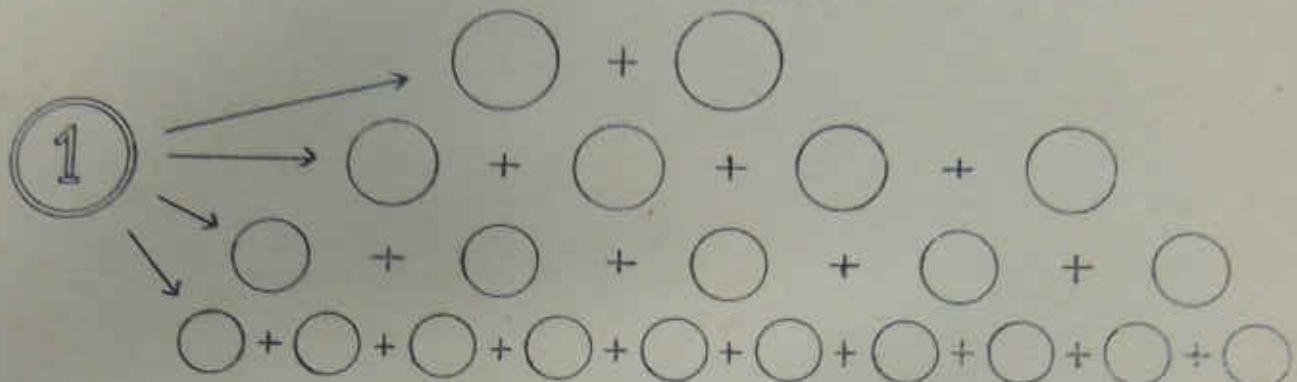
## SISTEMA MONETÁRIO

Decomposição de cruzeiro em centavos.

Material: moeda de 1 cruzeiro, 50 centavos, 20 centavos e 10 centavos

(reais, de papelão, carimbo etc.)  
uma coleção para cada criança.

Troque o cruzeiro de vários modos:



COMPLETE:

Posso trocar o cruzeiro em:

2 moedas de ..... centavos  
5 moedas de ..... centavos  
10 moedas de ..... centavos

Posso trocar o cruzeiro em:

..... moedas de 50 centavos  
..... moedas de 20 centavos  
..... moedas de 10 centavos

Dei 1 cruzeiro para pagar 20 centavos. Recebi de troco ..... centavos.

### DRAMATIZAÇÃO:

Arrumar, na mesa do professor ou num canto da sala, um balcão de variedades (brinquedinhos, lápis, cadernos, botões, grampos, balões etc.)

Um aluno é o vendedor. Os outros virão comprar. Chamare a lojinha "Nada além de 1 cruzeiro". O vendedor tem a caixa de moedas para o troco (varia de 50, de 20, de 10). Os compradores terão as suas moedas para as compras (1 cruzeiro, 50 centavos, 20 centavos, 10 centavos). O professor chamará um de cada vez. Tudo deve ser feito em voz alta.

### BRINCADEIRA:

O professor distribuirá às crianças as seguintes moedas de papelão ou cartolina — tipo grande — e que poderão ser penduradas ao pescoço:

2 moedas de 50 centavos  
5 moedas de 20 centavos  
10 moedas de 10 centavos.

O professor ficará com a de 1 cruzeiro. Ele mostra 1 cruzeiro e diz:

— Quero trocar 1 cruzeiro em 2 moedas. Venham depressa!

As crianças que possuem 50 centavos vem correndo e dão as moedas diante da turma.

Depois, o professor dirá:

— Quero trocar 1 cruzeiro em 5 moedas. Vêm as de 20.  
— Em 10 moedas. Vêm as de 10.  
— Em 4 moedas. Vêm as de 50, 20, 20 e 10.

(Repetir, dando as moedas a outros alunos).

Bem conhecido o trabalho dentro de 1 cruzeiro, fácil será entendê-lo.

### PROVA REAL DA SUBTRAÇÃO

Este estudo podemos dividir em duas partes:

- exercícios que visem a subtração com o conceito de falta.
- determinação da prova real.

### ALGUNS EXERCÍCIOS



Voaram ..... aves

Restam ..... aves

Havia no galho ..... aves.

$$4 - 2 = 2$$



Apagaram-se 3 velas

Estão acesas 4 velas

São ao todo 7 velas

$$\underline{7} - 3 = 4$$

#### DRAMATIZAÇÕES:

Sérgio, apanhe na sua caixa de cálculo, os botões que você quiser, (até 10) e venha cá. Dê alguns para o José. (tomar nota no quadro-negro (6 por exemplo).

Diga agora, quantos você tem na mão. (tomar nota 3 por exemplo). Quem adivinha quantos ele apanhou na caixa?

Faça um desenho para esta história.

Vovô fez um bolo  
O bolo é da Lili  
Ele tem sete velas  
Viva a Lili!

Otávio ganhou uma dezena de soldadinhos.  
Otávio é um bom menino.  
Ele deu a metade dos soldadinhos ao Levi.  
Levi é pobre, não pode comprar brinquedos.

1 — Quantos soldadinhos Otávio ganhou?

Resposta: 10

2 — Quantos soldadinhos ele deu ao Levi?

Resposta: 5

Narrar histórias e levar os alunos à reprodução.

Exemplos de histórias: "Os 4 coelhos", "Os 3 ursinhos", "Os 3 porquinhos", etc.

Formar frases usando os verbos: dar, juntar, possuir, guardar, etc.

#### BIBLIOGRAFIA

Minha Aritmética (1.ª série) — Olga Pereira Metting e Maria Lúcia L. de Magalhães.

- Jogos e Recreações Matemáticas (1.º volume) — Irene de Albuquerque.  
Cálculos graduados — Subtração (1.º ano) — Irene de Albuquerque.  
Começando a calcular — Lélia N. G. Visani.  
Primeiros Passos na Matemática — Célia Côrtes Abdón.  
Matemática na escola elementar — I.N.E.P.  
Programa Mínimo para o Curso Primário.  
  
NOTA: A caixa do cálculo apresentada como recurso motivador, é sugestão da Professora Célia Côrtes Abdón e se encontra, detalhadamente, no seu livro Primeiros Passos na Matemática — (1.º volume — 2.ª edição).

Todas as ordens poderão ser orais ou escritas conforme as possibilidades de leitura, da turma.

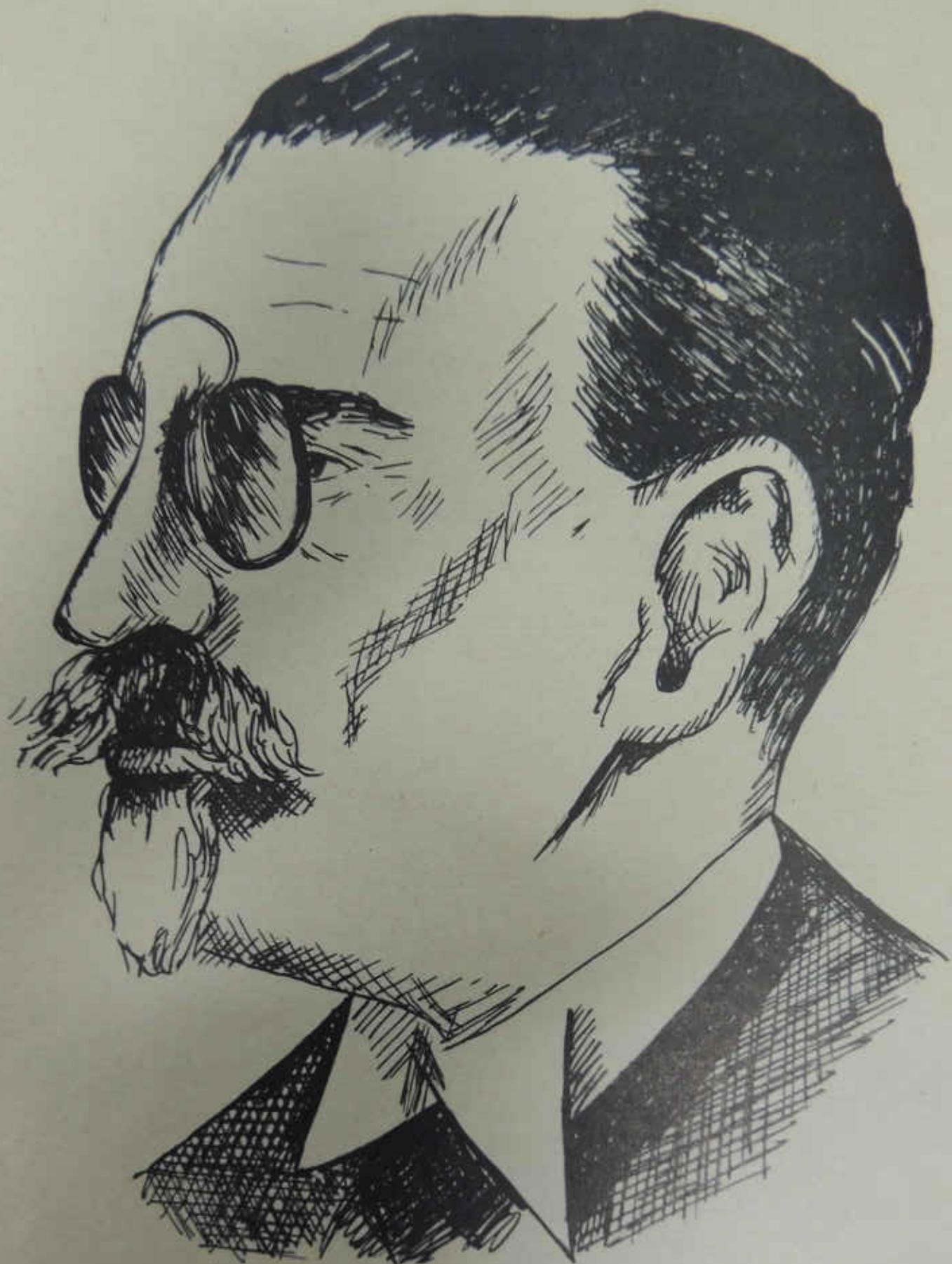
Setor de Bibliotecas e Auditórios da Secretaria Geral de Educação do Dep. de Educação Primária do Distrito Federal.

#### DEZ NAOS NO ENSINO DE ARITMÉTICA

Prof. Irene de Albuquerque.

(Extraído da palestra realizada na A.B.I.)

- Não prefira os métodos pelos quais aprendeu, mas aqueles pelos quais os seus alunos podem aprender mais fácil e eficientemente.
- Não encare o aprendizado de Aritmética nem só como de mecanismo nem só como de significação.
- Não chegue jamais à abstração sem uma sólida base concreta.
- Não pense pelos alunos; dê-lhes o prazer de fazer por si mesmo, sob a sua orientação.
- Não seja a Aritmética de quadro-negro estranha à vida da classe e à vida dos seus alunos.
- Não subestime a importância da prática interessada e bem distribuída como indispensável à fixação da aprendizagem.
- Não negue a seus alunos a constante satisfação do êxito como um dos mais poderosos incentivos ao progresso.
- Não faça do "cabeçalho" um ingrediente indispensável a uma tarefa de Aritmética.
- Não encha o quadro-negro de contas e exercícios nem transforme uma aula de Aritmética num exaustivo exercício de cópia.
- Não negligie a formação dos melhores hábitos, atitudes e ideais.



NILO PEÇANHA

**NILO PEÇANHA** — Político brasileiro (1867-1923). Foi deputado pelo Rio de Janeiro e senador. Ocupou a presidência do Estado do Rio; foi eleito vice-presidente da República para o quadriênio de 1906 a 1910 e sucedeu a Afonso Pena, como presidente, por morte deste, de 1909-1910. Em 1914 voltou à presidência do Estado do Rio. Iniciou a grande obra da civilização dos nossos indígenas.



Duque de Caxias

## VENTOS

Ventos são correntes de ar em movimento. Quando são fracos chiamam-se brisa; quando são mais forte, pode-se chamar vento, mas quando sopra mais forte ainda chama-se furacão ou tufão.

Os ventos sopram da terra para o mar e do mar para a terra.

Os ventos fortes são prejudiciais: destróem as casas e as plantações.

Os ventos brandos favorecem a vida, suavizando os rigores de temperatura.

O vento é utilizado para mover os moinhos e os barcos de vela.

Os ventos são também utilizados para mover os cataventos, máquinas que puxam água.

Ventoinhas ou cataventos são aparelhos para marcar a direção dos ventos, e, em geral, são colocados no telhado das casas.

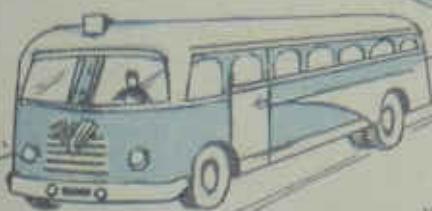
# Ventos



# *Meios de transporte*



AUTOMÓVEL



ÔNIBUS



TRENO



MOTOCICLETA



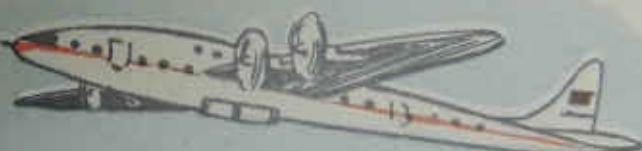
CAVALO



CARROCA



NAVIO



AVIÃO



BONDE



TREM ELÉTRICO



Duque de Caxias



HERMES RODRIGUES DA FONSECA

**HERMES RODRIGUES DA FONSECA** — Marechal e político brasileiro (1855-1923). Nasceu no Estado do Rio Grande do Sul. Em 1871 ingressou nas fileiras do Exército e em 1889 tomou parte na proclamação da República, ao lado de seu tio, o Marechal Deodoro da Fonseca. Em 1903 foi, interinamente, chefe de Polícia do Rio e, depois comandante da brigada policial e diretor da Escola Militar do Realengo. Na gestão presidencial de Afonso Pena, assumiu a pasta da Guerra, ocasião em que reorganizou o Exército. Levantada a sua candidatura à presidência da República, partiu para a Europa, donde só voltou depois de ter sido eleito. Foi o 8.º presidente do Brasil (1910-1914).

# A Leitura da Matemática

(Traduzido do Study Type of Reading Exercises,  
publicado pela Universidade de Colúmbia)

Ouvimos sempre que a Matemática é uma ciência exata. Isso significa que os fatos por ela estabelecidos mudam, com o correr dos anos, menos do que qualquer outro ramo do conhecimento. Dois e dois eram quatro quando os faraós construíram as pirâmides com a mesma certeza de que o são neste momento. A soma dos ângulos de um triângulo é 180 graus tanto hoje quanto quando a primeira pessoa a pensar em geometria traçou o primeiro triângulo num pedaço de areia macia, com uma vara de ponta.

Os fatos e resultados matemáticos não são apenas verdadeiros, mas também surgem de fatos simples, de prova fácil e podem ser grupados numa longa série de resultados, dependendo cada um de todos que estão à sua frente. Por isso, ao ler matemática, devemos ser extremamente cuidadosos para entender todo o trecho que lemos, para poder passar para o trecho seguinte com segurança e facilidade.

Por outras palavras, dizemos que, em matemática, o estudo é como uma longa escada. Se começarmos de baixo e subirmos degrau por degrau, acharemos a subida fácil. Mas, se ficarmos no chão e tentarmos dar um salto ao décimo degrau, pulando os nove primeiros, não sairemos do chão.

Como ter certeza de que estamos subindo todos os degraus da matemática, que os estudantes encontram logo no princípio da escola?

Em primeiro lugar, devemos estar certos de compreender o novo vocabulário existente nos compêndios de matemática. Encontraremos palavras e expressões tais como fator, número, ângulo obtuso, bisetriz, círculos concêntricos, etc.

Os significados dessas novas palavras são adquiridos melhor com a resolução de problemas em que esses termos figuram. Devemos ler o texto cuidadosamente, notando as novas palavras e expressões, e as definições que lhes serão dadas. Assim como lemos História cuidadosamente a fim de lembrar fatos e datas importantes, devemos ler matemática com cuidado a fim de reter o significado dos novos termos.

Outra novidade que encontramos tanto em álgebra como em geometria são os símbolos, isto é, sinais que representam palavras ou números. Na escola primária, usamos certos números de símbolos. O número 1, por exemplo, representa a palavra **um**; o número 0,1 as palavras **um décimo**. O sinal do cruzeiro é outro símbolo com que nos familiarizamos. Assim, também, **mais** e **menos** e os sinais de **multiplicação** e **divisão**. Esses sinais surgiam tão freqüentemente em aritmética, que viemos a usá-los com rapidez e perfeição. Agora aprenderemos outros símbolos.

Ios. Teremos necessidade de ler nossos livros de matemática, com olhos e mentes aguçados para captar os significados e usos desses novos símbolos.

Para ter sucesso em matemática, precisamos mais que isso. Não basta reconhecer novas palavras e símbolos estranhos. Devemos ler cada capítulo com entusiasmo e com cuidado, isto é, devemos galgar os degraus da escada da matemática com interesse e atenção.

Quando lemos um problema que vamos resolver, devemos primeiro perguntar: Quais os fatos dados? O problema pode dizer que se vendem maçãs a Cr\$ 30,00 o quilo, ou que um cavalo trotava uma milha em 2 minutos e 20 segundos. Em todo problema encontraremos dados e devemos tomar nota, mentalmente, dêles enquanto lemos. A questão seguinte que devemos tentar responder é: — Que devemos encontrar? Que fato, que não foi dito, no enunciado do problema, deveremos descobrir para solucioná-lo?

Quando depois de ler temos em mente os fatos dados e os por encontrar, devemos fazermos uma terceira pergunta: — Que semelhança tem este problema com outros já resolvidos? — Que direção seguimos ao solucionar problemas anteriores que nos serão úteis ao descobrir a solução deste? Que direções novas deveremos seguir no problema, que informação nova ele contém que — combinada com os dados e com a matemática que já conhecemos — nos ajudará a achar o fato desconhecido que é a resposta do problema?

Se conseguirmos obter esses fatos e tivermos em mente o conhecimento anterior e o atual, não apenas solucionaremos o problema, mas também saberemos **como** resolvê-lo. Por trás da solução, compreenderemos a teoria matemática, e assim seremos capazes de resolver outros problemas da mesma espécie a qualquer tempo. Subirmos com sucesso outro degrau em nossa escada matemática.

A leitura da matemática deve, pois, ser sempre cuidadosa. Nela nunca devemos pensar em rapidez. Ao contrário, devemos fixar toda a atenção na compreensão. O que devemos tentar compreender especialmente são o vocabulário, os símbolos, as direções a seguir e, finalmente, o processo gradativo no qual se construirá a solução do problema em mão. A compreensão dos fatos no caso torna possível o raciocínio original que leva à solução.

Muito importante é saber que não se pode ler matemática às pressas, saltando ou superficialmente.

# ESCRITA E LEITURA DE QUANTIAS

INTRODUÇÃO PARA UMA AULA DE MATEMÁTICA

Prof. Jayxa Vieira Pinheiro

Diretora do G. E. "Frei Tomás"  
Itacaré — E. do Rio.

Após uma palestra variada com os alunos sobre o nosso dinheiro, seu conhecimento e valor, compras e troco, apresentação de moedas e notas, pequenos cálculos orais, tudo de modo bem objetivo e concreto, desenhar no quadro-negro o seguinte:



Começar dizendo que o desenho representa uma rua chamada dos **Cruzeiros**, na qual há apenas 2 casas. Na primeira casa, mora a família dos **Cruzeiros** e nela pode morar muita gente; depois, atravessa-se um pequeno valozinho (que simboliza a vírgula) e encontra-se outra casa, que pertence à família dos **Centavos** e, na qual encontramos sempre duas pessoas, ou 00 — 10 — 20 — 30 — 40 — 50 — 60 — 70 — 80 ou 90.

Colocamos, por exemplo, 8 dentro da casa dos Cruzeiros e 10 na casa dos Centavos e mandamos a criança ler, dando o "sobrenome da família" (Cruzeiros e Centavos). Foremos assim várias vezes, explicando que se a casa dos Cruzeiros estiver vazia, devemos colocar um **0** (zero) e se fôr a casa dos Centavos, colocaremos **00 (2 zeros)**.

Após vários exercícios de leitura e escrita, feitos dentro do desenho, passaremos ao emprego da leitura e escrito de quantias. Para tal, diremos aos alunos que a rua dos Cruzeiros terá a sua abreviatura — Cr\$ (daremos explicação de abreviatura empregando Dr. José, D. Maria, Sr. Manuel, etc. e que o valozinho vai virar em uma

vírgula. Mostraremos à criança uma notinha de um cruzeiro e uma moedinha de vinte centavos (por exemplo) e pedimos que ela escreva folhando para as casinhas desenhadas no quadro-negro) estimularemos bastante, caso haja alguma dúvida, sempre recordando a historinha da "Rua dos Cruzeiros".

Pode-se então fazer exercícios de leitura e escrita de quantias, mandando o aluno ler ou escrever quantias que serão dadas pelo professor ou por um dos colegas.

## PARA O DIA DO SOLDADO

Queremos hoje exaltar a bravura, as ardentias dos grandes nomes da Pátria como os de Osório e Caxias.

Queremos rememorar o passado que lá vai, os largos lances heróicos da Guerra do Paraguai.

Caberá nas sete sílabas de uma quadra pequenina todo o glória que colhemos nas lutas da Cisplatina?

Foi lá no Itálio distante, no duro solo estrangeiro, que de louros se cobriu o "pracinha" brasileiro.

Salve o valente soldado, grande na paz e na guerra, fiança dos nossos lares, esteio da nossa terra!

Somos nós também soldados e hoje vimos prometer que saberemos também cumprir o nosso dever.

# LINGUAGEM

Atendendo pedidos de professores da Capital e do interior, apresentamos sugestões para o trabalho a ser realizado com os alunos que revelaram em suas composições deficiências relativas à organização de ideias, à pontuação e à ortografia.

- I — Organização de ideias:
  - a) Narrativas de histórias, passeios, viagens, etc.
  - b) Apreciação de gravuras (enumeração de elementos, descrição, histórias sugeridas pelas gravuras, etc.)
  - c) Excursões (Planejamento, execução, verificação — Aproveitamento de todas as situações que podem levar o aluno a expressar suas ideias, aquilo que observou, que lhe chamou atenção, que lhe despertou maior interesse, etc.)
  - d) Formação de sentenças:
    - 1 — com palavras apresentadas pelo professor;
    - 2 — com palavras escolhidas pelo aluno;
    - 3 — referentes a uma história lida ou ouvida;
    - 4 — referente a uma gravura.
  - e) Cópias de trechos escolhidos pelas crianças (em prosa ou verso).
  - f) Leituras interpretativas
  - g) Poesias e quadrinhas (recitativos — Explicação pelo aluno, do conteúdo das mesmas.)
  - h) Relato de experiências realizadas nas aulas de estudos naturais (germinação, gravidade, etc.)
  - i) Preparação de notícias para o jornal de classe
  - j) Avisos, recados, etc.
  - k) Jogos específicos.
  
- II — Pontuação
  - a) Cópias motivadas:
    - 1 — de sentenças
    - 2 — de pequenos textos
  - b) Leituras:
    - 1 — de histórias
    - 2 — de trechos interessantes escolhidos pelo professor
    - 3 — de trechos escolhidos pelo aluno.
  - c) Apresentação de cartazes ilustrados e com sentenças ou contos devidamente pontuados (casos de pontuação ou estudo)
  
- d) Formação de sentenças
- e) Redação de avisos e ordens (Explicação prévia do professor referente à pontuação a ser usada)
- f) Notícias para serem afixadas no quadro de aviso da classe
- g) Ditado-exercício e ditado-prava
- h) Trechos para pontuação (Exercícios).

## III — Ortografia:

- a) Ditado-exercício
- b) Leitura com observância das palavras cuja grafia a criança deve fixar
- c) Cópias motivadas
- d) Organização de cartazes com a relação das palavras cuja grafia esteja sendo objeto de estudo. Emprêgo dessas palavras em sentenças e ditados
- e) Auto-ditado
- f) Ditado-prava
- g) Jogos específicos.

## OS FRUTOS

**Prof. Sólon Borges dos Reis**  
S. Paulo.

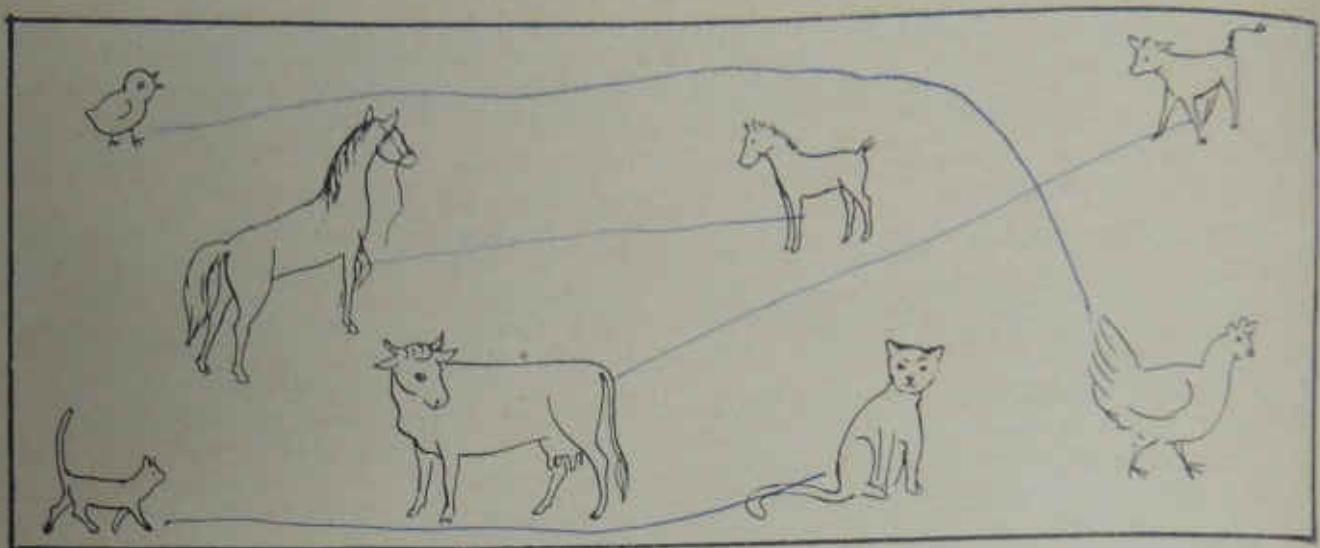
Há quem não gosta de manga,  
De laranja ou de abacate,  
De banana ou de pitango,  
De abacaxi ou tomate?

E o côco e a jaboticaba?  
O jambo, o caju, a amora?  
O mamão e o goiaba,  
Os frutos da nossa flora?

E os frutos de terra estranha:  
Pêra, cereja, maçã...  
Quem não gosta de castanha,  
De nozes e de avelã?

Pois, amem a árvore. Ela encerra,  
Os frutos que não de ser seus.  
A árvore é um presente do terra,  
E a terra é um presente de Deus!

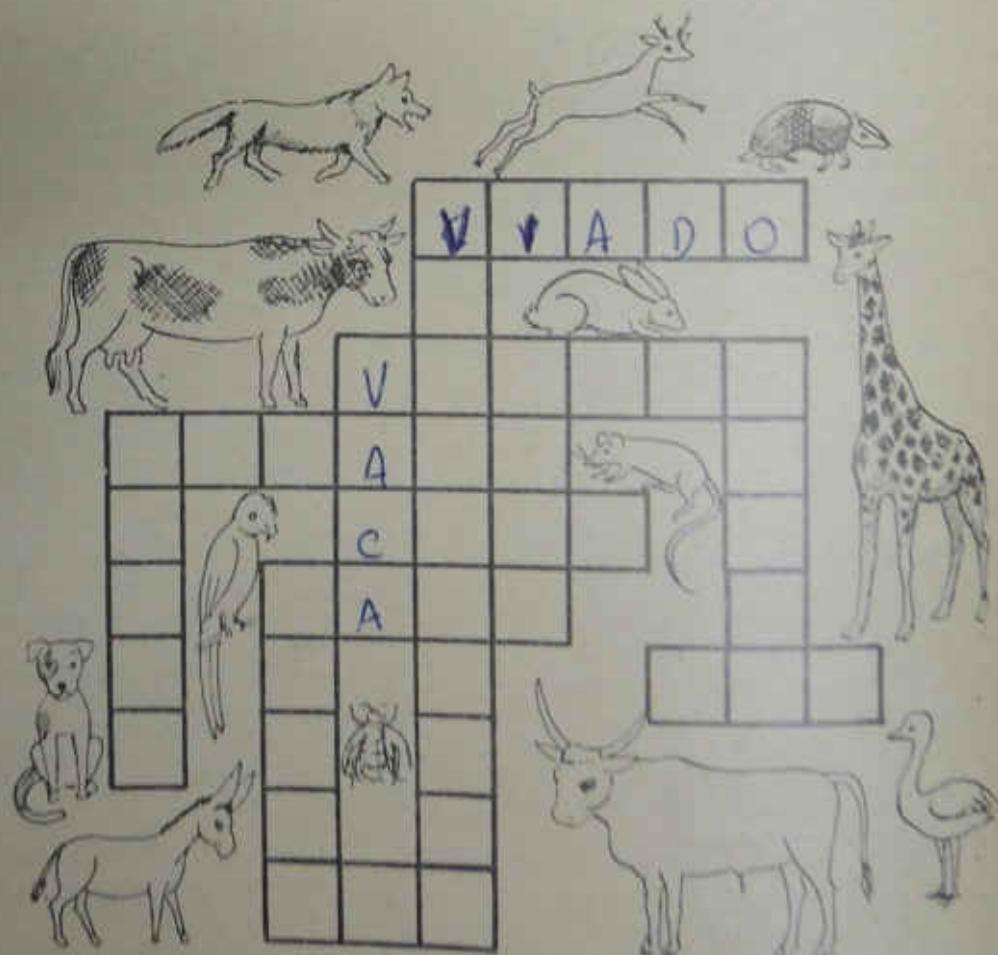
# *Exercícios e Divertimentos*



AJUDE OS ANIMAIZINHOS A ENCONTRAREM SUAS MÃEZINHAS, LIGANDO-OS COM UM TRACO.

## PALAVRAS CRUZADAS

Escreva os nomes dos animais que estão desenhados, pondo cada letra num quadrinho.

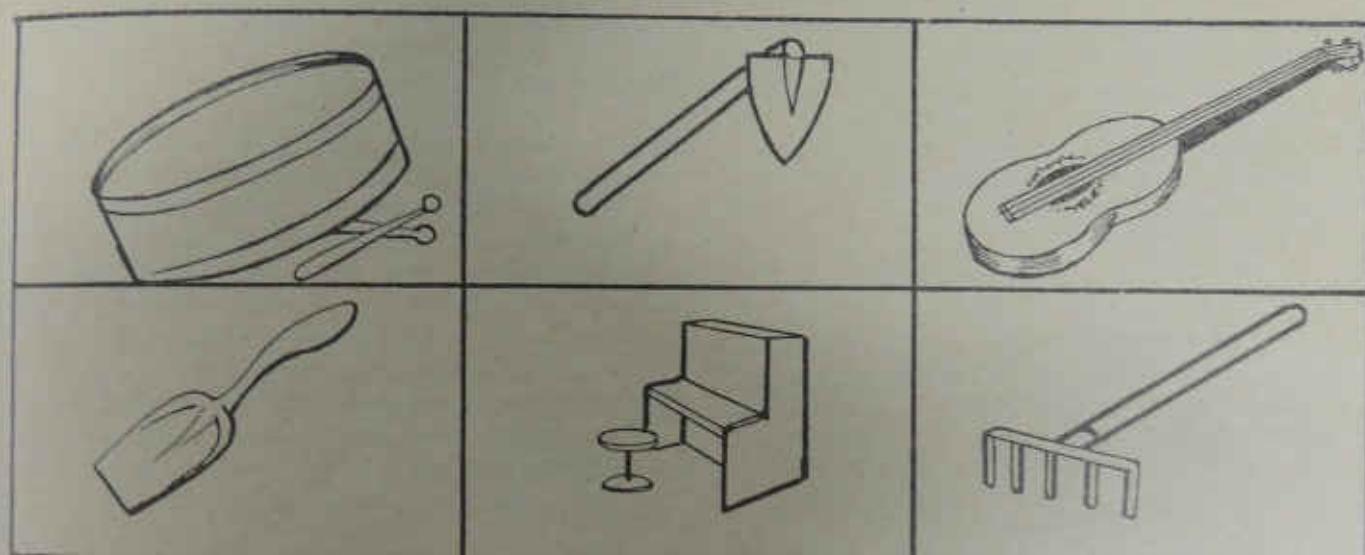


## CIDADES E ESTADOS

Escreva ao lado das cidades os nomes dos Estados adiante relacionados: Rio de Janeiro — Santa Catarina — S. Paulo — Minas Gerais — Rio Grande do Sul — Pernambuco.

- Lajes \_\_\_\_\_  
Caruaru \_\_\_\_\_  
Macaé \_\_\_\_\_  
Cachoeira do Sul \_\_\_\_\_  
Santo André \_\_\_\_\_  
Ouro Preto \_\_\_\_\_

QUAIS OS NOMES DOS OBJETOS ABAIXO? QUAIS OS USADOS NO JARDIM? PARA QUE SÃO USADOS OS OUTROS?



## FRASES CÉLEBRES

Para você combinar os nomes d'estes homens famosos com as frases por êles pronunciadas:

- 1) Barão de Cotegipe
- 2) José de Patrocínio
- 3) Henrique Dias
- 4) Rodrigues Alves
- 5) D. João VI
- a) Deixem-me combater. Ainda tenho outro braço para defender a minha Terra.

- b) O Brasil já é digno, Senhora, de todos os mercês.
- c) Vossa Alteza ganhou o partido, mas perdeu o trono.
- d) Saia quem quiser. Quanto a mim o meu lugar é aqui.
- e) Minha alma sobe de joelhos nestes Paços...

### SOLUÇÃO

- 1 — c
- 2 — e
- 3 — a
- 4 — d
- 5 — b

# Jógos de Leitura

## 1.º SÉRIE (iniciados) "QUAIS SÃO ESTES ANIMAIS?"

### Fases do jogo

- Após a explicação do vocabulário e feitos os comentários julgados mais úteis, serão dadas à turma, para estudo, as quatro quadrinhos abaixo, relacionadas com a história "O macaco que perdeu o rabo".
- A professora chamará, então, quatro alunos, um de cada vez, para ler a sua quadrinha em voz alta e clara.
- Os demais alunos procurarão adivinhar a que animais se referem as quadrinhos, pela simples citação de suas características:

O aluno que acertar, escreverá o nome do animal no quadro negro.

Mestre orelhudo é engraçado.  
Grande cenoura devora.  
Tem pelo branco, azulado,  
Vai mostrar-se aqui agora.

(Coelho)

Passeando nos telhados  
Qui caçando seu ratinho,  
Abarrece com os miados  
Este dengoso bichinho.

(Gato)

Como brinca e como pula,  
A banana a mastigar!  
Deixe de lado esta gula  
E o costume de saltar!

(Macaco)

Andando devagarinho,  
Serena, de lá para cá,  
Um bom produto, branquinho,  
A quem precisa ela dá.

(Vaca)

**NOTA:** Nas turmas de analfabetos, a professora poderá ler para que os alunos adivinhem.

## 2.º SÉRIE

## "QUAIS SÃO ESTES ANIMAIS?"

### Fases do jogo

- Dez alunos estudarão, silenciosamente, as quadrinhos abaixo, relacionadas com a história: "O macaco que perdeu o rabo", retirada de um saco de pano (sorteio). Serão escritas em letra de fôrma, em quadrinhos de cartolina. Tempo máximo: 5 minutos.
- Dez alunos, colocados de frente para a turma, terão em mãos um retângulo de cartolina com os nomes, em manuscrito, dos animais a que se referem as quadrinhos.
- Após o estudo das quadrinhos, será chamado (pela professora ou por um colega) um aluno de cada vez para ler, em voz alta e clara. Todos estarão atentos (principalmente os alunos que possuem o retângulo de cartolina).

## PALAVRAS CRUZADAS

### HORIZONTAIS

1,

4,

### VERTICIAIS

1,

2,

3,

			2,	L	
1,	L	A	P	I	S
U					O
4)	A	N	S	O	L

- d) O aluno que possui o nome do animal cujas características foram reconhecidas deverá dar um passo à frente e mostrar o seu cartão à turma, que o lerá em círculo.

NOTA: Poderá, também, a professora da turma, para melhor interessar os alunos, dar ao jogo caráter de competição; para isso deverá dispor os dez alunos de que trata o item "b" em duas colunas, ou sejam, dois times de cinco alunos cada um; contará, então, um ponto a menos para o time cujo componente não tiver mostrado à turma o retângulo de cartolina com o nome do animal cujas características foram citadas na quadrinha.

Como variante, poderão ser memorizadas e recitadas as quadrinhas:

Na lama sempre vivendo,  
Rabinho fino e enrolado,  
Ele grunhe... e já estão vendo  
Que vão comer o coitado.  
(Porco)

Com a filharada nadando,  
Vai orgulhosa e contente,  
Pés que são remos, cortando  
A água fria da corrente.  
(Pata)

Com seu pelo em novelinho  
Que aquece gostosamente,  
Quem será este bichinho  
Dos outros tão diferente?  
(Carneiro)

Pequenino e bem astuto,  
Ligeiro, vivo, voraz,  
Ele enfrenta, resoluto,  
Do bom queijo o fatacaz.  
(Rato)

Senhor rei do galinheiro,  
Cocorique, todo praso,  
Pois em todo este terreiro  
Sua voz é a mais formosa!  
(Galo)

Ligeiro, sempre a trotar  
Por estradas bem compridos,  
Gostam todos de o imitar  
As crianças, divertidas.  
(Cavalo)

NOTA: Incluir as quadrinhas de 1.ª série relativas ao coelho, macaco, gato, vaca.

## AS 8 REGRAS ÁUREAS DA VIDA EM COMUM

- 1) Estar sempre pronto para enfrentar a verdade.
- 2) Poder estudar o ponto de vista de muitos autores com espírito livre.
- 3) Estar sempre querendo aprender com outras pessoas que possuem mais e melhor treinamento, especialização e conhecimento.
- 4) Estar sempre a ajustar seu ponto de vista para ir ao encontro do seu interlocutor no meio do Caminho.
- 5) Estar pronto a gastar tempo para o contato com outras pessoas.
- 6) Dar crédito a alguém quando este crédito lhe é devido pelo que escreveu.
- 7) Estar pronto a ajudar a outros, quando surge a oportunidade, sem esperar receber qualquer coisa em pagamento.
- 8) Dar liberdade aos que ama. Não exigir nada, não reclamar confidências, não prendê-los.

(Autor desconhecido)

## O CRUZEIRO

J. C. S.

Eu sou uma rodelinha  
o quem todos querem bem.  
Comigo compra-se lanche,  
cadernos, livros também.

Sirvo a todos com prazer  
vivendo de mão em mão.  
Muita coisa pode ter  
aquele que é meu patrão.

Quem quiser me possuir  
deve muito trabalhar.  
No bôlso de quem trabalha,  
podem sempre me encontrar.

Fui há pouco batizado  
com um nome brasileiro.  
Já sabe, você, quem sou?  
Pois o meu nome é... Cruzeiro.

# A CRIANÇA PROBLEMA

(Do livro de J. E. Bentley "The Problem Children")

Prof. Consuelo Pinheiro.

Diretora da "Escola Nova" de Ipanema.  
D. Federal.

"Muitos dos mais graves insucessos e dificuldades de nossa vida adulta não são mais que as consequências de traumas sofridos em nossa infância."

O Código da Criança, esse importante documento que resume "The White House Conference on Child Health and Protection" declara em um de seus artigos: — "Toda e qualquer medida que possa desde cedo revelar, descobrir ou diagnosticar, na criança, defeitos físicos e deficiências mentais de modo a tornar possível sua cura ou, pelo menos, melhora nesse estado deficitário, é um dever social inadiável.

Os governos, de há muito, compreenderam a necessidade de dar educação adequada, em estabelecimentos especiais, aos cegos e aos surdos-mudos. Ultimamente, alguns já se voltam para os casos graves de anormalidade. Mas as outras? As crianças portadoras de pequenas deficiências físicas ou mentais que sentem dificuldades, por isso mesmo, de se ajustar ao grupo em que têm de viver?

Para esses é que deve voltar-se, quanto antes, a atenção dos administradores avisados.

Muitas dessas crianças, se tiverem educação apropriada, poderão ingressar no grupo feliz das crianças normais que se tornarão cidadãos úteis à sociedade, mais tarde. Como reconhecer, então, essa criança **atípica**, portadora de pequenas desvantagens físicas ou mentais, deficiente, desajustada em seu grupo: — a **criança problema**?

Uma criança de crescimento exagerado, fora do comum, é um desajustado porque se exige dela, em face de seu tamanho, esforço superior à sua capacidade.

Uma criança cuja altura está abaixo da norma de sua idade é um desajustado. Sua pequenez, devida ao mau funcionamento de seu sistema endócrino ou a enfermidades de sua primeira infância, dá-lhe certo sentimento íntimo de inferioridade que a torna um eterno criador de "casos".

Uma criança que adquiriu ou herdou defeito físico específico que a impossibilita de determinada aprendizagem é um desajustado.

Uma criança mentalmente muito precoce pode ser, também, um desajustado. Sua superioridade intelectual, quase sempre, lhe dá atitudes mentais e sociais que o põem desadequado às condições normais de vida e de aprendizagem.

Uma criança mentalmente retardada é um desajustado. Sua incapacidade de aprender o que é fundamental à todo conhecimento humano, devida à fraqueza de sua inteligência, às falhas de seus órgãos sensoriais ou aos desvios de sua atitude mental, a põe em situação à margem da vida normal.

Uma criança é, enfim, um desajustado quando não se pode reunir aos demais, quando não é capaz de proceder dentro das normas comuns do que se chama "comportamento".

Esses são, em resumo, os casos aos quais se ajusta a expressão: **criança problema**.

## O desajustado por defeito físico

As crianças atípicas por defeito físico são em número bem maior do que, geralmente se presume. (Uma estatística feita nos Estados Unidos entre alguns retardados escolares apresentou os seguintes dados: portadores de pequenos defeitos visuais 3%; de surdez parcial 5%; doenças de nariz ou garganta 50%; má postura 30%.)

E uma vez que muitas deficiências físicas se encontram em crianças retardadas, é justo que se conclua haver grande correlação entre defeito físico e atraso mental; e, portanto, amigdalites, adenoides, maus dentes, miopia, surdez parcial, apresentam fundamento legítimo para o retardamento escolar e tornam muito penoso o labor de crianças desse tipo.

Além desses, há ainda um grande número de portadores de defeitos ortopédicos, de perturbações metabólicas e glandulares.

O número de crianças desnutridas ou mal alimentadas também é imenso. Poder-se-á dizer, em resumo, que em cada 6 crianças 4 são portadoras de defeitos que, mais ou menos, perturbam o desenvolvimento de sua personalidade.

Todas essas perturbações devem ser remediadas para que o velho adágio "Mens sana in corpore sano" possa ser uma realidade.

### O desajustado por deficiência mental

Toda criança, abaixo ou acima da capacidade normal, isto é, precoce ou retardada, é um desajustado mental. Ambos os grupos devem merecer cuidados e atenções especiais. Ambos os grupos devem ser retirados das fileiras das crianças comuns.

A criança precoce que amadurece com rapidez, não é um desajustado no sentido mais comum em que esse termo é empregado, isto é, não sendo rude não sente dificuldade de aprender. Pelo contrário, tem capacidade mental em abundância. E, propriamente, isso não constitui ameaça à sua vida futura, a menos que não se revelem peculiaridades e extravagâncias ou incapacidade de ajustar-se ao grupo; porque, então, sim: é caso de preocupação e, até, de alarme.

Já o retardado necessita que se lhe dêem cuidados especiais. Tais crianças constituem o maior e o mais difícil problema com que se confrontam os professores em sua nobre tarefa.

O termo "retardado" tem sido usado em várias acepções no meio educacional, rotulando crianças que apresentam várias modalidades de retardamento provenientes, também, de causas diversas.

Algunas há que, possuindo embora inteligência normal, falham na maior parte de seu programa escolar. São, quase sempre, vítimas de maus princípios de aprendizagem e seu ato é um simples problema didático. O remédio está na modificação dos processos usados pelo mestre.

Outras apresentam defeitos tão sutis de personalidade que, sólamente uma análise bem acurada revelará os defeitinhos e conflitos que devem ser removidos para poder haver bom resultado no trabalho escolar. São êsses, em sua maioria, portadores de doenças crônicas, ou de leves defeitos de visão ou de audição, ou de constituição fraca que não lhes permitem aprender os fundamentos em que se baseia a educação humana: — ler e escrever.

Há, também, os retardados por fraca capacidade intelectual. Crianças desse tipo devem ter ensino adequado, em classes especiais, adequadamente preparadas. Os que são, de fato, de inteligência fraca e debilidade mental nunca che-

garão a alcançar o preparo dado nas classes comuns; mas sempre poderão aprender alguma coisa: alguns hábitos e atitudes. Os primeiros mencionados, uma vez completado seu desenvolvimento, deverão ingressar no grupo de crianças de sua idade.

Podem ser também incluídos nesse grupo os retardados de um outro tipo: as vítimas de circunstâncias sociais, tais como incompreensão dos pais, desavenças na família, educação descurada, etc.

Essa situação do lar traz sempre consequências para a vida da escolar que sente dificuldades em se ajustar ao meio e à vida da escola.

### O desajustado social

O terceiro grupo de crianças problemas são os malfeitos, os mandriões e os pequenos delinquentes. Seu desajustamento pode ser proveniente de indisposições físicas ou mentais. Às vezes são emoções impróprioamente manifestadas. Essas emoções muito fortes representam, apenas, resposta orgânica excessiva a certas espécies de estímulos que predispõem a criança ao descontrole e à instabilidade. A criança instável é exageradamente sensível à crítica e, quase sempre, destituída de persistência no esforço, provocadora de distúrbios, indisciplinada.

Três são os principais tipos de desajustados sociais.

O primeiro é o que por hereditariiedade ou doença, vítima de órgãos físicos imperfeitos. Têm, freqüentemente, grande pessimismo, sólamente se interessam por si próprios; — é um perfeito egoísta.

O segundo tipo é o da criança mimada que vive como parasita, dependendo de todos ou que se sente na necessidade de ser constantementepreciada. Quando se encontra fora de seu ambiente deixa-se levar ao desequilíbrio, à neurose, às vezes, ao suicídio.

O terceiro é o da criança odiada, desprezada. São, quase sempre, de aspecto físico desagradável; às vezes, deformadas ou aleijadas e muito descuridadas consigo próprias, o que as torna ainda menos atraentes. Crescem, assim, sem amor e sem carinho em casa, na escola, ou onde quer que se encontrem.

Tais crianças estão fodidas ao desânimo, ao pessimismo, muitas vezes, ao crime.

Que remédio dar a essas crianças infelizes e, por isso perigosas à sociedade?

A Escola, auxiliada pelas instituições de caridade e higiene social, deve interessar-se em descobrir, desde cedo, as causas ocultas da inferioridade de que são portadores para dar-lhes educação conveniente, concorrendo para modificar-lhes os padrões de comportamento e transformá-los em indivíduos úteis a si próprios e à sociedade, por lhes ter dado amor e compreensão.

## Relato de uma experiência colhida no 4.º ano Primário da Escola Normal Nossa Sra. da Glória, em Pôrto Alegre - Rio Grande do Sul

Os resultados bastante satisfatórios impeliram-nos à publicação, como meio de preconizar mais e mais o método assaz louvável de estudo dirigido.

Ao penetrar no estudo das Regiões do Brasil, observando a riqueza imensa, sob todo o aspecto da região norte, avaliamos o cabedal riquíssimo de conhecimentos que dali adviria às crianças.

Tivemos os seguintes objetivos no trabalho:

- Cultivar o gosto pelas pesquisas e leituras informativas;
- Conduzir a uma atitude de cooperação ao trabalho do companheiro, respeito e valorização às opiniões alheias;
- Despertar através do estudo e conhecimentos, o amor da Pátria pela valorização de suas riquezas naturais.

Os objetivos para o aluno foram os que se seguem:

- Aquisição de conhecimentos sobre a Unidade;
- Coletânea de material relativo ao desenvolvimento do plano e organização de álbuns;
- Dramatização e trabalhos para uma sessão de auditório.

Um problema surgiu: qual o processo a adotar? Nesta emergência foi que me ocorreu aplicar experimentalmente o processo de pesquisa, dando às crianças a satisfação de uma aprendizagem pelo próprio esforço.

Por isso, a fim de motivá-las e encaminhá-las nas pesquisas, levantamos, nas diversas disciplinas, problemas relativos ao assunto.

Motivadas, as alunas puseram mãos à obra, realizando um trabalho verdadeiramente encantador que ultrapassou de muito minha expectativa.

De inicio, as pesquisas foram feitas na própria sala de aula com material da biblioteca de classe. Esgotados esses recursos, recorreram à Biblioteca da Escola, selecionando livros e trechos alusivos ao assunto. Trouxeram, além disso, valiosas contribuições do próprio lar, extraídos de jornais e revistas como: "Cruzeiro", "Sê-zinho", "3 Américas", "Cacique", "Tico-tico", "Manchete", etc. Houve dest'arte uma afluência enorme de dados, gravuras, curiosidades sobre a região.

E todo esse trabalho foi desenvolvido pelas alunas distribuídas em grupos que se formaram espontaneamente, por afinidade afetiva, sem im-

posição alguma, num ambiente, portanto, natural e propício às atividades.

Cada grupo escolheu uma denominação sugestiva, tirada de termos da flora, fauna, folclore e tipos nortistas. Assim é que surgiram os grupos: "O Seringueiro", "Vitória Régia", "Uirapuru", "Naia", "Amazônia", "Marajó", etc.

Com o andamento dos trabalhos, vários grupos sentiram a necessidade de uma coordenação que os dirigisse e supervisõesse. Escolheram, de imediato, a coleguinha mais capaz. Com tal organização, o desenvolvimento da Unidade decorreu num clima de crescente e animado interesse com resultados acentuadores evidenciados tanto nas provas escritas como nas demais atividades. Foi organizado um álbum interessantíssimo, ricamente ilustrado, com dados abundantes sobre RECURSOS ECONÔMICOS, FOLCLORE, CIDADES PRINCIPAIS etc.

Em Artes Aplicadas aproveitaram os conhecimentos reproduzindo em cartolina ou em pratos, com plastilina cenas típicas da Amazônia (Extração do látex, defumação da barrocha), ilustrações de lendas como: "Vitória Régia", "Sôlha", "Mani" ou "Lenda da Mandioca", "O Uirapuru", "Japim", "Guaraná" etc.

Notabilíssimo foi também o aproveitamento em linguagem. Houve uma verdadeira afluência de composições espontâneas, condensações sobre lendas, recursos econômicos, tipos característicos, fauna, flora etc., sendo as melhores redações sempre expostas no celotex. A Hora do Conto, decorrência da Unidade, tomou um aspecto bastante original com a apresentação espontânea de novidades, dados curiosos sobre a Amazônia. Houve mesma mudança do nome para "Hora da Novidade", quando as alunas livremente se prontificavam em arguir as coleguinhas sobre algo por ela pesquisado.

Outra decorrência da Unidade foi a "Sessão de Auditório". Levantado o problema da organização do programa, surgiram opiniões várias e entre elas a de dramatizar as lendas. Optamos por esta como a mais viável e ao alcance da classe. Com o fito de elaborar as dramatizações, dispersaram-se, então, os grupos, procurando largar propício ao trabalho. A princípio o tema foi único (lenda do japim). Os trabalhos resultaram mais ou menos idênticos, sendo escolhido para a representação o do Grupo "O Seringueiro", por apresentar melhor redação. Os demais grupos, porém, não se conformando com a situação, propuseram-se elaborar outras dramatizações.

A esta altura ocorreu um incidente que veio demonstrar, da maneira mais cabal, como fôr (Continua na pág. III)

# Os Cargos de Direção

Prof. Mário Pires

Diretor do Gin. Est. de Vila Anastácio — S. Paulo

Em 1954, o educador Solon Borges dos Reis, como Chefe do Ensino Secundário e Normal do Estado, realizou uma "jornada de diretores de escolas secundárias oficiais", numa semana de atividades que deixou favoráveis e indeléveis impressões.

Para evitar o cansaço, o desinteresse e o aborrecimento em que caem, geralmente, reuniões longas, de cunho técnico como aquelas, o dinâmico educador intercalou-lhes palestras a cargo de luminares do ensino, que souberam prender o auditório.

Dessas verdadeiras aulas, traduzindo de seus autores, profundo conhecimento do assunto, o complexo e delicado mister de dirigir, uma nos ficou para sempre gravada. Foi a de Fernando de Azevedo.

Inteligência viva e saber profundo, velho estudioso dos problemas do ensino e da educação e com a vantagem de já ter exercido variados cargos de direção, tendo sido Secretário da Educação de nosso Estado, Fernando de Azevedo discutiu todos os aspectos do assunto.

Pôde, como fino psicólogo e diplomata, transmitir a sua grande experiência e propiciar-nos inúmeros conselhos e regras de bem dirigir, sem constrangimento, nem melindrar velhos diretores.

Fundamentou sua palestra, com casos concretos, observados, enumerando as qualidades que devem ser seguidas e os inconvenientes que precisam ser eliminados, para uma perfeita função.

Como todo o verdadeiro educador, afirmou ser fervoroso adepto da quase acadiana regra: "Ao dirigente de grande instrução, mas pouca educação, prefira o menos sábio, mas educado."

Insistindo nos indispensáveis atributos de energia, retidão de caráter e forte personalidade, que devem exornar o dirigente, o líder, citou Camões e Nietzsche e nos fez gravar estas suas frases: "Um fraco rei faz fracos fortes gentes." e "Há que ter uma marca, mesmo que essa marca seja a marca do demônio."

Em nossa carreira no magistério, temos tido oportunidade de, primeiro como professor, depois como vice-diretor e, finalmente, como diretor, catalogar variados espécimes, variegadas mentalidades de dirigentes.

Alinharam-se todas as gamas, desde o inofensivo, o displicente, o chamado "bomzinho", até ao atrabilíario.

Como professor, trabalhamos com diretores dos mais diferentes tipos. O primeiro era um jovem de forte personalidade, grande força de vontade e realizador, quando queria trabalhar.

Não era desses profissionais sempre à testa da direção, atento às múltiplas atividades diárias da escola. Dias havia em que se deixava ficar no hotel, à moda dos paraguaios, que à tarde fazem a tradicional sesta.

No entanto, seu grande e aterrante problema, era a luta, de armas desiguais, contra a política partidária.

A confirmação de seu alto valor, de sua fibra, da sua personalidade, livraram-na consagradora vitória que foi a conquista do prédio do Ginásio, que políticos inescrupulosos não queriam que se consumasse.

Depois, em outro estabelecimento, encontramos um dos piores espécimes, que é o diretor substituto quando professor efetivo do colégio, velho, no fim da carreira, cansado e desencantado. Em menos de seis meses, como era natural, casos terríveis surgiu, principalmente no terreno da disciplina discente e docente, pois o homem, não desejando comprometer sua ficha funcional, às vésperas da aposentadoria, fazia a política dos "panos quentes".

Topamos, em seguida, com o tipo atrabilíario — não propriamente o da "marca do demônio", de que falava Nietzsche — que dirige como capataz ou chefe de disciplina impondo sua vontade e seus caprichos sobre alunos, funcionários e professores. Felizmente, no ano seguinte já não pertenciamos mais àquela escola, mas não demorou muito e o diretor — que era do sexo... frágil — teve o prêmio de sua insensatez, com o aborrecimento e o desgosto de uma sindicância que o levou a se remover do estabelecimento. É o caso do jarro que vai tantas vezes à fonte...

Ficamos conhecendo, ainda, outro espécime digno de catalogação em lugar de destaque. Este era literato e não podendo, em casa, dar asas à avassaladora inspiração, — era poeta, também! — deixava-se ficar colado, da manhã à tarde, na escrivaninha, na produção dos trabalhos! O pior é que obrigava os escriturários a pôr de lado o serviço, para passarem à máquina loucas e laudadas da literotice!

O vice-diretor, coitado, que se danasse com a disciplina. Era escalado pelo homenzinho, para as funções de "Supervisor da disciplina", isto é, "Inspetor de alunos-mor".

Refreemos, porém, o impeto da pena, desejosa de registrar todas as nossas experiências.

Para ilustração, vejamos, no entanto, o que registrava no longínquo 1919, o saboroso cronista do ensino, autor de "Um Retrospecto", o educador, escritor e orador João Lourenço Rodrigues.

Foi o que descobrimos num exemplar que

salvamos da destruição, durante as obras de reforma do prédio da Escola Normal da Praça, em 1936, da revista "O Estímulo", órgão do Grêmio Normalista de então. Indicado pelo diretor da Escola Normal, a 14-3-1919, para fazer o elogio dos lentes recentemente falecidos, Professores Godofredo Furtado, Sá e Benevides, Oscar Campello e Macedo Soares, aquél educador, depois de analisar as figuras dos mestres desaparecidos, oferece-nos esta passagem significativa sobre a difícil missão de dirigir:

"Procurando caracterizar o que foi a vida normalista de outrora, eis como se exprimiu algures um contemporâneo: "Moços ainda, traziamos a alma duplamente trabalhada pela maré montante da campanha abolicionista e da propaganda republicana. O regulamento escolar então em vigor, era, porém, de tal modo sufocante que, naturalmente, as gerações normalistas daqueles tempos tiveram uma apagadíssima existência vegetativa, sem iniciativas tão próprias de moços, sem o menor vislumbre enfim de vida."

O regime do arrocho mais se acentua, parece, em 1889. Com a subida dos liberais, a diretoria da Escola Normal foi confiada a um magistério em disponibilidade. O ilustre togado, mal assumiu o exercício do cargo, revelou pruridos de inovação. Até então, os quinta-feiras eram dias feriados: era uma tradição antiga e, além do mais, sancionada pelo Regulamento.

A nova diretoria entendeu que devia suprir esse feriado, e não havendo meios de dissuadi-lo, os estudantes protestaram por uma greve geral: ninguém compareceu às aulas. O Diretor exasperou-se.

— Vadios! clamava él. E vêm falar-me de Regulamento! O Regulamento, fiquem sabendo, é a minha vontade!

Esta afirmação retrata-lhe o feitio atrabiliário.

No fim do ano, alguns professorandos foram pedir-lhe que mandasse imprimir as cartas em pergaminho.

— Para que esse luxo? inquiriu o Diretor.

— É que nós desejamos colocar nas nossas cartas medalhas com dedicatórias.

— Isso é bom para as Escolas Superiores. A carta de normalista não passa de um certificado.

Tal era o educador improvisado a quem se confiara a formação da alma normalista.

Felizmente, quatro meses depois caia a monarquia e — coincidência curiosa — caia no mesmo dia em que, na Escola Normal, se dava o encerramento das aulas. Esta passa então por uma reforma radical, cria-se a Escola Móvel e coloca-se à frente do nosso Instituto a alta competência do Dr. Caetano de Campos.

Já tive ocasião de assinalar o que foi esse momento histórico. O novo Diretor, longe de

encerrar-se na "turris ebúrnea" de uma superioridade intangível, vinha confabular com os moços, familiarmente, e sobretudo com os professorandos que praticavam na Escola Móvel. Era a ação direta de homens a homens a exemplo do que fizeram Fichte na Alemanha e Lavisse na França.

Os resultados dessa orientação foram de tal magnitude que já alguém chegou a dizer que Caetano de Campos não foi simplesmente o reformador da Escola Normal, mas sim o seu verdadeiro criador."

Como vimos, Lourenço Rodrigues, em seu discurso, pôs em confronto, duas mentalidades distintas, diversas, de dirigentes, numa época em que o cargo de Diretor de Escola Normal ou de Grupo Escolar era tão prestigiado como o de uma escola Superior atual.

Em nossa análise sobre os diretores com quem convivemos ou de que tivemos referências, apresentamos, na maioria dos casos, os valores negativos. No entanto, ainda há — e para felicidade dos estudantes e do ensino — grandes Diretores, que fazem da escola, não uma simples casa de instrução, mas completo círculo de formação integral.

Infelizmente, porém, esses últimos "Vorões de Plutarco" vão rareando e, graças a uma defituosa lei de ingresso à carreira e aos desenraçadores vencimentos, vão aumentando os "fracos reis" de que nos falava Camões, para desgraça das futuras gerações e do ensino de nossa terra.

## RESULTADO DE UMA...

(Continuação da pág. 42)

atingido um dos objetivos do plano: o espírito de cooperação e solidariedade.

O Grupo "Amazônia" planejou representar os Estados e Territórios da região em estudo, mas como não dispusesse de membros suficientes sentiu necessidade de convidar outro grupo e lembraram-se justamente do Grupo "Região Norte" porque, no pensar delas, este grupo, por razão do nome deveria participar da representação.

A Sessão de Auditório decorreu com pleno êxito, e coroou essa Unidade de Estudos que trouxe às crianças uma vastíssima aquisição de novos conhecimentos e à professora uma experiência notável de quanto é interessante, agradável e eficiente, quando bem dirigido, o processo de pesquisas na aprendizagem.

Esta, pois, foi uma experiência profundamente alentadora que rasgou novos horizontes e despertou novo entusiasmo para se prosseguir na aplicação do método de estudo dirigido que torna a aprendizagem uma atração e um verdadeiro prazer para as crianças.

# E' Preciso Olhar a Vida Inteira Com Olhos de Criança

Henri Matisse

Trod. por Regina Helena Tavares. Rio — D. Federal.

Criar é próprio do artista; onde não há criação não existe arte. Enganar-se-ia quem atribuisse este poder criador a um dom inato. Em matéria de arte, o criador autêntico não é sómente um ser dotado, é um homem que soube ordenar, visando a um determinado fim, todo um conjunto de atividades do qual resulta a obra de arte. Assim, para o artista a criação começa com a visão. Ver, já é um ato criador e que exige um certo esforço. Tudo o que vemos, na vida cotidiana, sofre, mais ou menos, a deformação engendrada pelos hábitos adquiridos e o fato é talvez mais sensível numa época como a nossa, onde cinema, publicidade, periódicos, impõem diariamente um fluxo de imagens preconcebidas, que são um pouco na ordem da visão, o que é o preconceito na ordem da inteligência.

O esforço necessário para libertar-nos exige uma espécie de coragem; e essa coragem é indispensável ao artista que deve ver todas as coisas como se as visse pela primeira vez; é preciso ver a vida inteira como no tempo em que se era criança, pois a perda desta condição nos priva da possibilidade de uma maneira de expressão original, isto é, pessoal.

Tomando um exemplo, creio que nada é mais difícil para um verdadeiro pintor do que pintar uma rosa, porque para o fazer é preciso antes de mais nada esquecer todas as rosas que já foram pintadas. Aos que me vinham ver em Vence costumava eu fazer esta pergunta: Vocês viram os acantos sobre a orla que margeia a estrada? Ninguém os havia visto; todos teriam reconhecido a fôlha do acanto sobre um capitel coríntio, no estado natural porém, a lembrança do capitel não permitia que se visse o acanto.

É um primeiro passo para a criação ver-se cada coisa em sua verdade e isto pressupõe um esforço contínuo.

Criar é expressar o que se tem dentro de si. Todo esforço autêntico da criação é interior.

Ainda assim é preciso cultivar essa sensação, com o auxílio dos elementos extraídos do mundo exterior. Aqui intervém o trabalho pelo qual o artista incorpora e assimila gradativamente o mundo exterior, até que o objeto desenhado se torne parte dele mesmo, até que o tenha dentro de si e possa projetá-lo na tela como sua própria criação,

Quando pinto um retrato, tomo e retomo o meu estudo e cada vez é novo o retrato que faço; não o mesmo corrigido, mas outro retrato que recomeço; e cada vez é um ser diferente que eu extraio da mesma personalidade. Acontece-me, muitas vezes, a fim de esgotar de maneira mais completa o meu estudo, inspirar-me

em fotografias da mesma pessoa em idades diferentes; o retrato definitivo poderá representá-la mais jovem, ou com aspecto diferente do que tinha quando pousava, porque foi este aspecto que me pareceu mais verdadeiro, mais revelador da sua personalidade real. A obra de arte é assim o coroamento de um longo trabalho de elaboração. O artista absorve tudo o que à sua volta for capaz de alimentar-lhe a visão interior, diretamente, quando o objeto que desenha deve figurar na sua composição, ou então, por analogia. Coloca-se assim em estado de criar. Enriquece-se interiormente de todas as formas de que possa tornar-se senhor e que ordenará algum dia conforme um ritmo novo. No expressar esse ritmo, a atividade do artista será realmente criadora. Para consegui-lo preferirá a seleção ao acúmulo de detalhes. Deverá escolher, por exemplo, no desenho, dentre todas as combinações possíveis, o traço que se revelar plenamente expressivo, como que portador de vida; procurar as equivalências pelas quais a natureza se transpõe para o âmbito própria da arte. Na "Nature morte au magnolia", representei em vermelho uma mesa de mármore verde; em outra ocasião, precisei de uma mancha escura para evocar a cintilação do sol sobre o mar; essas transposições não foram absolutamente efeito da acaso ou de fantasia, mas sim o coroamento de uma série de pesquisas, em consequência das quais êsses matizes me pareceram necessários, tendo em vista suas relações com o resto da composição, a fim de comunicar a impressão desejada.

As cores, os traços, são forças, e no jogo dessas forças, no seu equilíbrio, reside o segredo da criação. Na capela de Vence, que é o coroamento das minhas pesquisas anteriores, tentei realizar esse equilíbrio de forças: o azul, o verde, o amarelo dos vitrais, compõem no interior uma luz que não é propriamente nenhuma das cores empregadas, mas sim o produto vivo de sua harmonia, de suas relações recíprocas; essa cor-luminosidade deveria projetar-se sobre o campo branco, cercado de preto, do muro que fica frente aos vitrais, e no qual há linhas propositadamente muito espaçadas. O contraste permite-me dar à luminosidade todo o seu valor vital, fazendo dela o elemento essencial, aquele que dê o colorido, aqueça, anime no sentido próprio, este conjunto ao qual importa conferir uma impressão de espaço ilimitado a despeito de suas dimensões reduzidas.

Em toda a capela não há uma só linha, um pormenor, que não concorra para essa impres-

# APRESENTE SEU PROBLEMA

Dr. Gonçalves Fernandes

Prof. da Faculdade de Ciências Médicas e Chefe da Seção de Ortofrenia e Higiene Mental do Dep. de Saúde Pública de Pernambuco.

"...a sua franqueza é contundente e sinto-me magoada".

Acontece que eu estou aqui para servi-la e não para agradá-la, minha cara senhora. A sra., e nisto reside justamente o possível nódulo da sua cegueira psíquica, foi uma criança mimada e, depois de adulta, quer manter-se tal como se o mundo tivesse sido feito apenas para o seu desumbramento. O destino lhe tem favorecido e, entretanto, v. não se sente feliz. Pequeninas coisas que para qualquer um constituiriam um instante de felicidade já não lhe despertam senão um ar de leve entado. Você saciou-se demasiadamente na realização de todos os seus desejos e sua dificuldade reside, precisamente, em encontrar algo ainda não imaginado e de que possa servir... mesmo sem o desejar. Tem obtido tudo com um simples aceno, e a falta de obstáculos a vencer é que desvaloriza numa forma de, digamos, numa forma de "inflação de satisfações", o poder da sua sensibilidade.

Para com a sua pequenina filha o cenário e os títeres estão colocados da mesma maneira que o foram para si, e o "guignol" da sua vida vai ser representado com o mesmo "script" que presidiu a sua educação, variando apenas nos bastidores, as mãos que acionam os fantoches. As suas, por exemplo, estão a repetir os mesmos passos por si própria já executados e a sua voz será um eco dum a outra escutada no seu passado, ainda de ontem.

Mas a sua própria experiência não lhe mostra que não será por este caminho que a sua filhinha poderá encontrar a felicidade a que, sem dúvida, tem direito? Você própria que o palmitou, pisando em pétalas de rosas, por que sente "qualquer causa de indefinido que lhe faz falso", que o perturba, "que conspira contra a sua felicidade?" E que, contudo, você **não sabe** o que seja? E, entretanto, tudo tem estado à sua disposição a um toque de campainha.

são. Parece-me que neste sentido é que se pode dizer que a arte imita a natureza; pelo caráter de vida que um trabalho criador confere à obra de arte. Então, a obra aparecerá igualmente fecunda e dotada desse mesmo frêmito interior, dessa mesma beleza resplandecente que as obras da natureza possuem. É preciso um amor muito grande, capaz de inspirar e de sustentar esse esforço contínuo em direção à verdade, essa generosidade conjunta e esse despojamento profundo que envolve a gênese de toda obra de arte. Mas o amor não está na origem de toda criação?

Você nunca teve a noção do valor real dos objetos ou das pessoas. Suas mãos nada criaram além do seu "make-up" facial e mesmo batonar os seus lábios ou tornar mais atraente o seu rosto quase nenhum trabalho lhe tem dado, tal a legião de cabeleireiros, massagistas e "el-sabotardens" que entre um "bom dia, madame", "como está linda a sua pele, madame", "que tqj o new-look, madame?", lhe acariciam os faces, correm os dedos pelos seus cabelos, entre cosméticos, perfumes, tinturas, crèmes e loções.

Não, não acho que deva descuidar da sua aparência pessoal e, se pode, quem poderá reprimí-la por importar seus vestidos de Paris ou de Nova York? Apenas, no meu fraco entender, tudo isto por si só, não deve ser o objetivo da sua vida.

Bem, eu sei que v. toma parte em festas chamadas de caridade, (mas que, na verdade, são meros pretextos para exibir um novo chapéu chegado por avião ou uma nova toilette imaginada por um costureiro da Rue de La Paix) que v. tem uma vida social intensa, tão intensa que os poucos momentos que passa em casa apenas lhe dão oportunidade de recomendar que satisfacem todas as vontades da sua garotinha, luxuosamente entregue a uma "babá" muito bem vestida. Sei que v. também acaricia a enfeitada menina, que a beija (cuidado com o baton), que a afaga (cuidado com as rendas do vestido), que despediu o seu "chauffeur" porque a criança achava que ele não era "muito perspiciente".

— "Será que todas estas conseiras domésticas (oh que aborrecimento!) não mostram que sou uma mamãe muito boazinha?"

Receio que não, minha senhora. Correndo ao redor de si mesma, está v. repetindo com a sua "pobre" filha justamente aquilo que fizram consigo. Ela necessita duma mãe e tem tão somente uma "babá". Em casa é uma pequenina rainha que a uma batida do seu pézinho estremece toda a estabilidade do pessoal doméstico e faz tremer o sólido palacete. Dentro de alguns anos será uma cópia melhorada e aumentada dessa criatura fina, superior e elegantsíssima que é a senhora. Terá, também, o mesmo ar de aristocrático desdém pelas coisas simples e, nos seus olhos, ela não poderá considerar uma visível insatisfação indeterminada que também a atormentará. E um dia, bem um dia, ela lhe poderá fazer a mesma pergunta que v. me fez: "por que não me sinto feliz se tudo o que desejo?" Será que ela, como a senhora, terá mesmo tudo o que deseja? Tudo?

# CAMINHO VITORIOSO

Foi José Maria Gaspar, Professor da Escola do Magistério Primário de COIMBRA — Portugal

Vejo, do meu quarto, um pequenito que é um vivo demônio. Tem seis anos, se tanto, não tem irmãos, e ninguém faz nada com ele. Só come debruçado no muro do jardim, rica todos os coros que lhe param a porta, ri-se dos velhos e doentes que passam, atira a bola das vidras da vizinhança, estraga qualquer jogo dos companheiros e até um dia destes cortou, com uma tesoura, a crista de um garnizé que lhe ofereceram...

A mãe fala de tudo isso, entre desgostosa e urgulhada. E quando se lhe pergunta se o não castiga, responde em gracioso amuo de condescendência: "Coitadinho! É tão pequenino que nem sabe o que faz. Quando crescer ganhará juízo, que ele não tem a quem saia mau." E é tão espertinho, não é? Já ninguém lhe faz o ninho atrás da orelha... E conta, conta coisas de espevitada má criação, que fazem o delírio das visitas e cabelos brancos a quem o atura.

Não são, de fato, os pais que o aturam. A mãe é empregada no correio e o pai guarda-livros de uma fábrica. Abalam, manhã cedinho, cada um para seu lado e o pequeno fica a dormir. É a criada que o levanta e veste em três quartas partes do ano e outras tantas o deita antes do regresso dos pais. Estes, quando o spanham, não sabem o que lhe hão de fazer: vestem-no, falam-lhe e o fazem passear como o um animalzinho de estimação, a que se não pode tocar nem com uma flor, e surpreendem-se com os seus progressos. "Nem conheço o meu filho", costumam dizer. Com razão. Com infiaria razão.

Um vulgar observador da vida pode verificar que os pais de um filho único, têm com ele só, mais cuidados e, quase sempre, mais arreios e desilusões que os chefes de numerosa família. Tudo o volta do menino é mimosa facilidade. A sua vida é monstruosamente centripeta e ele vive-a, na sociedade organizada, como o homem primitivo, sem peias que lhe fortaleçam o espírito e até sem naturais obstáculos ambientes, que todos lhe alisam e lhe robustecem salutamente o físico.

É difícil a educação nessas circunstâncias, embora muita gente diga que é para melhor educar que renuncia a outras felicidades. As transições familiares — "não temos mais ninguém" — cavam abismos que a educação mal se atreverá depois a transpor. E o caminho "vitorioso" da infância termina, quanta vez! em desastrosa queda ou desmoralizada fuga pelas mais negras azinhogas da vida.

Está provado que qualquer vitória exige sacrifícios. Os menores, embora nem sempre os menos rudes, serão os que cada um exige de si próprio, numa corajoso atitude ascética de atividade intrínseca, preconizada pela mais exi-

gente e moderna pedagogia. Mas também isso requer exercício oportuno — "de pequenino se force o pepino" — e prudente condução, esclarecida e energica, nas alturas próprias — "não é por muito madrugar que amanhece mais cedo".

Todo o homem exige uma educação. Toda a educação se apresenta com várias tonalidades e aspectos. Toda a educação requer uma pedagogia ou seja o conhecimento expresso e racionalmente previsto e justificado dos problemas humanos e das respectivas soluções. É fenômeno verificável em todos os tempos e lugares do terra.

A natural avidez de perfeição (glória exclusiva da inteligência e da vontade do homem) exige técnicas adequadas à consecução prática dos fins expostos, em teoria, pelas sumas pedagógicas. E, se qualquer método precisa de noções basílicas fixas e sérias, para não degenerar em malabarismo didático, e, se o nitido, permanente divórcio entre as técnicas e os princípios de algumas escolas novas foi, com certeza, o maior inimigo dos seus progressos, é urgente seleccionar e ajustar, para desentorpecer e progredir. Agora e logo tem faltado esclarecida coragem para tanto.

O êxito fundamental de um método, ligado a qualquer sistema educativo, está na sua capacidade de diversificação. Há de sempre haver tantas técnicas quantos os modos de aquisição e realização manifestar o ser humano. As metodologias sécamente objetivas resultam mosaico e cobrir superfícies movediços. A maleabilidade do método, psicológico e não cosmológico, deve firmar-se no objeto, muito mais que no sujeito, da educação. E é a isso que não atende, por exemplo, o "ensinar deleitando", fórmula anárquica das educação novas inspirados no filosofia de Hegel. Notou-se, de fato, que a criança, com sempre disposta capacidade imitadora do adulto dinamismo ambiente, tem músculos ansiosos de ação; mas a mais ilustrada ortodoxia pedagógica esqueceu, na chamada escola nova, em termos mais cultistas que cultos, que o pensamento e o afeto são também energias da infância e muito mais do racional que do muscular. E é isso que certa pedagogia nova, como certa nova didática, se tem recusado a ver.

Onde é que científicamente se pratica pedagogia integral? E esta não é mais que a busca racional do equilíbrio entre os dois universos — o interior e o exterior — em que decorrem todas as vidas humanas.

E preciso auscultar persistente, corinhosamente o mundo inferior de cada homem, para bem saber-se o modo melhor de o todos dar consciência do mundo exterior. Não é outra a finalidade dos inquéritos escolares agora levados a efeito em todos os progressivos ambientes educativos.

# Ordenação do Ensino Primário

**NOTA:** O presente trabalho, elaborado por J. Roberto Moreira com base em diretrizes formuladas pelo Dr. Anísio S. Teixeira constitui a Contribuição do I.N.E.P. ao Plano apresentado pelo M.E.C. ao Sr. Presidente da República com vistas à educação para o desenvolvimento econômico, em maio de 1957.

1. Apesar da extensão quantitativa a que já atingiu, o ensino primário brasileiro se caracteriza pela desordem existente nas matrículas escolares, na composição de suas classes e na distribuição dos seus horários — abstração feita da precariedade da formação do seu magistério.
2. A desordem das matrículas é causada principalmente pelos seguintes fatores:
  - a) a escola primária — apesar de o Decreto-Lei n.º 8.529, de 21-1-46, ter estabelecido 5 anos de escolaridade — é via de regra, de apenas 4 anos nas áreas urbanas e de 3 nas áreas rurais;
  - b) em face da legislação vigente só permitir o trabalho de menores a partir de 14 anos, acontece que a escola primária é procurada por crianças e pre-adolescentes até essa idade;
  - c) o acima referido Decreto-Lei (denominado Lei Orgânica do Ensino Primário) estabeleceu que deveriam ser admitidas a matrícula na primeira série do curso elementar as crianças analfabetas de sete anos de idade;
  - d) não obstante ser essa Lei Orgânica arguida de caducidade, em virtude de contrariar a letra d do n.º XV do art. 5.º, combinada com o parágrafo único do art. 170 e com o art. 171 e seu parágrafo, da Constituição Federal, é a referida idade de ingresso na escola primária aceita pela legislação, educacional dos vários Estados;
  - e) consequentemente, a criança deverá cumprir a sua obrigação escolar entre os 7 e os 14 anos, podendo, em virtude dos critérios adotados para a promoção, repetir um ou mais anos, várias vezes. Embora a escola seja de 4 séries na zona urbana e 3 séries na zona rural, fica a criança livre de se matricular em qualquer tempo do seu período de idade escolar e de nele permanecer por período superior aos 4 e 3 anos. Em virtude dessa desordem na idade de ingresso escolar e da permanência do aluno por maior número de anos, que o oferecido pelo sistema escolar, a impressão de falta de matrícula parece maior do que a real. A população total de 7-14 anos em 1956 é de ... 12.024.411 crianças. Se o aluno pode matricular-se em qualquer tempo, dentro desse período de idade, e, do mesmo modo, pode permanecer na escola o número de anos que quiser, teríamos de ter muito maior número de lugares na escola que o determinado pelo curso de 4 e 3 anos que estamos a lhes oferecer, para a sua educação fundamental.
  3. O ensino primário brasileiro entre 1948 e 1956 teve a sua matrícula geral aumentada de ... 3.301.084 a 4.941.986, isto é, de cerca de 50%. Sendo esta escola de 4 séries ou anos de estudo, na área urbana, e 3 séries ou anos de estudo, na área rural, a sua matrícula atual estaria a atender até em excesso aos grupos etários de 7-11 na área urbana e em cerca de 70% nos grupos etários de 7-9 na área rural, conforme se poderá ver pelos números abaixo:

## POPULAÇÃO ESCOLAR

Idades	Área Urbana	Área Rural
7 anos	472.300	1.141.200
8 anos	443.400	1.083.600
9 anos	406.600	982.400
10 anos	511.500	—
11 anos	455.700	—
	2.294.500	3.207.200

## MATRÍCULAS

Totais:

- a) população escolar: ..... 5.501.700
- b) matrículas: ..... 4.941.986

4. Se tomarmos a matrícula das escolas na área urbana em 1956, veremos que a mesma ultrapassa os limites dos grupos etários de 7-11. Com efeito, a população escolar de 7-11 é de 2.294.500 e a matrícula geral é de 2.831.753. Na zona rural, a população escolar nos grupos etários de 7-9 é de 3.207.200 e a matrícula nas escolas de 2.110.228, isto é, quase 70% dos alunos que deveriam estar na escola.
5. A desordem de composição das classes escolares é, em parte, consequência dos próprios fatos relatados nos itens anteriores, conforme demonstramos a seguir:

- a) encontram-se na 1.ª série das escolas urbanas, numa matrícula geral de 1.251.637 alunos, 328.231 crianças de menos de 8 anos (as únicas que se deviam encontrar nessa série), 613.558 de 8 a 11 anos e 130.000 de mais de 11 anos. Na segunda série, numa matrícula geral de 659.800 alunos, 18.000 têm menos de 8 anos, 300.206 têm entre 8 e 11 anos e 148.000 têm de 11 anos. Na terceira série, onde deveriam estar os alunos de 9 anos, encontram-se numa matrícula geral de 498.389 alunos, 1.708 de menos de 8 anos, 243.458 de 8 a 11 anos e 181.953 de mais de 11 anos. Na quarta série, onde deviam estar os meninos de 10 anos, temos, na matrícula geral de 365.297, 121.467 alunos de 8-11 anos e 191.592 de mais de 11 anos. A mesma situação ainda mais agravada se reproduz na escola rural, em cuja 1.ª série se encontram mais de 1.000.000 de alunos retardados em idade, sendo que 275.573 têm mais de 11 anos de idade;
- b) além disso, a matrícula pelas diferentes séries nos mostra a existência de um triângulo de base demasiadamente larga, isto é, com enorme concentração de alunos na 1.ª série e poucos na 4.ª série, conforme se vê pelos números abaixo:

Séries	Matrículas área urbana	Matrículas área rural	Total das matrículas
1.ª	1.251.637	1.449.727	2.701.364
2.ª	659.800	407.274	1.067.074
3.ª	498.389	308.913	707.302
4.ª	365.297	—	365.297

**NOTA:** Em virtude de alguns Estados, em algumas cidades, manterem uma 5.<sup>a</sup> série, e, em certas escolas consideradas rurais 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> séries, as estatísticas oficiais registram mais 58.635 na 5.<sup>a</sup> série das áreas urbanas, e mais 44.314 nas 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> séries das áreas rurais.

6. O fenômeno acima decorre das seguintes razões:

- a) retardamento de ingresso na escola para depois de completada a idade de sete anos, o que ocorre sobretudo nas áreas rurais;
- b) migração de populações rurais para as áreas urbanas, as quais não tendo procurado escolarização para as crianças nas áreas de origem, são agora estimuladas pelo meio urbano a fazê-lo, qualquer que seja a idade dessas crianças, acima de sete anos;
- c) alta percentagem de reprovações nas séries iniciais, sendo que, só na primeira, mais de 50% das crianças não obtêm promoção ao fim do primeiro ano de escolarização.

7. A desordem dos horários escolares, que obriga as escolas urbanas a funcionarem em dois, três e quatro turnos diártios de poucas horas, aparentemente é consequência do excesso de matrículas. Não havendo prédios, nem instalações suficientes, para tal super-matrícula, o recurso é dividir os alunos em grupos que, por turnos, ocuparão sucessivamente as instalações existentes, durante o dia e, em certos casos, até noite a dentro.

8. Será impossível organizar-se a escola primária, instituição por sua natureza graduada pela idade dos alunos, enquanto se mantiver a desordem da matrícula e a desordem da repetição indefinida dos graus escolares. Torna-se indispensável a preliminar da graduação da escola pela idade dos alunos fixando-se as idades 7-8 para a 1.<sup>a</sup> série, 8-9 para a 2.<sup>a</sup>, 9-10 para a 3.<sup>a</sup> e 10-11 para a 4.<sup>a</sup>, com o que se poderia prever o número necessário de lugares para a população escolar. Isto feito, não seria, então, impossível ampliar o curso a uma 5.<sup>a</sup> e uma 6.<sup>a</sup> séries, que se destinariam aos alunos de 11-12 e 12-13 anos de idade.

9. Para a regularização da matrícula por idade, nas diferentes séries, é preciso adotar-se novo critério de escolarização, tendo em vista impedir que a criança permaneça na escola mais do que o número de anos que esta lhe oferece. Assim, numa escola de 4 anos ou séries, a criança receberá dela o que puder receber, dentro de seus limites psico-sociais, individuais, e do que ela lhe puder oferecer, segundo as suas possibilidades de instalação, material didático e capacidade docente dos professores. Tornase, pois, necessário um regime flexível de promoções (pelo menos semestral) e de agrupamento de alunos em classe, tendo em vista o aproveitamento da aprendizagem e a idade, bem como a grandeza de cada grupo que poderá contar com menos de 20 nem mais de 35 alunos.

Desta forma se corrigiria uma contradição básica de nossa escola primária. Se ela fosse seletiva, a reaprovação deveria eliminar o aluno da escola. Não querendo ser seletiva, na realidade o é mediante o processo de promoção que adota e, para corrigir este aspecto contraditório de sua intenção, permite a repetição indefinida das séries. Com isto, porém, gera uma desordem de idades em cada agrupamento da série escolar, prejudicando pedagogicamente a série ou grau escolar e prejudicando socialmente o aluno.

Todos os sistemas escolares, hoje, regularizam os erros escolares pelas idades com sistemas mais ou menos flexíveis de promoção e uma eficiência cada vez maior dos métodos de ensino. Temos, também, de fazer o mesmo. Inicialmente, há que regularizar a matrícula pelas idades e, depois, aperfeiçoar o professor para que possa ele realizar, cada vez melhor, o ensino apropriado a cada idade.

Se isto fizermos, teremos de logo melhorado a distribuição por idade, podendo acolher, nas escolas urbanas, a totalidade dos alunos de 7 a 11 anos, ficando ainda mais de 500.000 lugares para alunos de mais de 11 anos, isto é, para as 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> séries, que deveremos criar a fim de estender a escolaridade obrigatória a 6 anos.

Na zona rural, onde a matrícula se faz um pouco mais tarde, se estabelecessemos o início da escola nos 8 anos, teríamos, para oferecer a todos três anos de estudos, necessidade de cerca de 3 milhões de matrículas na escola, sendo de 1 milhão em cada série, com as idades de 8, 9 e 10 anos. Como uma parte da população rural se acha dispersa não podendo ter acesso à escola, não será demais enunciar que, se a escola oferecer lugares para 70%, terá oferecido lugares suficientes. Ora, a atual escola rural está com 2.110.228 de matrículas, o que corresponde, exatamente, a 70% da população escolar na idade de 8 a 10 anos. Portanto, também na escola rural, se for regularizada a matrícula pelas idades, teremos chegado ao ponto de pensar em prolongar a escolaridade, pelo menos, aos quatro anos da atual escola urbana.

10. 11. Resumindo concretamente o que é sugerido nos itens anteriores, recomendamos que, a partir de 1958, os Estados e os Municípios se esforçem por organizar nas áreas urbanas as classes escolares da seguinte forma:

- |  |         |
|--|---------|
| a) matricular no primeiro ano (1. <sup>a</sup> série), crianças preferentemente de 7 anos e, mais, as de 8 anos de idade até o limite de .....   | 700.000 |
| b) matricular na 2. <sup>a</sup> série, crianças preferentemente de 8 anos e mais as de 9 anos, até o limite de .....  | 500.000 |
| c) matricular na 3. <sup>a</sup> série, crianças preferentemente de 9 anos e mais as de 10 anos, até o limite de .....   | 500.000 |
| d) matricular na 4. <sup>a</sup> série, crianças preferentemente de 10 anos e mais as de 11 anos, até o limite de .....  | 500.000 |
| e) matricular nas 5. <sup>a</sup> e 6. <sup>a</sup> séries que forem instaladas, conforme propomos adiante, crianças preferentemente de 11 anos e mais as de 12 anos, até o limite de .....  | 200.000 |
| f) as primeiras séries (1-2 anos) seriam constituídas apenas com crianças de 7 e 8 anos que ainda não tivessem tido qualquer escolarização primária;   |         |
| g) as segundas séries seriam constituídas com crianças de 8 e 9 anos que tivessem tido pelo menos 6 meses de escolarização primária e mais as de 9 anos sem qualquer escolarização, sendo que estas constituiriam grupo à parte que, por ter chegado à escola com atraso, teria tratamento adequado e desta receberia menor número de anos de escolarização; |         |
| h) as terceiras séries seriam constituídas pelos alunos de 9 e 10 anos que já tivessem alcançado os mínimos programáticos para uma 2. <sup>a</sup> série normal e por alunos de 10   |         |

- anos que o não tivessem conseguido e que, por isso, constituiriam grupo à parte, para tratamento escolar adequado ao seu nível de aprendizagem já realizada;
- 1) as quartas séries seriam constituídas pelos alunos de 10 e 11 anos que já tivessem alcançado os mínimos programáticos para uma 3.<sup>a</sup> série normal e por alunos de 11 anos que o não tivessem conseguido e que, por isso, constituiriam grupo à parte para tratamento escolar adequado ao seu nível de aprendizagem já realizada;
- 1) as 5.<sup>a</sup>s séries seriam constituídas pelos alunos de 11 e 12 anos que já tivessem alcançado os mínimos programáticos para uma 4.<sup>a</sup> série normal e por alunos de 12 anos que o não tivessem conseguido e que, por isso, constituiriam grupo à parte para tratamento adequado ao seu nível de aprendizagem já realizada;
- k) as 6.<sup>a</sup>s séries, quando instaladas, segundo será esclarecido adiante, em 1959, seriam constituídas com alunos de 12 e 13 anos que tivessem realizado a 5.<sup>a</sup> série, nas condições descritas na alínea anterior.
12. Nas áreas rurais as classes escolares seriam organizadas da seguinte forma:
- |   |           |
|---|-----------|
| a) matricular no 1. <sup>o</sup> ano (1. <sup>a</sup> série) crianças preferentemente de 8 anos e mais as de 9 anos, até o limite de ...  | 1.300.000 |
| b) matricular na 2. <sup>a</sup> série, crianças preferentemente de 9 anos e mais as de 10 anos, até o limite de ...  | 1.000.000 |
| c) matricular na 3. <sup>a</sup> série, crianças preferentemente de 10 anos e mais as de 11 anos, até o limite de ...   | 800.000   |
| d) matricular na 4. <sup>a</sup> série, a ser instalada, crianças preferentemente de 11 anos e mais as de 12 anos, até o limite de ...  | 500.00    |
| e) as 2. <sup>a</sup> , 3. <sup>a</sup> e 4. <sup>a</sup> séries seriam organizadas em, pelo menos, dois níveis, conforme o aluno tenha ou não atingido os mínimos programáticos supostos e normalmente suficientes para a série anterior, segundo se indicou acima em vista a organização das classes urbanas. |           |
13. Segundo o proposto nos itens 11 e 12, até fins de 1959, teríamos nas escolas urbanas cerca de 2.200.000 crianças com as idades de 7 a 11 anos de idade e mais, nas 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> séries a serem instaladas, cerca de 400.000 de idade superior a 11 e inferior a 14 anos. De forma semelhante, teríamos nas escolas rurais cerca de 3.100.000 crianças com as idades de 8 a 11 anos e mais, na 4.<sup>a</sup> série a ser instalada, 500.000 crianças de mais de 11 e menos de 13 anos de idade.
14. Julgamos que, no fim de 6 anos, é possível ter organizadas as classes primárias de modo tal que já não se tornem necessárias as classes especiais para menores que, tendo a idade correspondente, não possuam os mínimos de aprendizagem julgados normais para a classe anterior, sendo a variação, portanto, relativa apenas a diferenças psico-sociais, individuais, e não de escolaridade e aprendizagem.

#### EXTENSÃO DA ESCOLARIDADE

1. Evidentemente, a ordenação da escola

primária, tendo em vista a distribuição dos alunos, conforme a idade, pelas diferentes séries escolares, não é suficiente para criar os mínimos de eficiência escolar. O fenômeno do desdobramento do dia escolar em horários para grupos diferentes da mesma classe, de 3 a 4 horas apenas, não permite que cada aluno receba da escola o que esta lhe deve dar e que ele pode receber.

2. Em vista disso, recomendamos que, com o auxílio que o Governo Federal lhes puder dar, os Estados e os Municípios se esforcem por estender gradualmente o regime de dia escolar completo que, desde logo, será estabelecido para as 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> séries a serem instaladas, às séries anteriores. O primeiro passo, dependente da regularização das matrículas conforme foi indicado anteriormente, seria, dentro de dois anos, pôr todas as escolas primárias em regime de dois turnos e, um ano mais tarde, a quarta série em regime de um só turno de 6 horas diárias; depois disso, possivelmente no ano seguinte, a terceira série; depois, a segunda série; e finalmente, a primeira série. Julgamos possível, por esta forma gradativa fazer com que, entre 1963 e 1965, as escolas brasileiras estejam praticamente todas com dias letivos de 6 horas.

3. Esse objetivo será facilitado pela regularização das matrículas pela idade e pela adoção de critérios mais razoáveis e flexíveis de promoção — conforme se indicou anteriormente — de modo a impedir a condensação de matrículas nas primeiras séries e sua rarefação nas últimas. Se, como promos a seguir, o Governo Federal, mediante auxílio aos Estados, se responsabilizar praticamente pela instalação e manutenção das 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> séries urbanas, será possível aos Estados e aos Municípios, com seus recursos próprios (20% da renda dos impostos, segundo a Constituição) ampliarem a rede escolar e admitirem o professorado necessário para esse fim.

4. A extensão da escolarização a 6 anos nas áreas urbanas se impõe pelo fato já mencionado de que, só podendo o trabalho de menores ter início aos 14 anos, ficam os que concluem as 4 séries primárias, já existentes, antes dessa idade, com duas alternativas: ou prosseguir os estudos num estabelecimento de ensino médio, ou ficar só ter o que fazer. Calculamos que, a partir de 1958, cerca de 200.000 crianças de 12 e 13 anos de idade se encontram na segunda situação, em todas as cidades brasileiras. Para elas deverão ser instaladas, nas escolas primárias, uma 5.<sup>a</sup> série em 1959 e uma 6.<sup>a</sup> série em 1959, mantendo-se, dai por diante, a escola primária urbana com seis séries.

5. Tais novas séries deverão ser organizadas do seguinte modo:

- ter o dia escolar de 6 horas, dividido em duas fases: uma de extensão da aprendizagem fundamental ou de cultura, e outra de iniciação em atividades pré-vocacionais, de preparação em salas-oficina, para a iniciação da aprendizagem profissional quando os alunos atingirem a idade legal de 14 anos;
- possibilitar aos que, concluidas essas duas séries de ensino primário complementar, o desejarem e puderem, prosseguir seus estudos em escolas de nível médio, ai matriculando-se na terceira série do primeiro ciclo, mediante simples processo de adaptação, que estas mesmas escolas, sem prejuízo de tempo e nível de escolaridade, lhes proporcionarem;
- não ter o aspecto de ensino de emergência, mas de ensino normal que, normalmente, se entrosa com o ensino de nível médio.

6. A extensão da escolarização a 4 anos nas áreas rurais se justifica pela necessidade de complementar o ensino fundamental de 3 anos com mais um, que terá não só a função de consolidar essa base cultural, mas ainda de orientar experimental e

racionalmente as crianças de 12 e 13 anos para as atividades rurais, tendo em vista os problemas e necessidades mais comuns da vida em tais áreas. Tanto quanto possível também essa quarta série rural deverá ter dia escolar de 6 horas, a fim de que possa atender seu duplo aspecto de ensino.

## ENSINO DE EMERGÊNCIA

1. Organizada a escola primária, segundo as linhas traçadas anteriormente, verificamos que, segundo os dados estatísticos disponíveis e as expectativas formuláveis com certa aproximação, sobrará cerca de 250.000 pessoas de mais de 12 e menos de 14 anos de idade nas áreas urbanas que, por diversas razões, entre as quais sobressai a da urbanização crescente de populações rurais, não terão tido nenhuma escolarização e que, por isso, não poderão ser atendidas pelo sistema escolar primário existente e reajustado.

2. De forma semelhante, também nas áreas rurais, provavelmente quase um milhão de pessoas, nas mesmas idades, se encontrarão sem qualquer possibilidade de saírem da condição de analfabetos. É preciso, entretanto, ponderar que essa expectativa persistirá com probabilidade de ser maior, se não fôr a escola primária organizada conforme se indicou. Per tal organização com o tempo e gradativamente, é que ela, a expectativa de analfabetos de 12 e 14 anos, tenderá para zero.

3. Dessas considerações resulta, pois, a necessidade de classes de emergência, destinadas a fornecer um mínimo de ensino fundamental à referida população, contribuindo, assim, para a aceleração do processo de reduzir o analfabetismo de pessoas nessa faixa de idade, o que é meio prático de progressiva erradicação do analfabetismo.

4. Recomendamos, por isso, a aplicação preferencial, a partir de 1958, dos recursos destinados à Campanha de Educação de Adultos, em classes de ensino primário de emergência para pré-adolescentes de 12 a 14 anos, quer nas áreas urbanas, quer nas áreas rurais. A tais recursos, progressivamente e à medida do possível, o Governo Federal acrescentará outros. Julgamos que o critério de aumentar, anualmente, de 30% os recursos normais daquela Campanha, aliado ao esforço de regularização e extensão da escolaridade primária, permitirá que, até 1963, praticamente tenhamos toda a população brasileira de 7 a 14 anos quer em processo de escolarização, quer com o mínimo de escolaridade que se faz necessário à mudança de base que se opera em nossa sociedade.

5. Além disso, atendendo ao fato de que, nas áreas urbanas, grande número de crianças, ao atingirem a idade de 14 anos, têm menos de 4 anos de escolaridade, quer em virtude de retardamento na matrícula, quer por abandono dos bancos escolares, se vêem na contingência de iniciar atividade profissional ou de aprendizagem profissional em empresas industriais, com evidente e prejudicial falta de base educacional e considerando que as próprias empresas se ressentem da falta de operários semi-qualificados e qualificados, recomendamos:

a) treino de operários semi-qualificados e de mestres, com os seguintes objetivos:

b) treino de operários semi-qualificados da indústria (operadores de máquinas e outros trabalhadores de serviços de produção em série ou de serviços auxiliares) no próprio local do trabalho, através de programas combinados pelo SENAI e cada empresa, nos termos da Portaria n.º ... do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio;

- c) treino de mestres de indústrias na direção dos operários a seu cargo e no treinamento de novos operários;
- b) formação em escolas de operários qualificados para a manutenção e fabricação de máquinas, com os seguintes objetivos:
  - i) formação em cursos intensivos de curta duração de contingentes de novos aprendizes de ofícios qualificados destinados às oficinas de manutenção de máquinas, motores elétricos e de outros equipamentos de empresas que fabricam bens de consumo;
  - ii) formação em cursos intensivos de curta duração, de contingentes de novos aprendizes de ofícios qualificados destinados às oficinas de manutenção de motores elétricos, de motores a gasolina e diesel e outros equipamentos de empresas de transporte e de produção e distribuição de energia;
  - iii) formação em cursos de curta duração de contingentes anuais de novos aprendizes de ofícios qualificados destinados às empresas metalúrgicas que fabricam máquinas ou peças de máquinas, motores, transformadores, chaves e outros equipamentos elétricos, peças de automóveis, carros de estrada de ferro e especialidades metalúrgicas em geral.

6. Em face da percentagem alta de adultos analfabetos, existentes no país (cerca de 50%), incompatível com os nossos desejos de desenvolvimento, pois que uma população inculta é certamente um entrave a tal desenvolvimento, é preciso enfrentar o problema da erradicação do analfabetismo. Tal tarefa, porém, não é fácil, além de implicar inversão de recursos talvez não possível na presente conjuntura econômico-financeira da nação. Além disso, as experiências e tentativas já realizadas em países democráticos e em situação de semi e subdesenvolvimento, não foram suficientes para indicar meios rápidos e seguros de tal erradicação. Em face do exposto, julgamos recomendável:

- a) tentar durante dois anos (1958-1959), em áreas limitadas, como a de um município, experiências pelas quais se verifique a viabilidade de um programa nacional de erradicação do analfabetismo e de seu respectivo custo;
- b) organizar o plano experimental no sentido não apenas de aplicação de recursos federais, mas também à base de cooperação das autoridades e dos recursos estaduais e municipais, das organizações privadas de comércio, agropecuária e indústria, de cultura, recreação e esportes, etc.; aplicar nesse plano recursos provindos das verbas destinadas à Campanha de Educação de Adultos, de outras campanhas de educação e assistência, mantidas pelo M. E. C., além daqueles que, para esse fim, puderem ser especialmente consignados.

Não julgamos que, em uma experiência desse tipo, cujo objetivo é o de sondagem de métodos e processos e consequente viabilidade em escala nacional, se deva aplicar, na presente conjuntura econômico-financeira, mais de 20 milhões de cruzeiros, em recursos federais.

## FORMAÇÃO DO MAGISTERIO PRIMARIO

1. Além do recomendado anteriormente, tendo em vista a escolarização primária da população que dela necessita e a ela pode submeter-se, precisaria a União ajudar os Estados num esforço significativo

para a formação do magistério primário, pois que o aproveitamento da regularização e extensão do ensino primário dependem da qualificação profissional dos professores. Sabemos que cerca de 40% do magistério primário em exercício não tem qualquer formação pedagógica e que 90% das escolas de formação desse magistério — segundo levantamentos qualitativos já realizados pelo I.N.E.P. — não estão devidamente equipados e não dispõem, por sua vez, de professores especializados para tal espécie de formação profissional.

2. Em virtude desse estado de coisas recomendamos:

- a) ajudar os Estados com assistência técnica e com recursos para a manutenção de estabelecimentos de formação do professor primário, não se limitando, pois, o auxílio federal a permitir a simples construção do prédio escolar.
- b) organizar cursos para professores desses estabelecimentos de ensino profissional, pedagógico, nas Faculdades de Filosofia e nos Institutos de Educação do País, que, para tal, melhores condições técnicas e científicas oferecerem;
- c) oferecer bolsas de estudos aos professores de ensino normal (profissional pedagógica) já em exercício em todos os Estados, a fim de que possam frequentar aqueles cursos;
- d) aumentar a atual verba de 10 milhões de cruzeiros, destinada aos objetivos mencionados, de forma a permitir a execução do programa em condições de atender às necessidades nacionais.

3. Para atender ao problema de formação ou preparação de professores primários para as novas 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> séries, torna-se necessário um programa de treinamento em artes industriais e trabalhos de oficina, pré-profissionais. O I.N.E.P. pretende resolver esse problema mediante convênio com o SENAI que apresenta condições favoráveis para esse treinamento, no mesmo tempo que pretende aproveitar os professores assim treinados para, em serviço, ini-

ciarem novos no mesmo treinamento. Dessa forma será possível formar com relativa rapidez o magistério especializado para aquelas duas séries primárias, complementares.

## METAS A SEREM ATINGIDAS

A partir de 1958:

- A. Regularização da matrícula por série e idade e admissão na primeira série de todos os alunos da respectiva idade, isto é, entre 600 e 77 mil alunos novos.
- B. Prolongamento da escolaridade, nas áreas urbanas, a uma 5.<sup>a</sup> série para cerca de 200.000 alunos, que terminam a 4.<sup>a</sup> série e não se matriculam no ensino médio, ou que tendo 12 e 13 anos de idade, não têm escolaridade suficiente, precisando complementá-la, no mesmo tempo que recehem a primeira preparação profissional.
- C. Formação, pelo SENAI, nas condições estabelecidas no tópico "ensino de emergência", item 5, alínea a, de aprendizes treinados (operários semi-qualificados) e em treinamento, de modo que, em 1964, seu número não seja inferior a 60.000. Do mesmo modo e de conformidade com o mesmo tópico, item e alínea, conseguir que, a partir de 1958 até 1964, haja 50.000 mestres treinados e em treinamento em cursos tipo T W I.
- D. De acordo ainda com o item 5, alínea b do tópico "ensino de emergência", conseguir a partir de 1958 até 1964, 70.000 aprendizes iniciados na indústria já com o domínio das operações básicas dos ofícios.
- E. Organização de 1.000 classes de emergência para menores analfabetos de 12 a 14 anos, com recursos da Campanha de Educação de Adultos que, para isso, deve ter os referidos recursos acrescidos de 30%, ou sejam aproximadamente 20 milhões de cruzeiros.
- F. Assistência técnica no campo da formação do magistério, ajudando a custear os cursos de formação do magistério e oferecendo, pelo menos, 200 bolsas para formação de professores de escola normal nas melhores Faculdades de Filosofia e Institutos de Educação do País.

A partir de 1959:

- A. Prossecução da regularização da matrícula por idade e por série e admissão na primeira e segunda série de todos os alunos nas respectivas idades.
- B. Prolongamento da escolaridade à 6.<sup>a</sup> série para os 200.000 da 5.<sup>a</sup> série e admissão de número talvez um pouco maior à 5.<sup>a</sup> série.
- C. Organização de 1.500 classes de emergência para menores analfabetos de 12 a 14 anos.
- D. Continuação do programa de assistência técnica ao magistério nas condições de 1958.

A partir de 1960:

- A. Regularização definitiva da matrícula em todas as séries, com a admissão de todos os alunos nas respectivas idades de 7-11, para as áreas urbanas e 8-11 para as áreas rurais.

- B. Manutenção universal da 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> séries complementares.
- C. Continuação do programa de classes de emergência para menores analfabetos de 12 a 14 anos de idade.
- D. Continuação do programa de assistência técnica ao magistério primário.

#### RECOMENDAÇÕES

1. Estender gradualmente o regime do dia escolar completo, a ser estabelecido imediatamente nas 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> séries, às séries anteriores. Para estimular os Estados a esse esforço, se estabeleceria que o auxílio federal não seria mantido depois do segundo ano, se o Estado não tivesse começado em todas as escolas primárias o regime de dois turnos e depois do terceiro ano, a quarta série em regime de um só turno; depois do quarto ano, a terceira série; depois do quinto ano, a segunda série; e depois do sexto ano, a primeira série.

2. Com recursos orçamentários já existentes da Campanha de Educação de Adultos e de outras campanhas educativas e de assistência do M.E.C., cuja soma não ultrapassa de vinte milhões (Cr\$... 20.000.000,00), planejar e executar uma experiência de erradicação do analfabetismo numa área limitada, possivelmente um município, tendo em vista verificar a possibilidade de extensão a todo o país, dos processos e métodos apurados.

3. A partir de 1948, todos os convênios que foram firmados com os Estados, pelo Governo Federal, com o fim de ação supletiva em ensino primário e normal, deverão ter suas cláusulas condicionadas pelo que se contém, como base e diretrizes, no presente relatório, atendidos que sejam critérios proporcionais de esforço e carencia educacionais de cada Estado. A distribuição dos recursos, por meio do convênio, procurara atender, além disso, às seguintes normas:

#### O BANHO

**Manoel Marcondes dos Reis**

Quer faça frio, quer chova,  
nada me faz recuar,  
Não há o que me demova  
do banho frio tomar.

Cedinho ninguém me chama,  
eu mesmo acordo, sózinho,  
pulo contente da cama  
e vou tomar meu baninho...

Ele é gostoso em bacia,  
em chuveiro ou em torneira.  
Gosto até do de cachoeira  
onde a água é bem mais fria

Escutem esta verdade:  
sem a água ninguém passa!  
E é grande a sua bondade:  
nada nos custa, é de graça.

- a) no setor de extensão da escolarização primária, o auxílio será tanto para instalação das 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> séries, como para sua manutenção;
- b) no restante do ensino primário, os auxílios provenientes do Fundo Nacional do Ensino Primário, se destinariam à construção, instalação e equipamento de escolas;
- c) no setor do ensino normal os auxílios serão para o equipamento de escolas, aperfeiçoamento de professores em exercício e para organização de cursos e concessão de bolsas a professores de escolas normais, bem como — já no que diz respeito à manutenção — permitir a este regime de integral dedicação.

#### A IMPORTÂNCIA DO TESTE DE BINET

##### PSICOLOGIA APLICADA

**Prof. Pierre Weil**

Está sendo comemorado na França o centenário de Alfredo Binet. Este acontecimento constitui, para nós, uma oportunidade para mostrar o que é realmente um teste. Quando Binet teve a idéia de medir a inteligência, a maioria dos psicólogos daquele tempo afirmaram que tal seria impossível. Afirmavam que sendo a inteligência algo de abstrato, não poderia ser medida, pois, só se pode medir o que é concreto.

Binet contornou a dificuldade da seguinte forma; juntou uma série de problemas abrangendo conhecimentos usuais, senso de observação, memória, raciocínio, e outros aspectos da vida mental; procurou, então, organizar, para cada idade, cinco perguntas, que foram resolvidas por 75 por cento das crianças de cada uma das idades; estava organizado o teste, de Binet, hoje conhecido no mundo inteiro.

Qualquer criança que alcança as perguntas correspondentes à sua idade pode ser considerada como normal; uma criança de 5 anos que resolve problemas de 8 anos poderá ser considerada como intelectualmente super dotada. Outra criança, que, pelo contrário, apesar de ter 8 anos não possa nem responder às perguntas para 4 anos, deverá ser considerada como suspeita de debilidade mental. Os testes de inteligência que foram organizados depois de Binet constituem, apenas, aperfeiçoamento do referido teste; são todos baseados no mesmo princípio; isto é, o da comparação de um rendimento individual à média obtida por um grupo.

Graças a Binet, a Psiquiatria possui hoje um método, talvez o único, para diagnosticar o grau de atraso mental; a Pedagogia também fez grandes progressos, através dos testes de inteligência, pois é possível, hoje, saber se uma criança ou adolescente não assimila os conhecimentos porque: NÃO SABE, NÃO PODE ou NÃO QUER ESTUDAR.

# Introdução ao Estudo da Psicologia das Relações Humanas

Riva Bauzer

Técnico de Educação do MEC — D. F.

1. O mundo moderno exige de nós objetividade. Não bastam princípios e intenções. Ninguém mais pensa em aprender por aprender; o homem quer e sente a necessidade de educar-se para viver melhor.

Por isso, os programas declamatórios de paz, solidariedade, compreensão, tolerância, não sendo pouco a pouco barulhos, aparecendo em seu lugar programas de ação destinados a solucionar desajustamentos individuais ou nacionais, desajustamentos pequenos ou grandes. Busca-se o equilíbrio, o conjunto harmonioso, a integração do organismo ou ser às solicitações do meio circundante.

2. Há alguns anos a Universidade de Chicago conduziu uma pesquisa de cunho educacional entre adultos da mais variada procedência e formação, buscando resposta para a seguinte pergunta: "Sendo geral o clamor contra a inefficiência de nosso sistema educacional, pedimos-lhe que indique as principais falhas da educação que você recebeu na escola".

Os resultados do inquérito revelaram, em linhas gerais, o seguinte:

- a) os adultos desejavam possuir conhecimentos mais amplos sobre saúde;
- b) e também desejavam ter aprendido melhor a arte de viver bem com os demais.

Sem dúvida, estas duas conclusões principais do inquérito aplicam-se também ao nosso meio.

Quando pensamos, por ex., na resistência de muitos indivíduos e grupos a práticas elementares de saúde e de higiene, verificamos quão grandes são as lacunas de conhecimentos nesse setor.

Por outro lado, estamos sempre a ouvir queixas de adultos, que ocupam posições sociais várias: "... gostaria de saber viver melhor com as pessoas que me cercam", ou "se eu pudesse adivinhar uma maneira de satisfazer meu chefe", ou ainda "se eu pudesse descobrir um meio de fazer com que meus auxiliares produzissem mais e melhor". "Em outras palavras todos nós queremos aprender a viver bem com o grupo, queremos aprender a ser simpáticos, a saber fazer-nos querer, a saber merecer o afeto das pessoas a quem queremos.

E o povo glorifica as cantoras que escolhem canções cujos temas refletem os problemas de ordem afetiva ou de insegurança emocional. (Eu sou feliz tendo você sempre a meu lado... Ninguém me ama, ninguém me quer, etc).

Ainda no referido inquérito encontramos respostas como esta: "Não estamos interessados em conferências altisonantes de Psicologia ou Sociologia, mas sim em princípios de aplicação prática mais ou menos fácil, sugestões que possam ser utilizadas nos contatos diários que estabelecemos com pessoas da nossa família, com pessoas de nossas relações etc."

E ainda — muitos de nós já descobrimos, por experiência própria, que as pessoas que obtêm sucesso na vida nem sempre são as que possuem maior cabedal de conhecimentos científicos e sim aquelas que aprenderam a difícil arte de saber viver, que inclui muitos aspectos, tais como: falar bem, saber convencer, saber impor-se, ter iniciativa etc, que valem muito mais do que saber de cor os verbos francês irregulares ou a fórmula geral das equações de segundo grau.

Já descobrimos, por ex., que é sempre possível contratar os serviços profissionais de um médico, de um engenheiro, de um professor, de um secretário, de um economista e às vezes até por salário relativamente baixo, pois que o mercado de trabalho está cheio deles. Não é tão fácil, porém, localizar um bom médico, ou apontar um bom administrador, isto é, a pessoa que nos conhecimentos técnicos reúne uma boa capacidade de expressão, atitudes de iniciativa e operosidade, atitude compreensiva e tolerante, enfim, habilidade para lidar com os demais, conquistando-lhes a confiança, pois que é este o retrato do personagem que está fadado a vencer e obter sucesso na vida por sua competência profissional e ajustamento pessoal.

3. Em relação aos desajustamentos nacionais procuram aplicar as organizações especializadas das Nações Unidas, em proporções mais amplas e ambiciosas, o tratamento que se preconiza para as criaturas desajustadas: competência técnica e ternura humana. — e com essa fórmula de assistência técnica, adotada, por muitos e que já se vai tornando até mística, valorizam-se cada vez mais os conhecimentos relacionados com os princípios fundamentais do comportamento humano individual ou coletivo, permitindo à psicologia o exercício de importante contribuição na reconstrução da civilização, partindo-se do conhecimento da organização e possibilidades do grupo, estudando-se o indivíduo, fazendo diagnósticos, verificando necessidades, procurando remover ou diminuir as causas determinantes dos desajustamentos e seus funestos efeitos.

Não é de hoje que o homem se preocupa em observar os comportamentos dos demais. As conversas

os "bate-papo", os "diz-que-diz" e os cochichos tão característicos de reuniões sociais ai estão claramente a atestar esse interesse, sem esquecermos, também, por ex., o tom sensacionalista que a imprensa imprime ao seu noticiário. É natural, e normal esse interesse revelando pelos comportamentos dos demais, pois que na sociedade complexa em que vivemos, todas as pessoas precisam conhecer e compreender seus semelhantes para descobrir os motivos, as causas de seus comportamentos, pois que disso dependerá, em parte, um viver mais feliz e melhor ajustado às exigências dos vários grupos a que pertencemos.

O marido que reclama da mulher que não o comprehende, o aluno que se queixa de estar sendo perseguido pelo professor, o empregado que acredita estar sendo explorado pelo patrão, os operários que entram em greve etc., estão todos a reclamar com urgência uma melhor compreensão dos comportamentos humanos, uma exploração mais profunda da mente humana, capaz de equipá-los melhor no terreno das relações interpessoais.

E todos nos sabemos que o conhecimento da mente humana não está nas prateleiras das bibliotecas, mas escondido atrás de olhares muitas vezes imperscrutáveis, e como "leit-motif" vive em nós a pergunta:

"Por que agimos como agimos?"

E escrevem-se tratados para apresentar respostas a esta pergunta e não raro chegamos à conclusão de que freqüentemente agimos como podemos, e nem sempre como queremos.

Desejo abordar aqui um tema de grande atualidade que vem merecendo importante destaque em trabalhos especializados. **Refiro-me ao "stress", ou melhor, à vida dentro de uma sociedade agitada por crises de transição, ligadas ao imperativo da era tecnológica e que exerce pesadas tensões sobre a pessoa do ser humano, perturbando muitas vezes a formação ou estabilização equilibrada e harmônica das personalidades.**

Já de há muito os engenheiros ensinaram-nos uma lição técnica — não é por acaso ou espontaneamente que se obtém a solidariedade do material utilizado em edificações. Por isso, eles realizam cuidadosas pesquisas e mensurações para conhecer-lhes a resistência e respeitam suas peculiaridades específicas.

É recente porém a ideia de conhecer e compreender a resistência do material humano.

Sob condições de "stress", a personalidade humana lança sinais de alarme que passam, muitas vezes, despercebidos. E o resultado é freqüentemente a infelicidade humana que representa um sem número de pessoas não perdidas para a vida, mas perdidas para a vida social, para o convívio agradável e ajustado dentro dos grupos, para o calor do colóquio humano, amigo e compreensivo.

Quando as necessidades, os impulsos, os desejos, enfim tudo aquilo que empresta motivos aos nossos atos, desde a necessidade de alimento até o desejo

de buscar novas vivências despertam tensões intra-individuais, alterando o equilíbrio da estrutura pessoal, instala-se um baqueamento que se traduz por mal-estar, sensação desconfortável de ansiedade ou angústia etc. O indivíduo reage, então, mobilizando os recursos do que dispõe, procurando anular ou reduzir o desequilíbrio causado para recuperar a estabilidade ou segurança pessoal ameaçada.

Se o indivíduo consegue superar o choque reestabelecendo de forma razoável o equilíbrio harmônico da personalidade, experimenta bem-estar e uma sensação de plenitude e satisfação, que deriva também da aprovação que lhe é presenteada pelo grupo. O sucesso fortalece o ser emocional e prepara-o pouco a pouco para enfrentar melhor as dificuldades que se atravessam em todos os caminhos.

Quando, porém, as necessidades não podem ser satisfeitas, entrando em conflito umas com as outras ou encontrando obstáculos extrínsecos que impedem ou dificultam a satisfação desejada, o indivíduo sofre frustrações e astensões, não encontrando alívio imediato vê-se, freqüentemente, agravadas. Surge o alarme! é preciso recorrer a artifícios que permitam reduzir essas tensões, por vezes intoleráveis, garantindo em parte a aprovação social, ainda que as necessidades não encontrem plena satisfação. Esses padrões de comportamento adotados recebem o nome de **mecanismos de ajustamento**.

Todas as pessoas utilizam mecanismos de ajustamento que, quando adequadamente empregados, funcionam como válvulas de segurança, auxiliando o ser humano a conservar melhor o equilíbrio pessoal e a continuar merecedor de auto-estima.

Os mecanismos de ajustamento funcionam de maneira diferente, embora visando um alvo comum a defesa do ser, o núcleo da personalidade. Por isso, às vezes, o mecanismo consiste em fugir às situações que provocaram o baqueamento e a pessoa fecha os olhos, procurando ignorar os problemas que a assediam. "Amanhã eu resolvo isso...". "O que fulano diz não se escreve". Ele é um embromador...

Há várias maneiras de fugir à dolorosa evidência dos fatos:

Uma delas é **recuar no tempo**.

"Ai que saudades que eu tenho da aurora da minha vida.

Da minha infância querida que os tempos não trazem mais..."

Observamos comportamentos infantis e juvenis em todas as idades: piqueniques, almoços de confraternização, adultos que voltam a salas de aula. Convém não esquecer também que "o amor não tem idade"...

Outras vezes, buscamos no futuro a satisfação de necessidades profundas cuja realização nos é negada no presente — Sonhamos, devaneamos porque é muito melhor sonhar-acordado, imprimindo aos nossos pensamentos um rumo mais feliz.

Se eu pudesse... se eu tivesse... se Nosso Senhor quisesse...

Freqüentemente racionalizamos nossos fracassos encontrando, em geral, para os mesmos uma explicação que nos parece plausível, mas que leva mui-

tas vezes nossos companheiros a um sorriso complacente que significa: "as uvas estão verdes".

"Carro pequeno é muito melhor do que o grande, dá menos trabalho para entrar na vaga... gasta menos gasolina."

As vezes a racionalização se traduz até por uma frase pequenina e meio envergonhada. "Eu, hein?"

De vez em quando, todos nós atribuímos injustamente a culpa de alguma coisa que fizemos a outras pessoas ou às circunstâncias, diminuindo, assim, nossa responsabilidade no fracasso. "Este professor me perseguiu desde o princípio do ano, por isso não fui promovido".

Outras vezes, os mecanismos de ajustamentoagem buscando fórmulas de compensação.

O indivíduo sentindo-se inferiorizado em determinado setor, esforça-se por vencer limitações pessoais, procurando sucesso no mesmo ou em outro campo de atividades. É frequente encontrarmos pessoas exibicionistas e convencidas, para quem a palavra mais importante é EU.

Outras vezes ouvimos frases como estas: "Meus filhos terão o que não tive". "Quem ama o feio bonito lhe parece". E muitos dos preconceitos sociais encontram aqui a sua origem. A identificação parece-se muito com o mecanismo de compensação — "nossa família", "familias de 400 anos", "nossa carro", "nossa clube", "minhas jóias", "minhas roupas", "não dispenso a infalível pistola" etc. são exemplos corriqueiros. "Adoro fitas de western!" "Escrevo propositalmente meus livros na primeira pessoa".

Além dos mecanismos de fuga ou de compensação, encontramos os mecanismos nitidamente de defesa, entrincheiramo-nos preparando a retirada ou a agressão.

O retraimento, o desânimo, o medo são sérios sinais de alarme, indicam que o indivíduo está battendo em retirada. Por ter tido sua segurança ou auto-estima fortemente abalada, o indivíduo não tolera mais a idéia de enfrentar novos e dolorosos fracassos e retrai-se ou retira-se em fuga desabafada, deixando de empenhar-se em luta que supõe desigual, conseguindo proteger dessa maneira, até certo ponto, o respeito pelo próprio eu. "Não tenho e não gosto de fazer amigos".

Em geral os psicólogos e psiquiatras consideram muito graves os mecanismos de retirada quando elas se transformam em padrões habituais de comportamento. O retraído não exige e, por isso, não recebe a mesma atenção que o atrevido ou agressivo, embora ambos revelem por seus comportamentos a existência de problemas de ajustamento ao grupo.

O desanimado e o retraído, em geral, já se deram por vencidos, enquanto que o agressivo continua lutando em busca de uma solução. Quem já não ouviu: "O Sr. sabe com quem está falando?"

As vezes a frustração desperta mecanismos de defesa que funcionam por **repressão**, isto é, a pessoa esforça-se por esquecer a frustração sofrida e a necessidade não satisfeita. Na verdade porém, ao esforçar-se por esquecer o desagradável acontecimento o indivíduo reprime o fato aborrecido, mas as

tensões despertadas pela frustração continuam latentes, dando origem, às vezes, a novas tensões. Muitos dos esquecimentos inexplicáveis de que as pessoas se queixam correm por conta de mecanismos de repressão (esquecer a hora de ir ao dentista por ex.).

Todos os mecanismos de ajustamento aqui citados são utilizados por pessoas normais e ajustadas. Muitos deles conseguem aliviar tensões criadas por obstáculos às vezes insuperáveis, permitindo uma tregua recuperadora antes do prosseguimento do combate.

Quando porém um ajustamento precário, tal como o que é obtido por meio de alguns mecanismos de ajustamento, passa a traduzir-se em comportamentos habituais, o resultado mais frequente é o desajustamento progressivo da estrutura pessoal, pois que o ser humano não pode resistir indefinidamente ao esforço de enfrentar permanentemente situações de alarme.

Por isso repetimos — nem sempre agimos como queremos, mas sim como podemos e ate os pecados cometidos encontram alicerces na estrutura pessoal de cada um. Há por ex.: os pecados dos fortes — o orgulho, a gula, que diferem bem dos pecados dos fracos — a preguiça, a avareza, a inveja, etc.

De qualquer forma sentimos que na atitude de ser útil à humanidade, compreendendo-a para melhor poder aceitá-la e amá-la, sem a exclusiva preocupação de recompensa ou prêmio, encontramos talvez o melhor mecanismo de ajustamento.

## DUQUE DE CAXIAS

A Caxias, o duque glorioso  
Vimos hoje render veneração;  
Ao mais nobre soldado, ao mais brioso  
De nosso exército imortal brosão.

O general indômito do pompa  
Que o inimigo venceu em sã peleja,  
Hoje dorme tranquilo em seu campo  
Onde a flor da saudade oí viceja.

Mas a História colheu tanta bravura  
Para exemplo da nossa geração;  
Saibamos comportar-nos com altura,

Tomando hoje sua vida por lição;  
Seja ponto de mira sua figura,  
Orgulho e glória de nossa nação.

Delicia Romis Bitencourt  
Jaguarão — R. G. do Sul.

# O Contador de Histórias — Suas Qualidades Características

Prof. Malba Tahan.

(Catedrático do Instituto de Educação do Rio de Janeiro)

Do livro "A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS"

As qualidades característicos de um perfeito contador de histórias são:

## 1.º) Sentir, ou melhor, viver a história; ter a expressão viva, ardente, sugestiva.

O narrador deve revelar certo entusiasmo na narrativa. Entusiasmo e alegria. Emocionar-se com os próprios episódios por ele narrados. Dar à narrativa (mesmo fantasiosa) um cunho de realidade:

"O gatinho, ao ver o urso, deu um salto e gritou:

— Olha o urso! Olha o urso!"

A frase é proferida como se tivesse surgido um urso, na porta da sala, junto da mesa da professora. É preciso, portanto, que o narrador tenha a expressão viva, ardente, sugestiva...

## 2.º) Narrar com naturalidade, sem afetação.

Não se pode empregar, na narrativa de uma história, principalmente diante de um auditório infantil, linguagem afetada, rebuscada:

"... procurava adquirir os tesouros da formosura da alma e do cultivo intelectual..."

Observe, no trecho acima, a linguagem com deploráveis requintes literários: "tesouros da formosura da alma", "cultivo intelectual".

## 3.º) Conhecer com absoluta segurança o enredo.

O narrador que hesita pode sacrificar, por completo, o êxito da narrativa. As hesitações decorrem de certas dúvidas, de pequenas falhas, e as falhas e as dúvidas não aparecem para aquele que conhece com "absoluta segurança o enredo".

## 4.º) Dominar o auditório.

Deverá o narrador evitar certos elementos perturbadores, especialmente para o caso de um auditório infantil: uma porta aberta, ruído ou barulho de conversa na sala ao lado ou no corredor vizinho, entrada e saída de pessoas estranhas durante a narrativa, etc. A ação do narrador, o prestígio da narrativa, deve se exercer sobre a totalidade do auditório (cem por cento). Dois ouvintes, em conversa cochichada, durante o desenrolar da história, quebram a perfeita harmonia do narrador. O auditório deve se sentir dominado pelo interesse da narrativa.

## 5.º) Contar dramaticamente (sem caráter teatral exagerado).

O exagero da teatralidade pode sacrificar o efeito da narrativa. Já vimos, certo vez, um narrador, para dar maior dramaticidade a um episódio, fingir-se estonteado: atirou-se para a frente, para a direita, e para a esquerda, como um ebrio. Isso fez rir os meninos. E o caso era trágico, não comportava risada do auditório. O desfecho da história foi sacrificado pelo caráter teatral exagerado e ridículo do narrador.

## 6.º) Falar com voz adequada, clara e agradável.

Para o melhor êxito da narrativa, o tom de voz do narrador é de uma importância capital. Se a voz fôr exageradamente grossa ou demasia-damente fina (voz de falseto) não conseguirá o contador tornar agradável a sua narrativa. A voz do narrador deve ser adequada ao gênero da narrativa.

O Prof. Silveira Bueno, em seu livro "Manual de Califasia, California, Calirritmia e Arte de Dizer", aponta nada menos de quatro vozes defeituosas: a VOZ ROUCA, a VOZ DE FALSETE, a VOZ INSPIRADA e a VOZ DUPLA. Acho que o bom contador de histórias deveria conhecer as primeiras noções de Califasia.

Ensina o Professor Silveira Bueno:

"Califasia é a arte de tornar a palavra distinta, correta, expressiva e agradável.

A califasia é uma arte, pois, leva-nos, por meio de exercícios, a um fim prático — obter a expressão oral perfeita. É a arte que torna a palavra **distinta**, isto é, dá-nos o hábito de pronunciar os vocábulos com a máxima perfeição mecânica, possível. Para conseguir tal objetivo é necessário que articulemos vogais e consoantes, formando com cuidado as silabas, observando o valor delas todos, mas, principalmente, de duas: da silaba tônica e da final."

## 7.º) Ser comedido nos gestos.

Constitue o gesto um dos recursos mais preciosos para o narrador. Os gestos devem ser sóbrios, simples e expressivos. O narrador procurará, com os recursos de sua imaginação, evitar a monotonia dos gestos. Os gestos devem ser variados. Uma narrativa pode ter o seu ponto culminante assinalado por um gesto; todo o enredo de um conto pode ser baseado em gestos. Citaria, como exemplo, nesse particular, a lenda oriental intitulado "Os Gestos". Dada a impor-

tância dos gestos é lamentável que o narrador incida no grave erro de exagerar os gestos, do exagero poderá resultar o ridículo. O exagero dos gestos é imperdoável entre os narradores e declamadores. Ouçamos o depoimento do Prof. Silveira Bueno (ib. cit. pág. 194):

"Guardamos até hoje a impressão que nos ficou de haver assistido a uma declamação em árabe. O poeta era famoso, viera de longe e por uma deferência sumo, haviam sido convidados vários intelectuais paulistas para ouvi-lo. Conhecendo bastante bem o francês, expunha neste idioma o assunto das poesias e depois as recitava com a maior ênfase do mundo. A fisionomia do poeta contraia-se com tanta rapidez e multiplicidade de feições, que nos parecia estivesse sendo torturado por sofrimentos atrozes. O corpo inteiro tomava parte, flexionando as pernas e os braços, que de longe, sem compreendermos as palavras pronunciadas, tínhamos a convicção perfeita de que era um professor de ginástica sueca em exercício perante a classe toda. A exuberância da gesticulação estonteava o auditório e pensamos que nunca mais esqueceremos aquela noite no salão "Germânia".

Esse mesmo autor chama a atenção para a variedade dos gestos:

"Os gestos devem ser sóbrios, mas variados. A monotonia dos movimentos produz no auditório os efeitos dos passes hipnóticos: provoca o sono. Todos possuímos um número determinado de palavras com as quais nos expressamos diariamente."

Outro predicado importante no caso dos gestos é a espontaneidade. Observa, com muita oportunidade o Professor Silveira Bueno:

"A espontaneidade é outra nota preciosa para a gesticulação. O ouvinte há de sair, levando consigo a impressão de que nada foi procurado pelo leitor a fim de lhe transmitir a sua idéia. O trabalho da mímica lhe saiu tão natural, que deu a todos a convicção de uma grande facilidade. O gesto procurado descobre-se logo, atraindo o ridículo para quem o procurou."

#### 8.º Emocionar-se com a própria narrativa.

Este último item não passa, afinal, de um corolário do primeiro: "o narrador deve sentir, ou melhor, viver a história". Aquêle que vive, com sinceridade, a história narrada, emociona-se:

"Conheci na cidade de Bauru (S. Paulo) uma jovem, a senhorita Nice Lopes, excelente narradora, que era notável por sua maneira brilhantíssima de apresentar os contos para auditório de adolescentes e adultos. Era, nesse tempo, do 3.º ano científico do Colégio São José. Nice Lopes tinha o dom raro de emocionar, emocionando-se. Uma noite, no Instituto de Educação em Bauru), ao narrar a famosa lenda intitulada "O Malabarista de Nossa Senhora", viu-se forçada a interromper a narrativa no ponto culminante. Mais de cem pessoas, no imenso

auditório, choravam... e ela, a jovem narradora, chorava também!"

Antes de iniciar o conto e durante o desenrolar da narrativa, deve o narrador ter CUIDADOS ESPECIAIS. Citemos os seguintes:

#### 1.º Impor silêncio ao auditório, ao começar a narrativa.

O silêncio inicial é indispensável. Sem esse silêncio não poderá o narrador motivar ou interessar o auditório. Já disse o poeta: "O silêncio é o clamor de tudo o que não falo" (Malba Tahan "A Sombra do Arco Iris" — vol I). Do interesse despertado pela história pode resultar silêncio. Quando o auditório é estranho o narrador deve ter certo cuidado ao promover o silêncio inicial, a fim de não melindrar os ouvintes, mas conquistar a sua simpatia. Para adolescentes, a prática aconselha iniciar a motivação: "Vamos ouvir, agora, o caso mais estranho..."

#### 2.º Não romper o fio da narrativa com perguntas, conselhos ou admoestações.

As interrupções são, em geral, desastrosas para o êxito da história. As advertências: "Fique quieto", "Não conversem" — são inadmissíveis. O bom narrador, com o seu prestígio, pode conservar o auditório silencioso e atento. Em caso de dificuldade recorra à história com o Interferência ou história com jogos.

#### 3.º Evitar os tiques, os cacoetes e os estribilhos.

Procurará o narrador corrigir-se de seus tiques e cacoetes: fechar os olhos, abrir a boca, fazer trejeitos, sacudir a cabeça, levar a mão ao queixo, fungar, esfregar as mãos, etc. Há também certos cacoetes e estribilhos (na dicção) que enfeiam a narrativa: Não é? (que alguns dizem Né?); Compreendeu? Está comprendendo? Sabe? Entendeu? Está entendendo? Ouiu? Então chegou... então foi... então ele disse... então o homem correu... Bem, então...

São raros, ou melhor raríssimos, os professores, conferencistas e narradores que apresentam, quando falam de improviso, ou conversam com naturalidade em roda de amigos, a linguagem inteiramente isenta de estribilhos. Já ouvimos, sem que pudéssemos assinalar um único estribilho, palestras e conferências dos seguintes professores: Pedro Calmon, Nelson Romero, Abgar Renault, Gustavo Barroso e José Oiticica. Lembro-me de que Coelho Neto e Afrânio Peixoto (ambos multiloquos) em palestras com amigos, contando casos, relembrando episódios, tinham a palavra límpida, sem a nódoa desagradável do estribilho.

Na linguagem de muitos professores desatentados observa-se verdadeira inflação de estribilhos.

(Continua na pág. 60)

# Como Educar Pais e Filhos

Original francês "Le Métier de Parent" de André Berge, traduzido por Tereza Araújo Penna. Coleção Família. Editora Agir, 256 páginas, 1957.

Apreciação de Genecice A. VIEIRA

"COMO EDUCAR PAIS E FILHOS?" é o título da obra que inaugura a coleção, lançada pela AGIR, com o objetivo de divulgar entre nós as mais recentes experiências educacionais, sobretudo da Europa e da América do Norte, que asseguram à criança e ao jovem de hoje os meios práticos indispensáveis à sua auto-realização ou saída integração humana.

De saída, André Berge tranquiliza o provável leitor, declarando que seu livro não é uma compilação de conselhos, regras e preceitos gerais, nem impõe o desenvolvimento de um plano de pesquisa. Trata-se apenas do prolongamento das conversas que ele entretém diariamente "com pais inquietos e confusos, mas também ciosos de exercer, da melhor maneira possível, o seu encargo de pais". Sua linguagem é clara, precisa, direta, libertada da terminologia técnica, abordando a matéria com a segurança e objetividade que só a própria experiência possibilita.

Não há dúvida de que a complexidade e dinâmica da vida moderna e a acelerada evolução social exigem do educador de hoje — pai e professor — uma responsabilidade ainda maior para com as novas gerações. Modernamente não se supõe que alguém pretenda cultivar flores laranjas ou galinhas sem antes se habilitar científicamente para a tarefa. Não faltam livros e revistas especializadas sobre o assunto. No entanto, uma aprendizagem das mais sérias e de maiores repercuções, como é o encontro do mãe e do pai de família, ainda é feita — na maioria das vezes — empiricamente, apenas por instinto e tradição.

O autor examina aspectos fundamentais da educação, deslocando seu centro de gravidade; isto é, ao invés de concentrar-se na criança e no adolescente, sua vida, seus problemas, volta-se para os adultos que lhe são familiares, especialmente os pais. As reflexões pais e filhos passam a ser objeto de suas considerações mais sérias. Insiste sobre o novo rumo que levam os estudos da assunção no substituir a questão "criança problema" por "pais problemas". Isso implica, desenvolvendo-se sob a influência do adulto, a criança resgatando em função do clima emocional que habita *l'homme-propre-en-soi*. Ela vai, assim, aprofundando sua experiência de vida, moldando suas bárbas de conduta, intimamente estruturando sua personalidade, dentro das contingências repressoras ou estimuladoras de seu ambiente afetivo e cultural.

Em preface à edição brasileira, entre outras considerações, assim justifica a matéria do seu livro: "os educadores durante muito tempo se preparam mais com as finalidades a atingir do que

propriamente com o objeto que desejavam encaixar na essas finalidades. A criança modelo, ou se quiserem, a criança ideal, que desejavam realizar, ocupava em sua mente um lugar muito mais importante do que a verdadeira criança sobre a qual pretendiam agir.

Algumas tiveram, entretanto, o cuidado de oferecer a essa criança-padrão condições modelares de existência, e J. J. Rousseau foi um dos primeiros a perceber que para estabelecer essas condições precisava por começar a prestar atenção à própria natureza do jovem ser humano. Infelizmente, o conhecimento da criança decorria ainda, para ele, de conhecimento do adulto; e o próprio conhecimento do adulto era encarado em sua obra mais sob um ponto de vista moral do que verdadeiramente psicológico.

Nos nossos dias, o progresso da Ciência, ou melhor, das Ciências psicológicas, modificou necessariamente os dados do problema educativo. Era naturalmente inevitável que a importância atribuída, desde então, ao período da infância da vida repercutisse sobre a pessoa da criança, cuja riqueza e complexidade descobriram enfim. Até então, por que era pequena a sua estatura, a tendência era minimizar tudo quanto lhe dizia respeito; só lhe atribuíam pequenos sentimentos e problemas, conflitos insignificantes. Eis, porém, que começavam a perceber que esses pequenos sentimentos, esses problemas, esses conflitos sem grande significação, tinham um papel marcante em toda vida do indivíduo.

O educador passava, de repente, a não poder mais ignorar a verdadeira criança que tinha a sua frente; e a educação que começara por ser uma ramificação da moral, mudava por assim dizer de aspecto para surgir doravante como um rebento da psicologia.

Uma tal inversão de tendências, voltando a pôr em causa muitas questões, impõe ao homem moderno, um novo trabalho de adaptação. O conhecimento mais profundo da criança começa, de fato, a tornar mais complicada a tarefa do educador, que acaba por não saber direito qual é o certo a sua função e em que consiste o seu papel. Não se pode, entretanto, negar que o adulto tem uma função e um papel a exercer junto à criança que evidentemente, não poderia viver sem sua ajuda. A psicologia pode inspirar uma linha de conduta, mas não ditá-la; esclarece-nos sobre as leis do desenvolvimento do indivíduo, assim como sobre alguns dos seus mecanismos inferiores e o funcionamento dos mesmos, cuja fragilidade nos demonstra, inicia-nos

por essa razão ao respeito pela pessoa da criança: essa última, porém, não prescinde da pessoa do adulto para achar o caminho que lhe permitirá um dia tornar-se, por sua vez, também adulta.

A educação com uma base psicológica não se confunde todavia com a psicologia. Na realidade, ela não chama apenas a atenção sobre a compreensão do educador, dá ao mesmo tempo uma visão clara das relações entre a criança e o educador. Há nisso um tríplice ponto de vista que não poderia ser dissociado. E é colocando-nos continuamente sob esse tríplice ponto de vista que nos permitimos esperar que se depreendam, cada vez com mais nitidez, as condições necessárias para conduzir o jovem ser a uma maturidade harmoniosa que lhe permita realizar-se tanto no plano individual como social".

A obra comprehende quatro partes. Na introdução, analisando as funções da família na vida da criança, situa o problema. Em condições prévias, examina a preparação dos pais para receber o filho, desde o plano remoto ao imediato, e as relações pais e filhos. Sob a denominação "Como agir na prática", reúne quinze pequenos capítulos, onde analisa objetivamente a influência do adulto nas

diferentes fases da evolução da criança e do adolescente. Em apêndice final, expõe a natureza e o alcance da expressiva contribuição que a psicanálise trouxe à educação, concluindo com estas palavras: "Nesse assunto tão vasto, só pude indicar algumas linhas gerais. Em suma, a psicanálise ensina o educador a melhor compreender-se e a melhor compreender a criança e suas necessidades".

Talvez se surpreendam porque a psicanálise não propõe processos radicalmente novos; seus resultados são, em geral, simples SOLUÇÕES DE BOM SENSO. Pode-se ser um excelente educador sem conhecer a psicanálise.

A intuição e o instinto educativos estão, por causa da vida artificial que levamos, sujeitos a muitos desvios e deformações e não podemos hoje dispensar-nos de uma auto-critica e de uma "tomada de consciência" a respeito do conteúdo emocional desse instinto e dessa intuição.

O inconsciente, de certo, tem sempre a última palavra; porém, podemos, conhecendo-o melhor, ou aprender a defender-nos contra o que ele encerra de neurótico em todos, ou usar oportunamente tudo o que ele possui de força construtiva e criadora".

## O CONTADOR DE HISTÓRIAS...

(Continuação da pág. 58)

tribilho: Sabe? Entende? Está comprehendendo? Ouviu? Não é?

Em certas aulas, na antiga Escola Politécnica, os alunos se distraiam contando o número de vezes que o professor F. incidia em determinado estribilho.

### 4º) Ter na mão uma ponteira.

Será muito fácil ao narrador ampliar ou multiplicar os seus gestos, se apelar para o auxílio de uma pequena flecha, uma varinha, uma ponteira. Em alguns casos uma régua (de pequeno largura), com três decímetros de comprimento, poderá servir.

Com auxílio da flecha (que deverá medir 1 metro ou 1 metro e 10 centímetros de comprimento) o narrador, como já dissemos, poderá não só variar como ampliar e melhorar a sua gesticulação. Ora segura a flecha na mão direita, pelo meio, por uma das extremidades; transfere-a, a seguir, para a mão esquerda; toma a flecha em ambas as mãos; com a ponta da flecha indicará o voo rápido de um pássaro, o caminhar, ao longe, de uma caravana, o ponto em que o aventureiro enterrou o tesouro... A flecha, nas mãos do narrador, torna-se um auxiliar precioso para garantir a eloquência e a suavidade do gesto.

"Lembro-me da Sra. L. durante uma reunião em casa do Prof. Renato Souza Lopes. A Sra. L. não poderia merecer o qualificativo de bonita; muito longe estava de possuir qualquer atributo excepcional de beleza. E, no entanto, quando

contava um caso, narrava um episódio, era ouvida com especial agrado e verdadeiro encantamento por todos os presentes. Percebi o segredo da Sra. L. e revelei-o ao dono da casa. Ela narrava sem as arestas agudas do estribilho, gestuando fina e harmoniosamente, com auxílio de um leque que era, aliás, mantido sempre fechado. Com o recurso do leque a talentosa narradora tornava as suas imagens mais vivas, as suas frases mais expressivas, as suas manelras mais agradáveis e eloquentes. O leque, no caso, fazia o papel de **flecha**, da clássica ponteira do bom professor. A Sra. L. era (sem o saber) um verdadeiro expoente na ARTE de CONTAR HISTÓRIAS".

### 5º) Tirar partido de qualquer anormalidade que ocorrer durante a narrativa.

O narrador que fôr dotado de presença de espírito poderá tirar partido de qualquer anormalidade ocorrida durante a narrativa.

Um episódio, apenas, poderá servir para ilustrar a nossa observação:

"Achava-me, certa vez, na cidade de Londrina (Paraná) e preparava-me para contar uma história a uma classe primária no Grupo Escolar. Já havia iniciado a narrativa: "Era uma vez um rei que tinha dois filhos. Esse rei era bondoso e muito estimado..." Nesse momento ouvi-se, na rua, fortíssima explosão, provocada por pesado caminhão. Os meninos mostraram-se espantados. Sem fazer o menor comentário ao caso, prossegui: "Esse rei era tão calmo, tão valente, que um estouro, como esse que acabamos de ouvir, não o amedrontava..." Os meninos sorriam e permaneceram em silêncio, ouvindo a história até o fim."

SECRETARIA GERAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA - DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PRIMÁRIA  
SETOR DE BIBLIOTECAS E AUDITÓRIOS — D. FEDERAL.

# BIBLIOGRAFIA - Matemática para Escola Primária

Ord.	Autor	Editora	Título da obra	Série
1	Alice Brandão Trampowsky e Nide Cerqueira	Briguiet	Exercício para curso de admissão	5.º
2	Alice Brandão Trampowsky	"	400 exercícios de matemática	1.º a 3.º
3	Alice Brandão Trampowsky	"	600 exercícios de matemática	4.º e 5.º
4	Alice Brandão Trampowsky e Nide J. Ribeiro	"	Contos e contas	2.º
5	Adizel de Carvalho e M. A. de Carvalho	Incra	Matemática para admissão	5.º
6	Agiberto Ferreira	Soc. Imp. Bras.	Guia de matemática	5.º
7	Alfredina de Paiva e Souza	Rio	Minha aritmética	3.º
8	Alfredina de Paiva e Souza	Apolo	O ensino de cálculo na escola primária — probl. metodológicos	—
9	Alfredina de Paiva e Souza	—	Estudos e problemas sobre o cálculo na Escola de Prof. do ITE do DF	—
10	Antônio Pedro Wolff	Saraiva	Meus problemas	1.º a 4.º
11	Bruno Heuser	Petrópolis	Aritmética para a escola primária	—
12	Catoldi	Briguiet	Exercícios de matemática	1.º e 2.º
13	Cecy Cony	Selbach — P. A.	Aritmética	1.º e 2.º
14	Cecil Thiré	Borsari	Aritmético	5.º
15	Célia Cortes Abdon	Conquista	Meus exercícios de cálculo	1.º e 2.º
16	Célia Cortes Abdon	"	Minha tabuada	—
17	Célia Cortes Abdon	"	Primeiros passos na matemática	—
18	Carmen Gil e Iza Goulart Macedo (separata da Revista de Educação Pública — 1947 — Rio)	—	Breve orientação sobre o ensino da matemática. Obs. sobre os resultados dos exames nas escolas prim.	—
19	Everardo Backheuser	Globo	Como se ensina matemática	—
20	Gaspar de Freitas	Francisco Alves	Lições práticas de arit., geo. e desenho	—
21	Helena L. Abranches e Esther Pires Salgado	C. B. Art. Graf	Meus exercícios	1.º a 5.º
22	Hermínio Celestino	—	Idéia concreta dos números	—
23	Irene de Albuquerque	Conquista	Metodologia da Matemática	—
24	Irene de Albuquerque	"	Testes para o curso primário	1.º a 5.º
25	Irene de Albuquerque	"	Testes para o curso primário (para o professor)	—
26	Irene de Albuquerque	"	Jogos e recreações matemáticas (dois volumes)	—
27	Irene de Albuquerque	"	Matemática fácil e atraente	—
28	Irene de Albuquerque	"	Cálculos Graduados (adição e subtração)	1.º
29	Irene e Cosette de Albuquerque	"	Cálculos Graduados (adição e multiplicação)	2.º e 3.º
30	Irene de Albuquerque e outros profs. do ITE	"	Prática de ensino primário	—
31	J. C. de Mello e Souza e Irene de Albuquerque	Aurora	Diário de Lúcio	4.º
32	J. C. de Mello e Souza e Irene de Albuquerque	"	Tudo é fácil	3.º
33	Lélia N. P. Visani	Brasil	Começando a calcular	—

Ord.	Autor	Editora	Título da obra	Série
34	Min. de Ed. e Saúde — Publicação n.º 17 — 1952	INEP	Matemática no curso primário	
35	Coleção Guias de Ensino	"	Matemática na escola elementar	
36	J. C. de Mello e Souza	Getúlio Costa	Meu caderno de matemática 5.º	
37	José Izidoro Lopes	Globo	Tabuada metódica	
38	Laudinio Trotta	D. Imp. Nac.	Problemas aritm. solucionados	
39	Monteiro Lobato	Brasiliense	Aritmética da Emilia	
40	Manuel Bergstrom Lourenço Filho	Melhoramentos	Aprender por si!	
41	Maria José Lengruber	Minerva	Matemática para você	
42	Nazir Cardoso	"	Aulas e práticas do programa de admissão	5.º
43	Nilcêa Lima de Figueiredo Rocha	Agir	Problemas modernos de aritmética	4.º e 5.º
44	Olga Pereira Mettig e M. L. Magalhães	Brasil	Minha aritmética	1.º, 2.º, 4.º
45	P. D. F. — D. E. P.	—	Programa mínimo para o Curso Primário	
46	Rubens Mello Ribeiro	Francisco Alves	Aritmética	1.º a 5.º
47	Suely Aveline	Globo	Meu caderno de Matemática	1.º a 5.º
48	Theobaldo Miranda Santos	Agir	Matemática	2.º
49	Vasconcellos	—	Matemática	1.º e 2.º
50	Zulmira Queiroz Breiner	Getúlio Costa	Histórias de D. Matemática	

#### QUADROS:

- 1 Sistema Métrico Decimal
  - 2 Mapa Parker — para o ensino da matemática
  - 3 Mapa para o ensino da ling., leit. e aritmética
  - 4 Cenas infantis
  - 5 Coleção brincar e aprender
- Melhoramentos      Números 8, 4 e 2

#### LIVROS E PUBLICAÇÕES ÚTEIS À PROFESSORA DE JARDIM DE INFÂNCIA:

- 1 — Allen, Frederick — Psicoterapia infantil.
- 2 — Baruch, Dorothy Walter — Parents and children go to school.
- 3 — Buhler, Charlotte — Smitter F. — Richardson, S. — Los problemas de la infancia y la maestra.

#### BIBLIOGRAFIA

- Claparède, E. — La escuela y la psicología.  
 Collin, G. — Compêndio de Psicología infantil.  
 Collin, G. — Selection de testes al servicio de la Psicología infantil.  
 Faure, Madeleine — El Jardim de Infantes.  
 Gamboa, Elvira Vasquez — Jardines de Infantes.  
 Gesell, Arnold — Los niños de 1 a 5 años.  
 Gesell, Arnold — La educación del niño en la cultura moderna.  
 Guilhaume, Paul — Manual de Psicología.  
 Hill — Burke — Conard — Dalgiese — Hughes — Rankin — Thorn — Garrison — Programa de actividades de los Jardines de Infantes.

- Machado, Maria Clara — Como fazer teatrinho de bonecos.  
 Machado, Maria Clara — Teatro infantil.  
 Malba Tahan — A arte de ler e contar histórias.  
 Myra y Lopez, Emilio — Psicología evolutiva de la niñez y del adolescente.  
 Negromonte, Álvaro — Educação sexual.  
 Negromonte, Álvaro — O que fazer de seu filho.  
 Overstreet, H. A. — A maturidade mental.  
 Parkhurst, Helen — Exploración del mundo infantil.  
 Piaget, Jean — Psicología de la inteligencia.  
 Rambert, Madeleine L. — La vida efectiva y moral del niño.  
 Rezzano, Clotilde Guillén de — Los Jardines de infantes.  
 Rouma, Georges — El lenguaje gráfico del niño.  
 Vigil, Constancia — Educação dos filhos.  
 Wolftheim, Nelly — El Jardim de infantes.  
 Machado, Maria Clara — Cadernos de teatro n.º 1, 2, 3, 4 e 5.

## OS BRINQUEDOS

(Continuação da pág. 20)

ouse à outra extremidade, onde se desenrolará a cena a seguir.

As crianças deitam-se e fingem que dormem. A platéia composta de crianças do Jardim, sentadas no chão mudam de posição a fim de acompanhar a segunda cena).

### 2.º ATO

**Personagens** — Cubo — Chapéu  
Baquêta — Pincel.

Crianças caracterizadas de cubo, pincel, chapéu de papel e baquêta entram, dirigem-se para perto da menina, depois para perto do menino. Recitam.

A menina é boazinha,  
Dormindo pode ficar,  
O travesso Joãozinho,  
Iremos nós acordar.

**Cubo** — (Aproxima-se do Joãozinho e puxa-lhe um braço) — Dorminhoco, acorde.

**Joãozinho** — Estou com sono, quero dormir.

**Chapéu** — Queremos falar com Você.  
**Joãozinho** — Mais tarde, agora não, estou com sono.  
(Os brinquedos começam a puxar o Joãozinho).

**Joãozinho** — Ai, ai minhas pernas, meus braços, ai, ai!

**Brinquedos** — Acorde, acorde!

**Joãozinho** — Afinal que querem vocês?  
(Senta-se na cama).

**Pincel** — Olhe como você me deixou, todo sujo.

**Baquêta** — Sou amigo do tambor e você me jogou tão longe dêle.

**Chapéu** — Veja como estou rasgado.

**Cubo** — E eu todo amassado.

**Joãozinho** — É mesmo, mas não foi de propósito. Eu gosto muito de vocês.

**Cubo** — Se gosta, não parece.

**Joãozinho** — É verdade, gosto sim, e prometo ter cuidado com todos vocês.

**Brinquedos** — Então venha nos abraçar.  
(Abraçam o Joãozinho. Em seguida fazem uma roda e cantam)

Outra vez somos amigos,  
Do travesso Joãozinho,  
Ele agora prometeu  
Cuidar de nós com carinho.

FIM

## PARA TOMAR OU RENOVAR ASSINATURA DA REVISTA DO ENSINO

Destaque o quadro abaixo, seguindo as instruções à página seguinte:

Autorizo a renovação de minha assinatura da Revista do Ensino, a contar do n.º \_\_\_\_\_  
inscrição

Para esse fim envio em \_\_\_\_\_  
(cheque bancário, vale postal ou valor declarado)

a quantia de Cr\$ .....  
(Porte comum, 1 ano (8 n.ºs) Cr\$ 200,00 — 2 anos (16 n.ºs) Cr\$ 300,00)

expedida em .....  
(Data)

Nome: .....

Rua: .....

Enderéco:  
(Bem legível)  
Bairro: .....

Cidade: .....

Estado: .....

Enderéco da Revista do Ensino

Av. Borges de Medeiros, n.º 1224 — 13.º andar — Porto Alegre

# *Revista do Ensino*

Publicação Oficial da

Secretaria de Educação e Cultura

do Rio Grande do Sul



## **ASSINATURAS ENDEREÇO**

### **SOB PORTE SIMPLES**

1 ANO .....	Cr\$ 200,00
2 ANOS .....	Cr\$ 360,00

### **Sob porte aéreo**

Mais Cr\$ 15,30  
por exemplar.

As remessas de numerário  
devem ser endereçadas a:

**REVISTA DO ENSINO**

Avenida Borges de Medeiros, 1224  
— 13º Andar —

Porto Alegre — R. G. do Sul

**BRASIL**

Remeta a importância de sua assinatura por valor declarado ou cheque bancário.